

PRÊMIO NOVA  
1989

# MERLON

ANO II

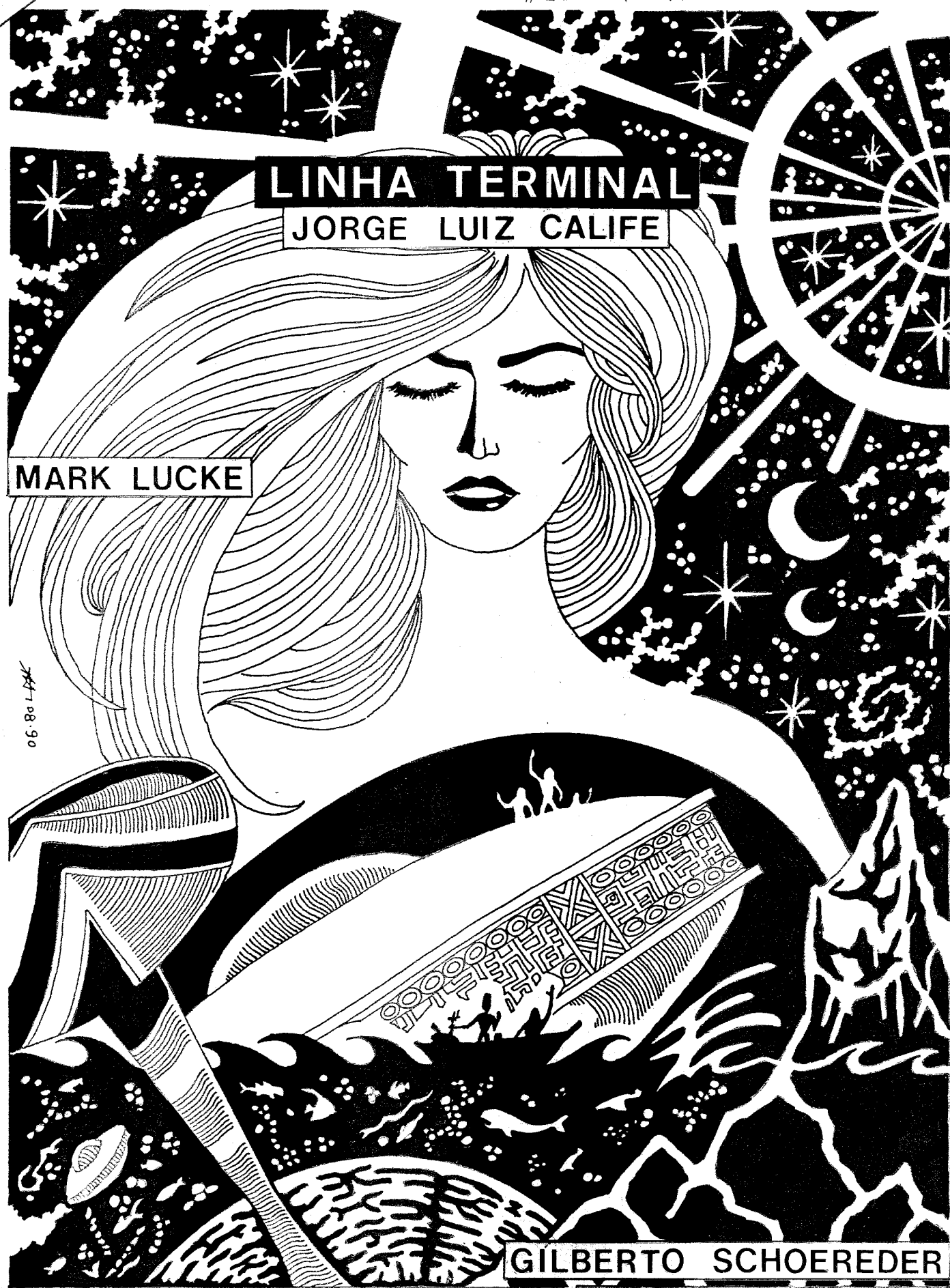
#12

SET. 90

## LINHA TERMINAL JORGE LUIZ CALIFE

MARK LUCKE

06.88.90



GILBERTO SCHOEREDER

ROBERTO SCHIMA

L. RON HUBBARD'S CONTEST

ORSON SCOTT CARD



Ano II Número 12 Setembro 1990

**EDITORES:** Marcelle Simão Branco & Renate Resatti

**Colaboradores:** Gilberto Schoereder, Jeremias Meranu, Jorge Luiz Calife, Orsen Scott Card(USA) e Roberto de Sousa Cause.

## EDITORIAL

Pedemos dizer que esta é uma edição especial. Motivos não faltam: 60 páginas, com 6 trabalhos de ficção, entre eles a condensação do romance Linha Terminal de Jorge Luiz Calife, numa iniciativa inédita na FC brasileira. Prestamos um serviço ao fandom e esperamos ansiosos a publicação de romance para 1991. Temos mais trabalhos internacionais, como mais um conto de Mark Lucke e um bom artigo vindo da Finlândia. MEGALON melhora, diversifica seu conteúdo e se aproxima mais da realidade do fandom.

Para o próximo nº, teremos a estreia de uma seção de Cartas. Um anseio longe de alguns leitores que será atendido. Escreva, critique, dê sugestões para que o zine fique cada vez mais de seu agrado e possamos ter um espaço para debater questões da FC, Horror e Fantasia no Brasil.

Questões que serão amplamente debatidas em um acontecimento ímpar: a I InteriorCen, a convenção de FC que se realiza em outubro no interior de S. Paulo. Presença de Orsen Scott Card, debates, palestras, discussões de rumos e caminhos para a FC brasileira. Um evento importante, que temos de apoiar, participar e contribuir pra que seja o primeiro de muitos. Todos à InteriorCen!

### ENDEREÇOS

Por M.S.B.

Cartas e submissão de trabalhos: Av. Clara Mantelli, 110 04771 S. Paulo - SP Brasil

Assinaturas - 1 edição, 7 BtNs - Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 04773 S. Paulo, SP Brasil

## ÍNDICE

### ARTIGOS

- Os Personagens de Weird Tales	8
- Anos 80 da FC no Cinema	12
- L. Ron Hubbard's Contest	16
- Insetóides Racionais	18
- Máquinas Von Neumann	21

### FICÇÃO

Neveleta	
- Linha Terminal	24
Contos	
- Chamado Metálico	41
- Assemblagem do Passado	43
- Um Dia na Vida de Ramos da...	47
- Invasão dos Egípcios de Marte	48
Quadrinhos	
- Homens e Máquinas	50

### ILUSTRAÇÕES

- Roberto S. Cause	24, 33, 60
- Steven Fox(USA)	59
- Mark Lucke(USA)	46
- Roberto Schima - Capa, baseada em "Linha Terminal", 11, 35, 39, 40, 41, 48 e 57	

### SEÇÕES

- Editorial	2
- Diário de Bordo	3
- Contatos	6
- Ciência	54
- FC BR	55
- Books to Look For	56
- Classics	58

Agradecemos a todos os que, direta ou indiretamente, colaboraram nesta edição.

Data de fechamento para a próxima edição, dia 20 de outubro.

- O grupo de fãs independente da cidade de Sumaré SP está ultimando os preparativos para a I InteriorCon. Espera-se para o evento um número recorde de participantes em eventos do fandom nacional, além da presença de editoras como a Aleph e a Record. A grande estrela do evento é o consagrado autor americano Orson Scott Card, que, possivelmente terá o seu terceiro livro visto no Brasil, Orador dos Mortos (Speaker for the Dead, Hugo e Nebula, 1986), lançado durante a convenção, completando a façanha de ter três romances publicados aqui em um ano. Outros participantes são: Ivan Carlos Regina, Henrique Villibor Flory, Rogélio Bonil, Silvio A. Ferreira Neto, Pierluigi Piazzi, R.C. Nascimento. Os organizadores enviarão mala postal para 1.000 fãs relacionados, com informações sobre o programa (ao lado) e como chegar à Sumaré. Se você não está cadastrado, ligue (0192)732534 e contacte um grupo de fãs próximo.

- IVAN CARLOS REGINA, finalista do Nova 1989, informa que lançará sua primeira coleção de histórias no fim deste ano ou início do próximo. Será um lançamento muito esperado.

- HENRIQUE VILLIBOR FLORY está correndo o interior paulista divulgando seu romance Projeto Evolução, numa promoção dos Cursos Inobjetivo.

- O conto "Xenopsicólogos na Fase Crítica", de GERSON LODI-RIBEIRO, foi publicado no semi-prozine francês Antarès, editado por JEAN-PIERRE MOULMON, com o título de "Phase Verte". A história saiu no Nº 35.

- Minha história "Duelo Neural" foi publicada na revista em quadrinhos Os Guerreiros de Jobah Nº 1. No Nº 2 da revista co-irmã Mephisto - Terror Negro, veja uma matéria de minha autoria sobre o romance gráfico Watchmen (Hugo 1988).

- A coleção de histórias de JOSÉ DOS SANTOS FERREIRAS, finalista do Nova 1989, esperada para esta Bienal do Livro, foi adiada. A editora é a FCGRD, de GUMERCINDO ROCHA DÓREA.

- O autor carioca IVANIR CALADO, lançou recentemente um romance inédito de fantasia, A Mãe do Sapo, que tem recebido entusiásticas avaliações.

- ALGIS BUDRYS, conhecido autor norte-americano e curador do famoso L. Ron Hubbard's Writers of The Future, um concurso preocupado em revelar novos nomes da FC mundial, ofereceu-se para fornecer know-how objetivando a promoção, por interessados brasileiros, de uma versão nacional do concurso. Eventuais interessados devem contactar o editor deste fanzine, Marcello S. Branco, solicitando maiores informações.

- E por falar em concurso, saiu o muito aguardado concurso da Isaac Asimov Magazine, muito apropriadamente batizado como Prêmio Jerônimo Monteiro. O regulamento será publicado no Nº 5 da revista. O concurso premiará os 3 melhores trabalhos, com boas quantias e publicação na revista. A partir do anúncio dos resultados, segundo ADÉLIA MARQUES RIBEIRO, coordenadora editorial da revista, a Isaac Asimov Magazine estará aberta a submissões. O mínimo que se espera como fruto dessa louvável iniciativa é uma arrancada na ficção científica brasileira.

- A Isaac Asimov Magazine Nº 4 publicou um extrato de minha entrevista feita com ORSON SCOTT CARD. Felizmente o editor da versão nacional, RONALDO SÉRGIO DE BIASI, selecionou um trecho tratando das opiniões de Card favoráveis a uma ficção científica de caráter brasileiro. A entrevista completa, com mais de 30 perguntas, poderá ser publicada pelo Somnium.

- BRAULIO TAVARES terá seu muito interessante artigo "De Volta para o Sonho", publicado no Nº 6 ou 7 da Isaac Asimov Magazine. O artigo trata do estado da FC brasileira, nossa situação mercadológica e o que a revista poderá mudar.

- O que é Ficção Científica capa-dura? O Círculo do Livro está lançando a Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, em novas versões capa-dura reunindo três tópicos em cada volume. O volume 1 traz o que é Capitalismo, Socialismo, comunismo, e o volume 10 Jornalismo, Editora, Cinema. Torçamos para que um dos próximos traga o bom ensaio de BRAULIO TAVARES, O que é Ficção Científica.

- PAULO COELHO é o mais novo best-seller brasileiro, com os romances O Diário de Um Mago, O Alquimista e Brida. Não seria ele um autor brasileiro de fantasia?

- Novos livros no mercado brasileiro: O Gato que Atravessa Paredes, um dos últimos romances escritos por Robert A. Heinlein, pouco antes de sua morte, em 1988; A Fundação e a Terra, mais uma incursão de Isaac Asimov no universo da série fundação, agora fundindo-a definitivamente à Saga dos Robôs; Encantamentos, antologia de histórias de fantasia com temas mágicos, editada por Asimov, Martin H. Greenberg, etc; O Segredo do Abismo, de Orson Scott Card, baseado no roteiro de James Cameron, tratando-se da novelização (ou romantização) do filme homônimo, num livro que está sendo muito elogiado no Rio e que foi considerado pela Locus como a melhor novelização de 1989 — o segundo lugar ficou para Total Recall, de Piers Anthony, baseado no roteiro do filme estrelado por Arnold Schwarzenegger.

PROGRAMA I INTERIORCON - 12, 13 e 14 de outubro

dia 12 - sexta-feira  
 recepção à partir das 10:00 hs nas estações rodoviária e ferroviária  
 15:00 - abertura, apresentação dos convidados e das celebridades presentes, leitura do programa, apresentação do prêmio para o melhor autor novo  
 16:00 - fim  
 16:10 - palestra do convidado de honra Orson Scott Card  
 17:00 - fim  
 17:15 - palestra do fã convidado de honra José Carlos Neves  
 18:00 - fim  
 18:10 - tempo livre para fanzines, clubes, etc.  
 19:20 - fim  
 19:30 - palestra "Projeto Evolução", Henrique Villibor Flory - conceitos técnicos do romance Projeto Evolução  
 20:20 - fim  
 20:30 - palestra "Estágio Qualitativo da Ficção Científica Brasileira", Silvio Alexandre Ferreira Neto, editor da Coleção Zenith, sobre sua experiência na avaliação de textos nacionais  
 21:20 - fim  
 21:30 - sessão de leituras  
 23:00 - fim e "toque de recolher"  
 dia 13 - sábado  
 9:00 - sessão de autógrafos e lançamentos de livros - Orson Scott Card, Henrique Villibor Flory, etc.  
 11:20 - fim  
 11:30 - tempo livre para clubes, fanzines, etc.  
 13:00 - fim  
 13:10 - palestra "A Ciência Nacional na Ficção Científica Brasileira", Pierluigi Piazzi, publisher da Ed. Aleph  
 14:00 - fim  
 14:20 - reunião de representantes do fandom nacional: proposta para a fundação da Confederação Brasileira de Ficção Científica e Fantasia, definição para os semi-prozines, proposta de outras convenções - R. C. Nascimento, Roberto de Sousa Causo  
 15:20 - fim  
 15:30 - debate: "Movimento Antropofágico da Ficção Científica Brasileira" - Ivan Carlos Regina, Henrique Villibor Flory, Orson Scott Card - mediador: Roberto de Sousa Causo  
 17:20 - fim  
 17:30 - tempo livre para clubes, fanzines, etc.  
 18:50 - fim  
 19:00 - brainstorm literário: "Mil Idéias em Uma Hora" - Orson Scott Card - geração de idéias para histórias de ficção científica e fantasia  
 20:00 - fim  
 20:10 - adendo ao brainstorm - desenvolvimento e estruturação das idéias surgidas em um romance  
 21:10 - fim  
 21:30 - sessão de leituras  
 23:00 - fim e toque de recolher  
 dia 14 - domingo  
 9:00 - palestra "Espiritismo e Ficção Científica", Rogélio Bonil - proposta de uma recorrência temática para a FC brasileira  
 10:00 - fim  
 10:10 - palestra "Transformando Filmes em Livros", Orson Scott Card, sobre seu trabalho de adaptação do filme O Segredo do Abismo  
 11:00 - fim  
 11:10 - tempo livre para clubes, fanzines, etc.  
 12:30 - fim  
 12:50 - entrevista: Orson Scott Card - os leitores conversam com o autor norte-americano  
 13:50 - fim  
 14:00 - revelação do prêmio para melhor autor novo  
 14:20 - fim  
 14:25 - encerramento, entrega de diplomas, informações sobre a II InteriorCon  
 15:00 - fim e despedidas

A CONVENÇÃO DE FICÇÃO CIENTÍFICA DO INTERIOR DE SÃO PAULO  
 SUMARÉ - SP - INFORMAÇÕES: (0192) 732534, com Roberto de Sousa Causo

- Iniciou-se a 22 de agosto a primeira oficina literária de ficção científica de que se tem notícia no Brasil, intitulada "A Magia da Ficção Científica" e levada a cabo dentro do programa Oficina da Palavra, pela Secretaria de Estado da Cultura. A oficina é realizada durante às quartas e sextas, nas dependências do Museu da Literatura de São Paulo, Casa Mário de Andrade. A coordenação é do consagrado André Carneiro, o único autor brasileiro de ficção científica a obter penetração e reconhecimento no exterior. A oficina funcionará até 23 de novembro, sendo destinada não somente aos que aspiram tornarem-se escritores do gênero, mas também aos interessados em entender melhor a FC. Os primeiros dias de atividade têm sido destinados a apresentação de temas diversos relacionados ao gênero, como o preconceito sofrido por ele, suas definições e abrangências, etc. Entre os inscritos encontram-se:

- IVAN CARLOS REGINA
- ROBERTO SCHIMA
- SILVIO ALEXANDRE FERREIRA NETO
- ROBERTO DE SOUSA CAUSO
- FINÍSIA RINA FIDELI, médica homeopata com contos de FC e artigos publicados na revista *Escrita*.
- JÚLIA JOAQUINA BRANDÃO, secretária, trabalhando nas empresas Folha de São Paulo.
- GEANDRO ARAÚJO SANTANA, com um romance guardando publicação.

- MARCIO TEIXEIRA, trabalha na área de produção das Oficinas Culturais Oswald de Andrade e possui um texto teatral definível como FC ou Realismo Fantástico.
- MILA POCE CABRAL, atriz de teatro e cinema, tendo atuado em peças e filmes de FC/fantasia.
- CÉLIA REGINA DE OLIVEIRA SILVA, pedagoga com a intenção de captar o lúdico na FC/fantasia para aplicação educacional para crianças.
- GIL BRAULIO, ator de teatro aposentado.
- ANA PAULA S. DE OLIVEIRA, estudante de tradução.
- CIBELE ADHMANN DE LIMA, estudante de tradução.



#### INTERNACIONAL

##### RESULTADOS DO PRÊMIO NEBULA 1989:

###### MELHOR ROMANCE

The Healer's War, Elizabeth Ann Scarborough (obra de fantasia ambientada no Vietnã durante a guerra)

###### MELHOR NOVELA

"The Mountains of Mourning", Lois McMaster Bujold (mais uma vitória da prestigiada Bujold, que venceu na categoria de Melhor Romance no ano passado)

###### MELHOR NOVELETA

"At the Rialto", Connie Willis (outra escritora de grande aceitação atualmente, frequentemente vista nas páginas da Isaac Asimov's)

###### MELHOR CONTO

"Ripples in the Dirac Sea", Geoffrey A. Landis (inesperada vitória de um autor muito visto em Analog, e que não foi sequer indicado para o Hugo — este conto aparecerá na Isaac Asimov Magazine Nº 5 como "Ondulações no Mar de Dirac")

##### RESULTADOS DO BRITISH SCIENCE FICTION ASSOCIATION AWARDS 1990:

###### MELHOR ROMANCE

Pyramids, Terry Pratchett (um trabalho de humor e ficção científica)

###### MELHOR FIÇÃO CURTA

"In Translation", Lisa Tuttle (publicado na antologia Zenith)

###### MELHOR APRESENTAÇÃO DRAMÁTICA

Red Dwarf

###### MELHOR TRABALHO DE ARTE

Jim Burns (capa, para Other Edens II) (mais uma vitória do hiper-realista Burns, que também já recebeu um Hugo)

##### RESULTADO DO COMPTON COOK/STEPHEN TALL MEMORIAL AWARD PARA O MELHOR PRIMEIRO ROMANCE 1989:

The Shining Falcon, Josepha Sherman

##### RESULTADO DO PRIX APOLLO PARA O MELHOR LIVRO DE FC PUBLICADO NA FRANÇA

Argentine, Noël Houssin (quinto francês a vencer o prêmio desde sua criação, por Jacques Sadoul em 1973 tratando-se de uma aventura pós-apocalíptica passada num campo de prisioneiros na Argentina)



da Asimov's:  
MELHOR NOVELA  
"A Touch of Lavender", Megan Lindholm  
MELHOR NOVELETA  
"The Lech Moose Monster", Janet Kagan  
MELHOR CONTO  
"Windwagon Smith and the Martians", Lawrence Watt-Evans  
MELHOR POEMA  
"Old Robots Are the Worst", Bruce Boston  
MELHOR ILUSTRADOR DE CAPA  
Keith Parkinson  
MELHOR ILUSTRADOR DE INTERIOR  
Janet Aulisio

da Analog:  
MELHOR NOVELA/NOVELETA  
"Labyrinth", Lois McMaster Bujold  
MELHOR CONTO  
"The Happy Dead", Amy Bechtel  
MELHOR ARTIGO  
"The Ape-Man Within Us", L. Sprague de Camp  
MELHOR CAPA  
Todd Cameron Hamilton, "The Gentle Seduction"

Atente para o fato de que muitos dos ganhadores não são aqueles indicados para o Hugo ou o Nebula, como é o caso do melhor conto da Asimov's.

- Amazing Stories, a mais antiga revista de FC em circulação, criada em 1926 por Hugo Gernsback, e que estava ameaçada de cessar suas atividades, irá mudar de formato, passando para uma revista de 96 páginas coloridas a começar de maio de 1991. Felizmente continuará sendo uma revista de ficção. O atual editor é Patrick Lucien Price, que será substituído por Kim Mohan, que havia editado a revista de ficção e jogos Dragon, por sete anos.

- Isaac Asimov e Ray Bradbury estiveram entre os convidados para o jantar oferecido pela Casa Branca por ocasião da última visita de Mikhail Gorbachev. Os dois escritores, ao que se sabe, são muito apreciados na União Soviética.

- Marion Zimmer Bradley sofreu mais um ataque cardíaco em 17 de maio. Ela ainda estava hospitalizada até o mês de julho, e que ferçou o cancelamento de várias de suas participações em convenções. Ela ainda continua editando o semi-prozine Marion Zimmer Bradley's Fantasy Magazine

- A. E. Van Vogt está trabalhando numa sequência ao seu conhecidíssimo Slan, 50 anos após o primeiro romance ter parecido. Ele já havia feito algo semelhante com as sequências ao Mundo de Null-A. Van Vogt é muito prestigiado na Europa e Inglaterra.

- Philip José Farmer vendeu os direitos para eventuais produções cinematográficas de seus livros da série O Mundo de Rio, num acordo que prevê pagamentos escalonados à medida em que cada filme for sendo produzido (dependendo da resposta do público, é claro). Assim, o último trabalho filmado, Gods of Riverworld, renderia a Farmer 150% a mais que o primeiro.

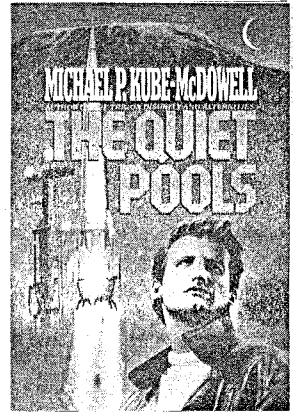
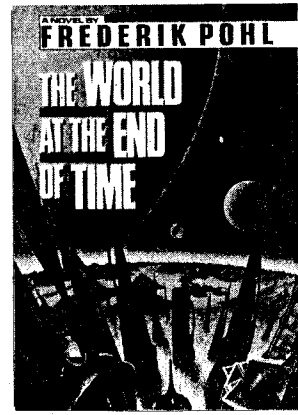
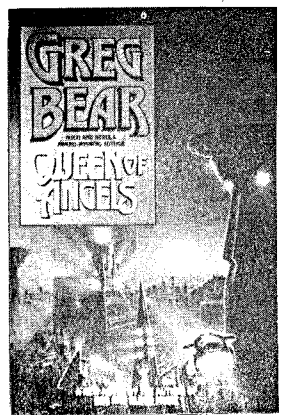
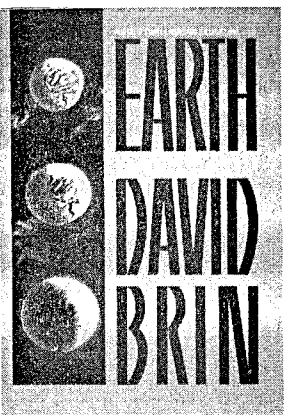
- The Magazine of Fantasy and Science Fiction, editada por Edward L. Ferman irá publicar uma edição especial em dezembro, dedicada a Stephen King -- a primeira edição dedicada a um determinado escritor desde a edição abordando Harlan Ellison em 1977. A "edição Stephen King" trará um conto original, "The Moving Finger" mais um excerto de um romance inédito. Stephen King é o autor mais vendido em todos os tempos, e o recordista mundial em adiantamentos, tendo recebido cerca de US\$ 30 milhões por um pacote de quatro livros. Atualmente, no Brasil, podemos encontrar, em recentes lançamentos, A Dança da Morte e Os Temykneckers. O filme Cemitério Maldito, baseado em um de seus romances, Pet Cemetery, com roteiro dele próprio, ainda pode ser visto em cartaz no Brasil. Como em outros filmes baseados em seus livros, King aparece como penta em uma cena ou outra.

- Para efeito de comparação de mercados, vamos dar uma olhada nas tiragens de alguns romances publicados nos EUA:

' When Gravity Falls, George Alec Effinger, 4ª edição (50 mil no total). ' A Fire in the Sun, George Alec Effinger, 2ª edição (50 mil no total). ' The Farthest Shore, Ursula K. Le Guin, 22ª edição ( um milhão e 60 mil, no total). ' Always Coming Home, Ursula K. Le Guin, 6ª edição (233 mil no total). ' Reach, Edward Gibson (ex-astronauta da NASA), 2ª edição (116 mil, no total). ' West of Eden, Harry Harrison, 9ª edição (496 mil, no total).

As tiragens médias no Brasil são de 2 a 5 mil. Acima dessa cifra um livro já pode ser considerado um best-seller, posição que se consolida na casa dos 15 mil. O que está errado?

- Os romances que estão despertando a maior atenção nos Estados Unidos, no momento, são: Earth, de David Brin, no meu entender o único autor a rivalizar em popularidade com Orson Scott Card; Queen of Angels, de Greg Bear; The World at the End of Time, de Frederik Pohl, que ainda é o autor de velha guarda mais prestigiado pelos críticos; The Quiet Pools, de Michael P. Kube-McDowell, considerado por Card entre os novos nomes, como um dos dez melhores.



Próxima edição, a estreia da seção Cartas. Prestígio, abrindo um espaço para o debate dos problemas de nossa FC. Escreva no envelope: MEGALON - Cartas, para nessa identificação.

# contatos

PUBLICAÇÕES E ATIVIDADES DO FANDOM NACIONAL

por MARCELLO SIMÃO BRANCO

## REVISTAS



ISAAC ASIMOV MAGAZINE. Editor: Ronaldo Sérgio de Biasi. Versão brasileira da 'Isaac Asimov Science Fiction Magazine' - EUA. Editora Record, nº 3, julho 1990, 192 págs, mensal 12,5X18,3 cm. A terceira edição - capa ao

lado - apresenta novidades: divide as histórias em novelas(1), noveletas(2) e contos(6), como a americana e passa a trazer os títulos originais e data de publicação original. Bem editorial de Asimov, a novela "Esperando os Olímpianos" de Frederik Pohl, a noveleta "O Preço das Laranjas" - finalista de Hugo 90 - de Nancy Kress, "Tempo Real" de Lawrence Watt-Evans e "Iridescência" de Dean Whitleck, merecem atenção especial.

ISAAC ASIMOV MAGAZINE. Editor: Ronaldo Sérgio de Biasi. Versão brasileira da 'Isaac Asimov's Science Fiction Magazine' - EUA. Editora Record, nº 4, agosto 1990, mensal, 192 págs, 12,5X17,7 cm. Traz 1 novela, 2 noveletas e 8 contos - a edição com mais histórias até aqui. Entrevista com Orson Scott Card e as histórias "O Ovo" de Steven Popkes, "A Flor de Vidre" de George R.R. Martin, "Abraceando a Noite" de Richard Paul Russo, "O Último a Saber" de Debra Wessel, entre outras, são destaques.

SET - TERROR E FICÇÃO. Editor: Eugênio Bucci. Editora Azul, nº4, julho 1990, trimestral, 60 págs, 20,7 X27,3 cm. Edição caprichada no aspé

cto gráfico-visual e nos textos. Artigos sobre "De Volta para o Futuro III", "Rebocep II", entrevistas com Joe Dante e Tebe Hoper, matérias sobre filmes de FC e Horror, filmografia de diretores dos gêneros, além de posters dos filmes "Hellraiser" e "De Volta para o Futuro III". A primeira revista de Cinema de FC e Horror de Brasil, poderia abrir espaço para a literatura brasileira dos gêneros - como na edição anterior, quando publicou o conto "Cão de Lata ao Rabo", de Bráulio Tavares. Confira.

## FANZINES

GUIA DOS QUADRINHOS. Editor: Dominique Robert. nº4, junho 1990, irregular, 58 págs, 21,3X30,2 cm. Zine de alto nível gráfico-visual com notícias e artigos de HQs nacionais e internacionais. Capa de desenhista Carrielo, lançamentos, resenhas e críticas de revistas e fanzines, listas, artigo sobre a HQ espanhola, etc. Promete para o nº5, uma edição especial sobre fanzines brasileiros. Prestígio: Rua da Consolação, 3512, 01416 S. Paulo, SP.

NEWS FROM - L. Ron Hubbard's Writers and Illustrators of the Future Contest. Editor: Algis Budrys. Boletim da entidade, julho 1990, trimestral, 4 págs, 21,5 X 28 cm. Apresenta os vencedores do concurso versão 88/89, artigos sobre os premiados - ver artigo nesta edição. Escreva: P.O. Box 1630 Los Angeles, CA 90078 USA.

SOMNIUM. Editor: Carlos André Moraes. Boletim do Clube de Leitores de FC, ano V, nº44, mar/abr. 1990, bimestral, 52 págs., 16,5X 21,5 cm. Capa de Roberto Schima, notícias nacionais (estréia) e internacionais, artigos sobre o prêmio Hugué e Clifford Simak, resen-

has, seção sobre Star Trek, poema  
e coluna de André Carneiro, 3 contos,  
um de H.V. Flery, outro de Fábio  
Fernandes e a primeira parte de  
"Trilhas Cruzadas" de Roberto S.  
Cause. Assine, colabore: 3 BTNs  
per uma edição. Rua Dardanelos  
108/31-B 05468 S. Paulo, SP.

SOMNIUM. Editor: Carlos André  
Meres. Boletim do Clube de Leitores  
de FC, ano V, nº45, mai/jun.  
1990, bimestral, 60 págs, 15,5 X  
21,0 cm. Capa de Roberto Schima, ne-  
tícias nacionais - com lamentável  
comentário sobre o MEGALON e não  
publicação de endereço - e interna-  
cionais, artigos sobre Blade Runner  
e Radioastronomia, resenhas, seção  
de ST - com crítica precipitada so-  
bre o Trekker's Club, entrevista  
com o publisher da editora Aleph,  
Pierluigi Piazzi, Crônicas de An-  
dré, e os contos "Meu Nome é Co"  
de André Carneiro, "O Céu para os  
Heróis" de Norton Cell e o final  
do bom "Trilhas Cruzadas" de Rober-  
to S. Cause. O zine está ótimo, po-  
rém falta uma melhor revisão e de-  
finição de uma linha editorial esse-  
rente. Assinaturas: Ver no nº 44.

TREKKER'S LOG. Editor: Dine Jer-  
ge Braga. Boletim do Trekker's Clu-  
b, ano II, nº9, bimestral, 20 págs  
16,5X21,5 cm. Capa e conto de Edu-  
ardo Canha, artigos variados e con-  
cursos. Colabore, assine: 12 BTNs  
per 3 edições - C. Postal 24505  
03397 S. Paulo, SP.

### EVENTOS & ATIVIDADES

Carta - recebemos do escritor  
de FC e editor de 'Writers of the  
Future Contest', Algis Budrys. Ele  
indaga sobre a pouca participação  
brasileira no concurso e sugere a  
realização de um concurso similar  
ao americano aqui no Brasil, adap-  
tado à nossa realidade. Uma grande  
idéia, vamos estimular os contatos  
para maiores esclarecimentos.

Concurso - "Estarão abertas de  
1 de outubro a 30 de novembro de 19

90 as inscrições para o I Concur-  
so de Contos de Ficção Científica  
da Isaac Asimov Magazine, Prêmio  
Jerônimo Monteiro, que dará aos  
3 primeiros colocados um total de  
2630 BTNs. O melhor conto de con-  
curso valerá ao seu autor 1500 BT-  
Ns. O segundo colocado terá direi-  
to a 750 BTNs e o terceiro ganha-  
rá 380 BTNs. A entrega de prêmios  
está prevista para março de 1991.

A Editora Record, que publica  
a Isaac Asimov Magazine no Brasil  
está promovendo o concurso e espe-  
ra com isso revelar originais inéd-  
itos de autores de FC brasileira  
para publicação na edição brasi-  
leira da revista. O regulamento  
será publicado no nº5 da revista,  
que vai para as bancas no final  
de setembro, e os autores interes-  
sados poderão conhecê-lo, adquiri-  
ndo a revista. Os autores que mor-  
ram em cidades não alcançadas pe-  
la distribuidora da revista, deve-  
rão ligar para DISQUE-BANCA: (021)  
577-4225 ou 577-2355 e solicitar  
um exemplar da revista." - reale-  
se recebida da Isaac Asimov Maga-  
zine, através de Adélia Marques  
Ribeiro, Supervisora Editorial da  
revista. Os jurados foram defini-  
dos: Luiz Marcos da Fonseca - pre-  
sidente do Clube de Leitores de  
FC; Jorge Luiz Calife - escritor;  
José dos Santos Fernandes - escri-  
tor. Vamos prestigiar.

I InteriorCon - A Convenção de  
FC do Interior de SP. Sumaré, 12 a  
14 de outubro. Convivência de Honra:  
Orson Scott Card. Fã Convivência de  
Honra: José Carlos Neves. Convivências:  
Ivan Carlos Regina, H.V. Flery e  
Regélie Bonil. Palestras, debates,  
exposições, vendas de livros e fa-  
nzines, etc. Tema: Movimento An-  
trepofágico da Ficção Científica  
Brasileira. Estadia no local. In-  
formações com Roberto de Sousa Ca-  
use: Caixa Postal 220 Sumaré, SP  
CEP 13170. Prestígio, compareça,  
participe!

(continua na página 20)

# ARTIGOS

## OS PERSONAGENS DE WEIRD TALES

por MARCELLO SIMÃO BRANCO



"Sempre ele acordava com pesadelos e descobria ao seu redor os braços enrijecidos de um súcu be morto há muito tempo, ou sentia a seu lado o tremor carinhoso de esqueletos de searnades... Ele era esmagado pe-

le peso de cadáveres gigantescos e recebia beijos repugnantes de lábios gotejante restos de podridão".

O texto acima de inegável horror, pertence à história The Withcraft of Ulua, de autoria de Clark Ashton Smith, publicada na edição de fevereiro de 1924 na revista Weird Tales.

A partir da década de vinte, apareceram várias revistas dos gêneros ficção científica, fantasia e horror, as chamadas 'pulp-magazines': Amazing Stories, Astonishing Stories (depois Science Fiction), Astounding Stories, Thrilling Wonder Stories, Unknown, Fantasy and Science Fiction, para citar apenas as principais entre as inúmeras que sedimentaram os gêneros na América.

Pois bem, a primeira delas foi exatamente Weird Tales. Seu primeiro número surgiu em março de 1923, editada por Edwin Baird, que um ano depois foi substituído por Farnsworth Wright, um entusiasta de horror sobrenatural. Ele foi um dos grandes responsáveis pelo sucesso editorial da revista por toda a década de 30, quando desde os melhores escritores americanos

de gênero aos principiantes enviaram suas histórias. Assim o nível variava muito, com uma história de H.P. Lovecraft variando com o inexpressivo Kirk Mashburn, por exemplo.

H.P. Lovecraft era a grande estrela de Weird Tales até sua morte em 1937. Contudo não tinha a unanimidade de entre os leitores, devido ao seu estilo e método de narrativa, impecata por numerosos adjetivos, criando uma atmosfera de terror, de mistério e mesmo beleza como poucos. Ele conseguia proporcionar uma liberação da descrença, um fator fundamental neste tipo de literatura. Suas tramas eram até banais, se comparadas à caracterização do ambiente e aos detalhes descritivos em suas histórias. Algumas de suas melhores obras, em Weird Tales foram: The Whisperer in Darkness (8-31), em que detalhes tão triviais como cartas, telegramas e discos foram utilizados para realçar o clima de horror que Henry Akeley experimentou, em sua solitária fazenda de Vermont. Esta foi uma das histórias do autor falando em seu Mito de Cthulu, completa da com referências ao submerso R'lych, aos Psakotic Manuscripts, ao planeta Yuggoth e ao pavoroso Neconomicon; The Rats in the Walls (3-24, 6-30, impressa duas vezes); The Strange High House in the Mist (10-31); The Dreams in the Witch-House (7-33), uma pequena novela sobre alguns fatos muito estranhos em uma velha casa em Arkham, já cheia de lendas. Trazia ainda um de seus mais interessantes personagens, Brow Tenkin.

Em Weird Tales, e fora dela, a influência literária de Lovecraft, marcou e iniciou a carreira e estilo de muitos escritores, como o conhecido Henry Kuttner, também escritor

de FC.

Como disse, Lovecraft não foi o autor favorito dos leitores. Não por mérito de outro, é antes pelo nível médio dos leitores não atingir seu patamar, em suas viagens péfidas pelo sobrenatural. Seabury Quinn era o autor preferido. Ele tinha um bom lugar de onde tirar suas idéias, pois editava um jornal para agentes funerários. Seu efeito teve sucesso, deve-se às histórias em ritmo de aventuras, independentes mas interligadas em um mesmo universo ficcional, de seu personagem Jules de Grandin. Ao todo, Grandin teve nada menos do que 78 histórias publicadas em Weird Tales entre os anos 20 e 30. O personagem era uma alusão a Sherlock Holmes de Conan Doyle, com assistente e tudo, mas resolvia problemas como casas mal assombradas, bruxas, duendes e vampiros.

Um grande fã e amigo de Lovecraft também incursionou pelo universo de Weird Tales. Tratava-se de Augusth Derleth, que escreveu contos góticos de baixa qualidade. Sua real contribuição para a ficção gótica é como editor. Foi tão importante quanto Wright. Fundou uma editora, a Arkham House, revelando diversos escritores e colocando Lovecraft no seu devido lugar de mestre da Literatura. Ele é o grande responsável pela fama e reconhecimento do autor nos EUA até hoje, publicando quase todos seus escritos, inclusive ensaios e cartas publicadas originalmente em fanzines da década de 30.

Clark Ashton Smith, falecido em 1961, apresentou - segundo os leitores - o melhor conjunto de trabalhos em Weird Tales, durante a década de ouro da revista, a de 30. Suas histórias eram passadas em lugares imaginários e míticos, como a Atlântida e Hyperbora, fundindo muito com o medialismo da Idade Média.

The Empire of the Necromancers(9

-32), The Dark Eidden(1-35) e The Death of Malygris(4-34) foram seus mais destacados trabalhos.

Weird Tales, além de uma concorrente direta em seu gênero, a Strange Tales, disputava os leitores com as revistas de FC, um gênero que crescia como uma epidemia na década de 30. Assim, o editor Wright começou a publicar também histórias de FC, embora usasse o termo weird-scientific(sobrenatural científico), para manter a linha editorial e não afastar os puristas do gênero horror.

O autor que mais colaborou nesse tipo de história, foi Edmond Hamilton - autor do clássico The Star Kings. Sua primeira história, foi o romance Across Space, publicado em três partes nas edições de setembro a dezembro de 1926, em Weird Tales, que nunca recusou uma história sua. Apesar disso, a maioria de seus contos eram vulgares e de baixa qualidade. Parecia escrever às pressas, sem detalhamento ou revisão de algumas idéias. Ele também fez incursões no horror, como em The Dogs of Doctor Dwann(10-32) onde dois cirurgiões transplantam as cabeças de homens para os corpos de cães e vice-versa. Entre suas boas histórias, das 46 que publicou, sendo 4 sob o pseudônimo de Hugh Davidson, figura The Man Who Conquered Age(12-32), sobre uma terrível batalha: dois homens lutam entre si, enquanto uma máquina é acidentalmente acionada, provocando o rápido envelhecimento deles. Cada um tenta desesperadamente vencer seu oponente, antes que fique muito velho ou morra de velhice.

Também com incursões na weird-scientific de Wright, foi Robert E. Howard, que contudo marcou como um dos mais tetricos escritores que o sobrenatural já conheceu, além de criar Conan, que o consagrou entre os leitores de Weird Tales. Sua primeira aparição se deu com Spear and Fang(7-25), aos 19 anos



de idade, mas foi com Wolfshead (4-26), que sua fama como escritor gótico despentou. Tina um grande talento, rivalizando as vezes com Lovecraft, como o melhor escritor gótico de Weird Tales. A característica maior de seu trabalho, era o fato de lançar-se totalmente em sua ficção, como se fizesse parte dela.

Fei com Conan the Ciemmeriam que popularizou-se entre os jovens fãs da revista de Wright. Foram publicadas dezessete histórias nos anos 30, além de quatro seriados. Para os críticos, porém, Conan não esteve à altura de sua melhor Literatura. Era escrito com mais interesse, que prazer, devido ao enorme sucesso que o personagem obteve. As principais falhas eram o uso repetitivo de coincidências, pressa na elaboração das histórias, passagens contraditórias e inverossímeis, mesmo para uma saga onde a fantasia sword and sorcery (espada e feitiçaria) predominava.

Além de Conan, Howard notabilizou-se pelo personagem Solemon Kane. Ele era um puritano sombrio, que combatia o mal que encontrava em suas perambulações pela Europa e África de séc. XVII.

Uma de suas melhores histórias foi The Black Stone (11-31 e 11-53, publicada duas vezes), que segundo o crítico Reginald Smith, traz a mais macabra e horripilante descrição de uma Missa Negra com sacrifício, de toda a literatura de horror.

Por um breve momento, o talentoso Jack Williamson, deixou o John Star e Giles Habibula (do clássico Legion of Space) e outros personagens

de suas space-operas de lado e contribuiu com oito histórias em Weird Tales. Entre elas a série Golden Blood (4 a 9 de 33).

Voltando ao gótico, para Smith, cabe a Carl Jacobi a honra de escrever a melhor história da revista, em Revelations in Black (4-33), com o delicado e limitado tema de vampiro. Além desta, publicou outras histórias de boas a péssimas. As Mulheres, vez por outra, apareciam na revista. As duas que mais se destacaram foram a escritora C. L. Moore - por sua qualidade - e a ilustradora Margareth Brundage - pela quantidade. Ela desenhou nada menos que 58 capas de setembro de 32 a outubro de 1938.

Henry Kuttner, Robert Bloch (autor de Psycho é imitador confesso de Lovecraft, no início de carreira), Frank Belknap Long, E. Hoffman Price, hoje nomes estabelecidos no Herrer, também deram seus primeiros passos sob a edição de Wright, na Weird Tales da década de 30.

A revista começou a ter um declínio de vendagem e prestígio, após as mortes de H.P. Lovecraft (1937) e Robert E. Howard (1936, por sua

igídio). A esses fatos, somou-se a efetivação das revistas de FC, especialmente após 1938, quando John W. Campbell Jr., assumiu a edição de Astounding Stories, mudada depois para Astounding Science Fiction (e no início dos anos 60, passou a se chamar Analog), que mudaria radicalmente a literatura de science-fiction na década de 40. Com seu estilo e linguagem que influenciou e moldou os grandes nomes do gênero, como Asimov, Heinlein, Vogt, Clarke e



**H. P. Lovecraft**



outros, instaurando a Golden Age da Fe e solidificando de vez este gênero literário nos EUA. Mais os problemas de Weird Tales não paravam por aí: a Street and Smith (editora) lançou Unknown, uma ótima revista de fantasia que balançou a remessa de colaborações para a revista de horror.

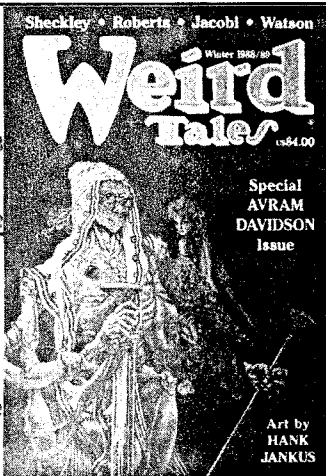
Farnsworth Wright, deixou a revista no começo de 1940, por problemas de saúde - Mal de Parkinson, morrendo no final de mesmo ano. Depois de sua morte, Weird Tales jamais foi a mesma. Sob a edição de Miss McIlwrith, uma profissional competente mas descompromissada com o fã do gênero. A revista ainda teve o mérito de publicar obras de Fritz Leiber, de um jovem prodígio de Illinois, Ray Bradbury de autor de Arena, Fredric Brown.

Um dos maiores sinais de decadência foi a reimpressão de contos de Howard, Lovecraft, Quinn, que contudo não salvou a revista da falência em setembro de 1954. Uma morte lenta e dolorosa, como as verificadas nas próprias histórias que publicou por 31 anos em 279 números ininterruptos.

Para felicidade de todos, ela ressurgiu sob a edição do fã e crítico de FC, Sam Moskowitz em 1972, não resistindo, porém, a mais de dez números.

Mas não pensem que ela desapareceu em definitivo. Atualmente ela existe, com edição de Darrell Schweitzer, John Betancourt e George H. Seithers (ex-editor da Isaac Asimov's Science Fiction), publicada trimestralmente, com histórias e conteúdo do mais puro horror. Tem formato diferente (não é o tradicional 'digest' das revistas deste tipo), produção luxuosa e trabalhos de alguns dos maiores nomes do gênero na atualidade, como Chet Williamson, Brian

MEGALON - SETEMBRO 90



Lumley, Thomas Harris, Karl Edward Wagner, Robert R. McCamen, entre outros, constituindo-se na única revista genuína de Horror nos EUA.

#### BIBLIOGRAFIA:

- Ficção nº 11. Cedibra. A Literatura Gótica Americana na Década de 30. Reginald Smith;
- O Horror Sobrenatural na Literatura. Francisco Alves Editora. Howard Philips Lovecraft.
- O Rei das Estrelas. Col. Asteróide Sabiá (José Olimpio). Edmond Hamilton;
- Locus. Dezembro de 1989.



# ANOS 80 DA FC NO CINEMA

Por Gilberto Schoereder

Por mais que se procurem aspectos inéditos no cinema de FC dos anos 80, parece inevitável retornar-se aos já observados claramente por todos os críticos e observadores do gênero. A grande característica da década foi o incrível número de efeitos especiais utilizados em produções de proporções cada vez maiores. As verbas destinadas a efeitos - com aperfeiçoamento crescente devido à tecnologia em desenvolvimento e pela grande quantidade de empresas especializadas - foram se tornando maiores a medida em que o rendimento de bilheteria dos filmes crescia, o que por sua vez levou a outro tipo de ação empresarial, e não muito mais que empresarial, que definiu outra das características marcantes dos anos 80. Juntamente com grandes produções e os efeitos especiais, surgiram as sequências e, em menor quantidade, as refilmagens de histórias já conhecidas, geralmente dos anos 50.

Esse estado de coisas parece refletir, ou simplesmente seguir, a situação das artes em geral na década de 80, ou seja, uma notável falta de criatividade e inovação em termos de propostas de enredo e/ou modificações realmente radicais do que estava sendo feito até então.

A forma nitidamente mais baixa de falta de criatividade já pode ser observada nas produções "B" - e ainda mais baratas - que perseguem um filão do gênero que deu certo anteriormente, seja no aspecto crítico, seja no rentabilidade, de preferência ambos. Como é o caso dos "filhotes", imperfeitos aos extremos, de "Mad Max", um excepcional filme australiano do final da década de 70. O cinema italiano - e às vezes produções filipinas - apresentou dezenas de filmzinhos ridículos, com histórias situadas num mundo pós apocalipse nuclear, onde um herói, ou heróis, lutam contra gangues de desordeiros. Em "Mad Max", e na excelente sequência a "Mad Max 2", de 1981 e também dirigida por George Miller, o grande

problema era a falta de gasolina. O esquema de western utilizado por Miller não é, certamente, novo, mas a habilidade do diretor é notória, o que absolutamente não é o caso dos demais, para não falar dos atos de fundo de quintal. Faltou água, comida, amor, governo e tudo mais que se possa imaginar e, em algumas produções, nem sequer havia enredo, mas apenas perseguições sem fim entre carros estranhos num deserto de algum lugar.

As cópias de "Guerra nas Estrelas" também firmaram sua presença, geralmente com um pouco mais de dinheiro gasto na produção do que as cópias de "Mad Max", mas nada além disso. O destaque, ainda que

uma continuação (como em "Mad Max 2"), foi "O Império Contra-Ataca" (80), que pelo menos tinha antecedentes, boa produção e direção. Copiava a si



O MESTRE JEDI "YODA"

mesmo a aos seriados de aventuras dos anos 40, no que se chamou "a volta de Hollywood à diversão", ou algo parecido. É realmente diversão, mas é muito pouco, tendo em vista o que a literatura de FC já apresentou até hoje.

Outra característica, talvez menos marcante e imediatamente visível, mas igualmente importante na década, também representa outro "retorno", dessa vez aos filmes da década de 50, onde era comum uma espécie de integração entre os gêneros FC e Terror. Uma série de filmes viveram na corda bamba, indefinidos entre um gênero e outro, o que também pode ser percebido em alguns setores da literatura de terror, nos EUA, nitidamente nos livros de Stephen King

## BLADE RUNNER



(vide "A Coi-  
sa", como e-  
xemplo), e tam-  
bém em auto-  
res que o Bra-  
sil conheceu  
no final da  
década, como  
T.E.D. Klein  
(com "Cerimô-  
nias Satâni-  
cas") e Dean  
R. Koontz (com  
"Intrusos",  
"Estranhos" e  
"Fantasmas").  
Os alieníge-  
nas dos anos  
80 são, com cé-  
lebres exces-  
sões, muito  
ruins e malva-  
dões. Mas não  
se pode dizer

em sã consciência, que sejam extre-  
mamente criativos. Assim como a  
"New Wave" recriou e vestiu a nova  
roupa no rock dos anos 60, o cine-  
ma de FC recriou os monstros, aven-  
turas e viagens dos anos 40 e 50.

Os poderes da mente, presentes  
na literatura já há algum tempo,  
apareceram rapidamente. No excep-  
cional "Scanners" (80), do cana-  
dese David Cronenberg, um dos me-  
lhores filmes da década, ou no não  
tão bom "Viagens Alucinantes" (80),  
do alucinado Ken Russell. Em "Mor-  
te nos Sonhos" (82), um filme mais  
que razoável de Joseph Ruben, e em  
"Projeto Brainstorm" (83), uma in-  
teressante e mal acabada idéia de  
Douglas Trumbull, ou em "Chamas de  
Vingança" (84), tirado do livro de  
Stephen King, "A Incendiária", e  
dirigido por Mark Lester. É pouco  
mais que isso.

Já no início da década anunciava  
se o que apenas no final (ou iníci-  
o dos 90) está se mostrando um bom  
mercado. "Flash Gordon" era refil-  
mado por Mike Hodges, agora não co-  
mo seriado mas longa-metragem. Nada  
de fora do comum, mas com um toque  
de classe nos cenários e utiliza-  
ção de cores, simplesmente perfei-  
tas. "Super-Homem" já havia dado  
as caras no cinema no final dos 70  
e, dez anos depois, fortifica-se a  
idéia de levar os heróis das HQ pa-  
ra as telas, claro que em grandes  
produções. Em 1980 surgia também o  
"Super-Homem", e agora "Batman",

que será se-  
guido pelo  
"Homem-Ara-  
nha", "Na-  
mour, o Prín-  
cipe Submeri-  
no", e sabe  
se lá o que  
mais.

Enquanto i-  
sso, muitas  
histórias ex-  
cepcionais  
da FC conti-  
nuam esqueci-  
das, talvez  
por não esta-  
rem de acor-  
do com os pa-  
drões de ren-  
tabilidade e  
xigidos pe-  
los executi-  
vos de Holly

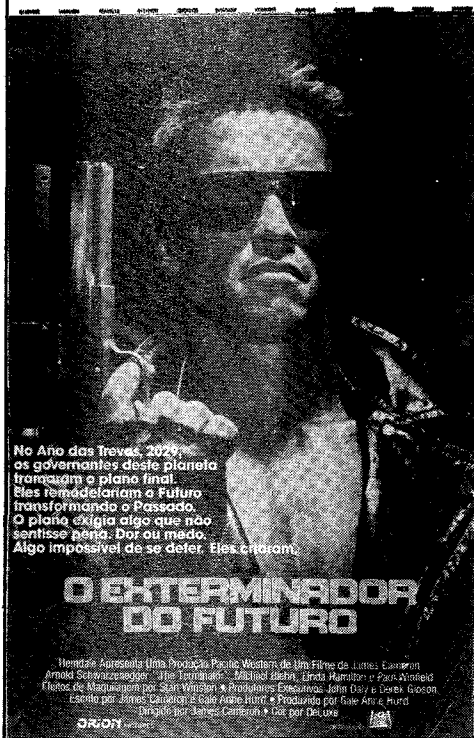
wood. Histórias de escritores fa-  
mosos estiveram nas telas, uns  
com mais, outros com menos felici-  
dade. A melhor adaptação parece  
ser consenso geral. "Blade Run-  
ner" (82), um dos filmes mais co-  
mentados da década, adaptação da  
obra de Philip K. Dick, aliás me-  
lhor que o filme. Tirados da obra  
de H. P. Lovecraft, mas sem muita  
fidelidade, surgiram duas boas  
produções menores, "Reanimator, a  
Hora dos Mortos-Vivos" (85) e "Po-  
ssuídos pelo Mal" (86), ambos di-  
rigidos por Stuart Gordon. De Ar-  
thur C. Clarke surgiu o bom fil-  
me "2010" (84), dirigido por Pe-  
ter Hyams, e bastante prejudicado  
pelo sucesso anterior de "2001",  
com o qual foi inevitável e erro-  
neamente comparado. De Frank Her-  
bert, a adaptação de "Duna" (84),  
com alguns problemas aparentemen-  
te insolúveis, apesar da competên-  
cia do diretor David Lynch. De Ge-  
orge Orwell, a boa refilmagem do  
classico "1984", dirigida por Mi-  
chael Radford em 1984, o ano "D".  
De Colin Wilson foi adaptado "Vam-  
piros do Espaço", numa versão um  
tanto infeliz que recebeu o títu-  
lo "Força Sinistra" (85), com di-  
reção de Tobe Hooper. E também a  
muito mais que infeliz versão de  
"O Cair da Noite", de Isaac Asi-  
mov, o filme "Nightfall" (88), di-  
rigido por Paul Mayersberg.

O realmente inusitado ficou por  
conta dos alucinados do grupo Mon

ty Python, com aquele que provavelmente seja o melhor filme de FC da década, "Brazil, o Filme" (85). Ficou com David Cronenberg em seu incrível "Videodrome" (82), detestado por muitos, cultuado por uns poucos que acreditam ser esta a melhor versão da obra de Philip K. Dick já realizada, ainda que essa não tenha sido a intenção de Cronenberg. Com John Carpenter, que voltou ao melhor de sua forma em "Príncipe das Sombras" (87), realizando a fusão definitiva (ou quase) entre Terror FC, com teorias cada vez mais frequentes na literatura do gênero. E ainda com os, para dizer o mínimo, estranhísimos "Liquid Sky" (82), de Slava Tsukerman, e "Repo Man" (84) - no Brasil em vídeo, com o subtítulo imbecil

"A Onda Punk".

O fã de FC deve ficar numa situação difícil ao fazer o balanço do cinema da década. Por um lado, teve diversão e tecnologia aos baldes, e não há como nem porque reclamar disso. Teve algumas boas, e até algumas ótimas ideias, pinçadas aqui e ali. Por outro lado, não pode simplesmente deixar pra lá a falta de criatividade e visão, principalmente de visão, por parte dos produtores e diretores, para escolherem grandes histórias de FC para levarem às telas. Não adianta fazer uma lista do que poderia ser filmado, porque são centenas de histórias, de dezenas de escritores dos mais variados estilos. O que não falta, é o que filmar. Sem sequências, por favor, por melhor que elas sejam.



THE TERMINATOR



Assesguir, temos uma listagem de 70 dos melhores filmes dos anos 80.

1980

- + Flash Gordon
- + O Império Contra-Ataca
- + Mercenários das Galáxias
- + Scanners
- + Super-Homem 2
- + Viagens Alucinantes

1981

- + Aventureiros do Tempo
- + Fuga de Nova York
- + Heavy Metal, Universo em Fantasia
- + Looker
- + Morto e Enterrado.

- + Mad Max 2
- + Outland, Comando Titânio

1982

- + Andróide
- + Blade Runner
- + E.T. - o Extraterrestre
- + O Enigma do Outro Mundo
- + O Garoto do Espaço
- + Jornada nas Estrelas II - A Ira de Khan
- + Liquid Sky
- + Tron - Uma Odisseia Eletrônica
- + Videodrome
- + XTRO



1983

- + Estranhos Invasores
- + Halloween III - The Season of the Witch
- + Jogos de Guerra
- + Projeto Brainstorm
- + O Retorno de Jedi
- + O Testamento

1984

- + Brother from Another Planet
- + Chamas de Vingança
- + Duna
- + 2010
- + O Exterminador do Futuro
- + Jornada nas Estrelas III - À Procura de Spock
- + A Morte nos Sonhos
- + 1984
- + Projeto Filadélfia
- + Repo Man
- + Starman
- + O Último Guerreiro das Estrelas

1985

- + Brazil, o Filme
- + Cocoon
- + A Coisa
- + De Volta Para o Futuro
- + O Dia dos Mortos
- + Força Sinistra
- + Inimigo Meu

- + Mad Max - Além da Cúpula do Trovão
- + The Quiet Earth
- + Reanimator

1986

- + Aliens - o Resgate
- + Invasores de Marte
- + Jornada nas Estrelas IV - A Volta Para Casa
- + A Mosca
- + Navegador do Espaço
- + Noite dos Arrepios
- + Possuídos pelo Mal

1987

- + The Hidden
- + Príncipe das Sombras
- + Predador
- + Robocop
- + Viagem Insólita

1988

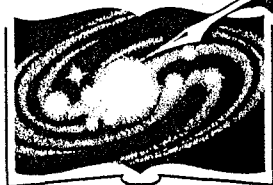
- + A Bolha Assassina
- + Eles Vivem
- + Instinto Fatal
- + Missão Alien

1989

- + Bill & Ted's Excellent Adventure
- + Batman
- + De Volta Para o Futuro II

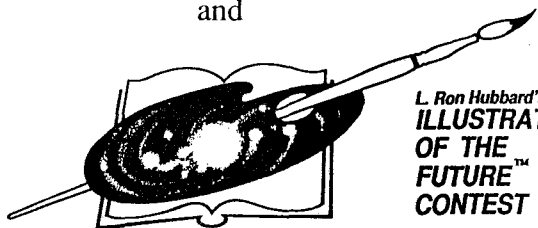


# NEWS FROM



L. Ron Hubbard's  
**Writers  
of The  
Future  
Contest**

and



L. Ron Hubbard's  
**ILLUSTRATORS  
OF THE  
FUTURE™  
CONTEST**

Como já anunciado em nossa última edição, a temporada 88/89 dos internacionais L. Ron Hubbard's Contests teve sua cerimônia de entrega dos prêmios realizada em 2 de junho passado, na American Booksellers Association (ABA).

O vencedor do "Writers of the Future Contest" foi o canadense James Gardner (na 1ª foto, recebendo seu prêmio). Já no "Illustrators of the Future Contest", o ganhador foi Derek Hegsted (na 2ª foto, recebendo seu prêmio).

Já foi lançada também a famosa antologia anual "L. Ron Hubbard Presents Writers of the Future - Vol. VI" (maiores informações, na página seguinte). Nessa obra são publicados os 18 contos premiados acompanhados das ilustrações.

A temporada 89/90 do concurso iniciou em 1/10/89 e terminou agora em 30/09/90. Os vencedores do 1º quarto da competição na categoria de contos foram James C. Glass, Michael C. Berch e Mark Andrew Garland, respectivamente 1º, 2º e 3º lugares. Na categoria de ilustrações, os três co-vencedores foram Christopher C. Beau, Jim Reece e Thomas Denmark.

Os interessados em participar dos concursos devem enviar um envelope subscrito acompanhado com um IRC (International Response Coupon) para os seguintes endereços:

+L. Ron Hubbard's Writers of the Future Contest - P.O.Box 1630 Los Angeles, California 90078 USA

+L. Ron Hubbard's Illustrators of the Future Contest - P.O.Box 3190 - Los Angeles, California 90078 USA

Artigo por RENATO ROSATTI

MEGALON - SETEMBRO 90



James Gardner recebe o "Gold Award" das mãos de John F. Baker, Editor-Chefe da Publishers Weekly.



Derek Hegsted recebe seu prêmio, que é entregue por Ron Lindahn (oculto) e Val Lakey Lindahn, sendo cumprimentado por Frank Kelly-Freas que está de costas.



Algis Budrys, Frederik Pohl, Larry Niven and Robert Liftig

Acima, três nomes consagrados da literatura de FC que fazem parte do júri do concurso de contos; e Robert Liftig, Professor de Inglês e Convidado Especial. Budrys, Pohl e Niven se juntam a outros grandes nomes no corpo de jurados: Ben Bova, Jerry Pournelle, Gregory Benford, Robert Silverberg, Roger Zelazny, John Varley, Jack Williamson, Andre Norton e outros.

(Outras informações na pg. 23) 16



# THE BEST OF THE YEAR

## L. Ron Hubbard Presents WRITERS OF THE FUTURE® Volume VI

18 Award-Winning Short Stories — this year's winners  
from the International L. Ron Hubbard's  
Writers of The Future Contest.

*The very best from new authors in the field  
of speculative fiction. Selected from the  
internationally famous contest that has  
discovered 90 new emerging authors.*

*"The best-selling SF anthology series  
of all time." — Locus Magazine*

18 award winning stories from the bright-  
est stars entering the ranks of speculative  
fiction — at its very best.

This year, L. Ron Hubbard Presents  
Writers of The Future Volume VI  
includes 18 illustrations by 12 of the  
brightest new talents in the field of  
speculative illustration.

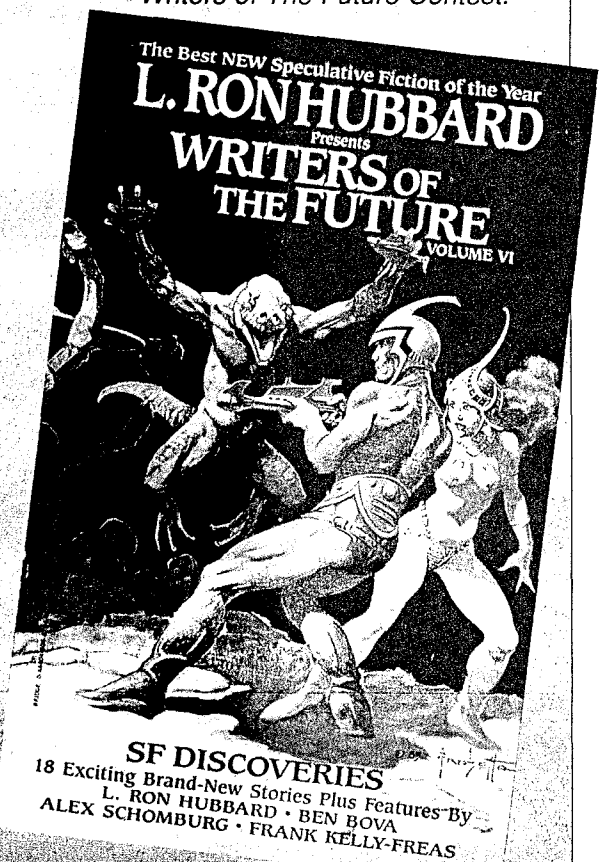
### Selected by:

Gregory Benford, Ben Bova, Algis Budrys,  
Ramsey Campbell, Anne McCaffrey,  
Larry Niven, Andre Norton, Frederik Pohl,  
Jerry Pournelle, Robert Silverberg,  
John Varley, Jack Williamson,  
Roger Zelazny; Edd Cartier,  
Leo and Diane Dillon, H.R. Van Dongen,  
Bob Eggleton, Will Eisner, Frank Frazetta,  
Frank Kelly-Freas, Jack Kirby, Paul Lehr,  
Ron and Val Lakey Lindahn, Moebius,  
Alex Schomburg, William R. Warren, Jr.

L. Ron Hubbard Presents  
Writers of The Future  
Volume VI  
Now Available  
\$4.95 ISBN 0-88404-504-8

## Buy your copies now!

Copyright © 1990 Bridge Publications, Inc. All rights reserved. WRITERS OF THE FUTURE  
is a trademark and service mark owned by L. Ron Hubbard Library.



## ORDER TODAY!

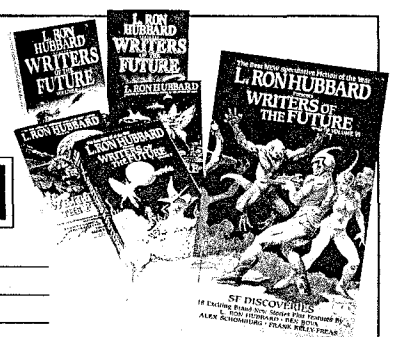
Please send me \_\_\_\_\_ copies of L. Ron Hubbard Presents Writers of the Future  
Volume VI at \$4.95 per copy. (Add \$1.00 for shipping and handling.) Also send me  
copies of the earlier volumes: \_\_\_\_\_ Vol. I \$3.95 \_\_\_\_\_ Vol. II \$3.95 \_\_\_\_\_ Vol. III \$4.50  
\_\_\_\_\_ Vol. IV \$4.95 \_\_\_\_\_ Vol. V \$4.95.

My check/money order is enclosed for \_\_\_\_\_ (CA residents please add 6.75% sales tax)

**FOR FASTER SERVICE CALL TOLL-FREE WITH YOUR  
CREDIT CARD ORDER • 1-(800) 722-1733 OR 1-(800) 843-7389 IN CA.**

[ ] American Express [ ] Visa [ ] Mastercard # \_\_\_\_\_ Exp. \_\_\_\_\_  
Signature \_\_\_\_\_ Name \_\_\_\_\_  
Address \_\_\_\_\_ City \_\_\_\_\_ State \_\_\_\_\_  
Zip \_\_\_\_\_ Telephone \_\_\_\_\_

MAIL TO: BRIDGE PUBLICATIONS, INC., 4751 FOUNTAIN AVE., LOS ANGELES, CA 90029



# INSETÓIDES RACIONAIS

per GÉRSON LODI-RIBEIRO

Os insetóides (IR) têm marcado sua presença na literatura de ficção desde os seus primórdios. Curiosamente, têm sido frequentemente apresentados sob formas bípedes que poderiam ser consideradas como vagamente humanóides (1). Alguns autores ainda insistem em afirmá-los como sendo "insetos" racionais e não "insetóides". Insetos como os existentes na Terra não assumem dimensões que lhes permitam portar cérebros grandes e bastante para abrigar a racionalidade e a autoconsciência. Esta dificuldade foi bem expressa por Sagan (2): insetos respiram por difusão - i.e., a exigência é transportada diretamente aos tecidos através de tubos (traqueíolas), sem a participação do sistema circulatório - e tal é possível exatamente por serem criaturas de dimensões reduzidas. Se um inseto fosse ampliado para o tamanho de um cão, morreria asfixiado em poucos minutos. Caso sobrevivesse seria esmagado pelo próprio peso, devido à ausência de um endoesqueleto que suportasse o conjunto de seus músculos, órgãos e tecidos.

Daí, a preferência pelos insetóides. Criaturas que associada à morfologia externa de um inseto, possuíam características funcionais típicas de animais superiores, inclusive respiração pulmonar, endoesqueleto e interligação entre os sistemas respiratório e circulatório.

Um exemplo antigo de IR foi proposto por H.G. Wells em Os Primeiros Homens da Lua (1901). Dois cidadãos britânicos da Era Vitoriana desceram no interior de nesse satélite uma civilização tecnológica composta por insetóides que se dividiam em uma infinidade de castas - uma crítica mordaz à crescente superespecialização dos trabalhadores das sociedades industrializadas.

Em plena 'Golden Age', Fredric Brown fugiu ao clichê do alienígena insetóide bípede de dimensões aproximadamente humanas apresentando IR minúsculos, superficialmente semelhantes a percevejos, porém racionais e detentores de uma civilização tecnológica pacífica que o protagonista humano tenta a todo custo poupar do contato destrutivo com sua própria cultura, xenófoba e militarista ao extremo. O conto é Obediência (1950).

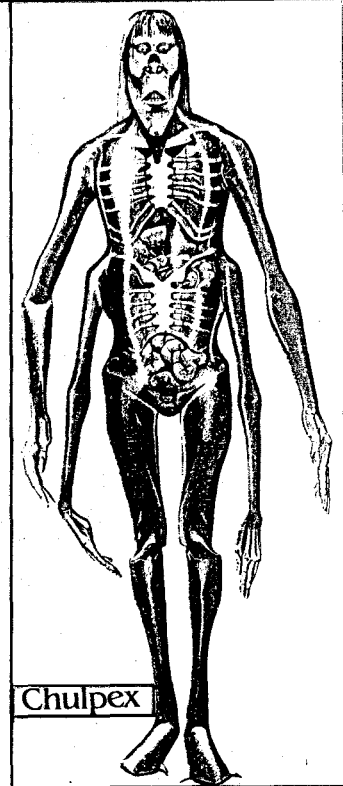
Contudo, os melhores exemplos de IR foram os apresentados por Philip José Farmer em The Lovers (1953 novela; 1961 romance) (3) e Avram Davidson em Masters of the Maze (1965) (4).

Farmer conta a tentativa empreendida por humanos terrenos, eruditos de uma ditadura teocrática, de colonizar Ozagen, um mundo com duas massas continentais principais: Sidde, ao sul e Abaka'a'tu, ao norte. Na primeira desenvolveram-se mamíferos superiores e mesmo homínídeos extremamente semelhantes aos humanos, o Homem Ozagen. Em Abaka'a'tu as formas dominantes eram insetóides e a espécie racional era os "wogs". Esses IR eram bípedes e dotados de endoesqueleto, tronco velumoso e arredondado e membros finos e desproporcionais. O par de membros adicional, característico dos insetos, aparece vestigialmente sob a forma de lábios labulares em torno de uma boca no formato de dois Vs, sendo o maxilar (o V interno) provido de arestas serrilhadas à guisa de dentes. As antenas olfativas, de grande sensibilidade, estão ocultas no interior de uma tromba quitinosa localizada onde esperaríamos encontrar o nariz.

Quando os navegadores wogs des-

cebriram Sidde, as civilizações dos hominídeos já haviam decaído à barbárie, devido a uma sucessão de guerras entre diferentes nações. Quinhentos anos mais tarde, humanos e wogs entram em contato nesse continente com a terceira espécie racional de Ozagen: as "lalithas". Essa raça composta exclusivamente por indivíduos de sexo feminino, mimetizava perfeitamente as fêmeas da espécie homínida autóctone, apesar do abismo evolucionário que as separava. Sendo imortais, as lalithas acumulavam grande quantidade de conhecimento no decorrer de suas longas vidas acabando por governar os desígnios das nações siddenianas. Reproduziam-se pelo estímulo do macho homínida embora os gametas sejam provenientes de outras lalithas. Costumavam consumir álcool etílico como anti-concepcional, visto que o parto lhes era sempre fatal: o organismo da lalitha se calcificava, transferindo-se naquilo que Farmer batizou de "útero-tumba", e as ninfas se alimentavam das entranhas da pregenitora até estarem prontas para emergir de seu interior ôco. O autor mostrou-se bastante engenhoso não só na concepção de seus alienígenas, como na explicação biológica evolutivamente detalhada gerada para os mesmos.

Davidson descreve uma civilização de IR bípedes, os "chulpex" (FIG. 1), habitantes dos labirintos de túneis profundos e cavernas no interior de seu mundo natal. Possuíam endo esqueleto e dois pares de membros manipuladores, sendo o par superior mais desenvolvido. Seus órgãos internos são visíveis através de uma epiderme translúcida, exceto nas costas, protegida por uma carapaça vestigial. Seus cabelos são transparentes e seus olhos não têm pálpebras. O crescimento dos chulpex pode ser incrementado pela ingestão de proteínas: as castas de operários e reprodutoras têm sua estatura limitada através de dieta, enquanto os machos dominantes, consumindo grande quantidade de proteínas, atin-



gem proporções desconhecidas. Um desses machos fecunda todas as reprodutoras de sua colônia; cada uma dessas coloca muitos ovos. Quando os filhotes eclodem, são alimentados com cadáveres de chulpex adultos até que atinjam o tamanho adequado para ingressarem numa das castas existentes.

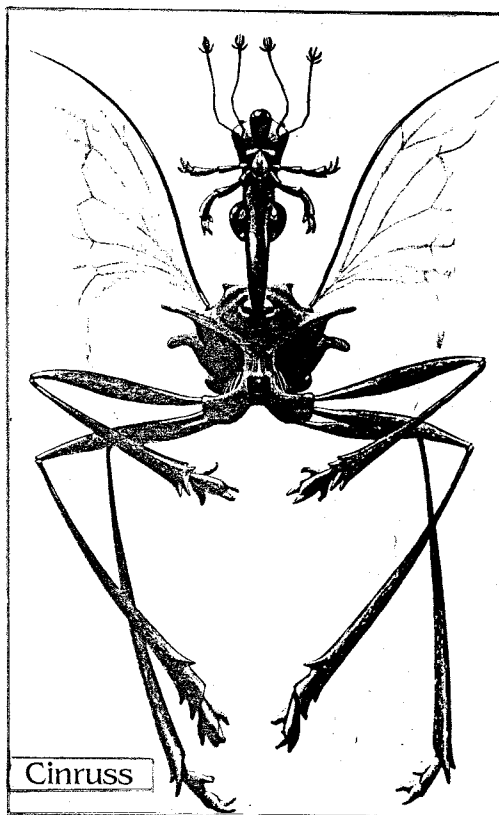
James White de Hospital Station

(1962) e Star Surgeon (1963) os "cinruss", IR alados esbeltos que evoluíram num planeta de baixa gravitação (FIG. 2 - próxima página). Possuem seis pernas terminadas em patas providas de ventosas que os capacitam a caminhar sobre paredes e em tetos; possuem adicionalmente quatro membros manipulatórios delicados, olhos multifacetados, e boca sob a forma de bico. São dotados de reflexos rápidos e poderes empáticos. Geralmente constituíam-se em excelentes cirurgiões inter-específicos.

Em Nem Lágrimas de Cristal, Alan Dean Foster criou um argumento interessante no qual o protagonista é um "thranx", espécie IR clássica com quatro pares de membros articulados - quatro pernas, dois braços superiores; olhos multifacetados e antenas olfativas. A trama se desenrola em torno das desventuras que ocorrem durante os primeiros contatos entre humanos e thranx, e da compreensão mútua inicialmente existente entre ambas as civilizações - duas das três espécies que dominavam as técnicas de navegação interestelar.

Na evolução da vida em nosso planeta os insetos foram os primeiros a colonizar a terra firme. A per-

centagem de oxigênio presente na atmosfera paleozóica limitou---lhes o tamanho. Entretanto, em mundos terrestres com atmosferas mais ricas em oxigênio mesmo insetos como os terrestres poderiam se desenvolver até as dimensões humanas ou maiores. Alternativamente pelas pressões da seleção natural, poderiam evoluir para insetoides reais - dotados de sistemas respiratórios pulmonados; circulação sanguínea à base de hemoglobina ou hemeciana e endoesqueletos - dando então origem a criaturas racionais algo semelhantes aos IR presentes na literatura de FC e exemplificados acima.



Cinruss

NOTAS E REFERÊNCIAS:

- (1) Sigo aqui a definição "clássica" para os humanoides: postura bípede; dois órgãos de manipulação articulados; tronco encimado por cabeça contendo cérebro e órgãos sensoriais.
- (2) Sagan, Carl: "Ficção Científica - Uma Visão Pessoal", in "O Romance da Ciência", Francisco Alves (1982).
- (3) História passada no mesmo universo de "The Day of Timestop" (1960), aparentemente algumas centenas de anos depois.
- (4) Não li esta história.

Os dados em questão foram recolhidos de "Barlewe's Guide for Extraterrestrials", de Gene Barlewe et al, Workman Publishing (1979).

CONTATOS - Marcelle Simão Branco  
- Continuação da página 7.

REVISTA



PORTTI. Editor: Raimo Nikkonen. Revista de Tampere Science Fiction Society - Finlândia, que nos foi enviado pelo colega Allan J. Wirtanen - ver seu artigo na pág. 21 - Volume 9, nº1, edição 33, primavera, 1990, US\$ 6,00 vi

comarítima, quadrimestral, 108 páginas; 17,5x25 cm. Revista luxuosa de alta qualidade. Edição especial sobre Robert E. Howard, com 22 páginas entre artigo e ficha bibliográfica, além do conto "The Valley of the Worm". Mais contos, do italiano Adalberto Ceresimo, do japonês Sakyie Komatsu e dos finlandeses Boris Hurttta e Olav Tirkkonen. Ar-

tigos sobre FC na Lituânia, lançamentos e resenhas de livros, vídeos, etc. Tudo em finlandês, traz um resumo de conteúdo em inglês. Excelente revista, mostrando o vigor da FC escandinava. Escreva para: Tampere Science Fiction Society, a/c Raimo Nikkonen, Peltskatu 25-27 C 57, 33100 Tampere, Finlândia.

MEGALON é uma publicação bimestral. Aceita-se colaborações que ficam sob apreciação da editoria. Os trabalhos, publicados ou não, não serão devolvidos e nem fazem jus a qualquer remuneração. Os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores e as opiniões por eles expressas não refletem necessariamente a da editoria.



# MAQUINAS VON NEUMANN

Por ALLAN J. WIRTANEN

Trad: Renato Rosetti

Este artigo foi escrito com o propósito de compartilhar uma idéia, um sonho. Acima de tudo, ele foi escrito para solicitar sua ajuda para manter este sonho vivo para as gerações futuras.

Eu não sei se a idéia em questão é algo importante ou não. Eu acho que é muito provável que a idéia não seja tão importante. Mas há uma curiosa chance que ela possa ser uma das mais importantes iniciativas jamais feitas.

É uma idéia que talvez possa, um dia, ser apresentada como uma proposta política concreta. Se esta idéia será realizada ou não, pode, um dia, tornar-se um importante trabalho político. Mas a hora desse trabalho não veio ainda. Ele ainda tomará um cem ou duzentos anos antes da idéia em questão ser tecnologicamente praticável. E se existir uma guerra nuclear ou um desastre ecológico catastrófico, a idéia nunca terá a chance de se materializar.

Mas o que é, então, este grande sonho que estou falando?

Alguns cientistas tem debatido, que acima de 10% de todos os sistemas solares podem ter, pelo menos, um planeta com vida, e que civilizações tecnológicas irão cedo ou tarde desenvolver-se em quase todos os sistemas solares habitáveis. Se isto é verdade, há um número enorme de outras culturas entre as milhões e milhões (ou centenas de milhões e milhões) de estrelas do Universo. Muitas, se não a maior parte dessas civilizações podem - em algum estágio de seu desenvolvimento - sofrer pragas infantis similares a da humanidade - proveniente das guerras, fome, doenças e descuido ambiental. Muitas delas podem destruir-se de um jeito ou de outro.

O sonho que eu quero tanto compartilhar com você é que a humanidade pode aprender como construir máquinas von Neumann auto-replicas e como usá-las para transmitir informações para outras jovens tecnoculturas de nosso Universo, informações estas que podem auxiliar estas outras civilizações a superar seus problemas. Talvez ajudem elas até a sobreviverem.

A idéia de uma máquina von Neu-

mann - uma máquina capaz de produzir cópias idênticas de si mesma - pode parecer bizarro, mas não é necessariamente algo completamente utópico. Mais de 30 milhões de espécies de organismos biológicos na Terra podem ser vistos como máquinas biológicas von Neumann. Pelo menos a NASA está analisando, também a possibilidade de uma máquina mecânica von Neumann seriamente. Os japoneses tem realizado algum progresso em seus esforços de desenvolver "bigchips", ou microcomputadores biológicos, que podem também ser um caminho em direção a uma máquina artificial von Neumann.

Na ficção científica, as máquinas von Neumann tem sido apresentadas por um longo tempo, mas elas tornaram-se populares na década de 80. Frank J. Tipler, professor associado de física matemática da Tulane University, New Orleans, tem sugerido que sondas von Neumann poderiam transportar os códigos genéticos dos seres humanos com elas em direção às estrelas. Nesse sentido, as máquinas von Neumann poderiam popular toda a Galáxia com colônias humanas.

Ainda, mesmo que se tornasse algum dia possível construir máquinas von Neumann, a ideia de usá-las para auxiliar outras tecnoculturas pode parecer como uma boa candidata para a mais ridícula idéia que alguém poderia pensar.

Mesmo que houvessem civilizações que pudessem necessitar de algum auxílio, como poderiam os seres humanos ensinar alguma coisa valiosa para eles? Nós dificilmente somos um bom exemplo para alguém. Toda essa história da humanidade é uma confusão interminável de guerras, violência, tortura, fome, doença, crises no ecossistema e miséria. Nossa história é imensamente deplorável, desgostosamente irritante em sua enorme e completa estupidez. Certamente nós não queremos que ninguém imite nosso comportamento?

Por outro lado, qual poderia ser o melhor curso primário em administração planetária do que um catálogo de todos os erros que você pessoalmente possa cometer?

Nós temos, durante nossa histó-



ria, feito todos os erros que você possa imaginar, e nós temos feito todos eles de novo e de novo, produzindo uma infinita série de diferentes variações e modificações de cada erro maior, nunca realmente aprendendo alguma coisa. Nós temos milhares de anos de experiência em como criar desertos, destruir florestas, intoxicar terras férteis, poluir nosso meio ambiente e fazer confusões sociais e econômicas fora de nossas sociedades. A história da humanidade poderia, entretanto, ser uma lição tremendamente valiosa para outras jovens tecnoculturas, em como não tratar da biosfera e em como não construir sua sociedade.

Portanto, se nós sobrevivermos, as nossas atuais crises, talvez nós devêssemos depois de 200 ou 500 anos, construir máquinas von Neumann semi-inteligentes que pudessem se auto-replicar, espalhando-se pouco a pouco, durante bilhões de anos, através de nossa Galáxia e de outras galáxias, e que apresentariam a outras civilizações uma avaliação detalhada da história dos terráqueos. Isto poderia ser feito, por exemplo, por longos programas de vídeo repetidos muitas vezes por milhões de anos (lembram-se dos monolitos de 2001, de Arthur C. Clarke?). As gerações distantes destes robôs auto-replicantes poderiam ainda continuar em seus caminhos para novos sistemas solares e galáxias quando nosso próprio sol tiver se apagado e quando nenhuma outra memória da raça humana existir.

Nossos conhecimentos positivos devem, certamente, também ser mostrados. Se nós devemos resolver nossos problemas atuais e construir uma sociedade ecologicamente sustentável na Terra, isto não deve ser excluído. Se nós aprendermos como resolver os problemas de erosão, criação de desertos, fome e calor global - por exemplo, através da plantação de centenas de bilhões de árvores - isto poderia também oferecer alguma lição valiosa para outras civilizações.

Se este tipo de mensageiro de outra cultura desastrosa estivesse por chegar em nosso planeta este ano ou no próximo, ele seria uma tremenda ajuda para nós em entender o que devemos fazer para sobreviver. Ele seria, por exemplo,

conveniente em saber mais sobre a estabilidade da camada de gelo polar ou sobre o impacto climático do derretimento do subsolo congelado. Isto pode, certamente, ser que a teoria do "Cosmoozo" corresponde à realidade, e que a Terra é cercada por civilizações antigas e superavançadas que nos mantêm num tipo de quarentena até nossa cultura estar madura o suficiente para se juntar à rede de comunicação galáctica. Neste caso, nossas sondas desprezíveis seriam mais provavelmente impedidas por nossos guardiões. Esta opção seria, de certo, completamente humilhante para o orgulho da humanidade. Mas se tentarmos considerar isso como o mais lógico e, portanto, a alternativa mais provável.

Por outro lado, pode ser que se existem antigas supercivilizações, elas considerariam as jovens tecnoculturas tão desinteressantes como multidões de formigas. Neste caso, nossas sondas devem servir para um propósito real.

Além do transporte de informação sobre nossas experiências, as sondas podem também ser preparadas para desviar os asteroides e cometas ameaçadores de planetas com vida para órbitas menos ameaçadoras. Podemos ser que os impactos de asteroides e cometas destruíam muitas das civilizações que não se auto-destruíram por guerras apocalípticas ou por erros ecológicos graves e compactos. Impactos de meteoros podem ter causado uma série de extinções populacionais na história da Terra, algumas vezes dizimando de 80% a 95% de todas as espécies vivas em nosso planeta. Victor Clube, da University of Oxford, tem afirmado que mesmo um bombardeio cósmico inferior pode ter representado um buraco superior na história proporcionando as "pequenas eras glaciais", ocorrendo uma vez a cada mil anos ou mais. De acordo com Clube, estes "invernos cósmicos" podem ter causado reviravoltas históricas sérias e algumas vezes talvez até quase destruído toda a civilização humana.

De qualquer forma, a possibilidade existe, de que as sondas von Neumann enviassem pela humanidade só o que poderia tornar-se uma fonte de inspiração e esperança - ou uma grave advertência - para alguns, ou para numerosas outras jo-



vens civilizações. Se isto estiver por acontecer, a mente malfeitora cheia de sofrimento na história humana - nas vidas de 100 bilhões de pessoas que viveram antes de nós - não será, apesar de tudo, em vão.

Mas, como eu mencionei antes, pode ainda levar cem ou muito mais anos antes da espécie humana conseguir a capacidade tecnológica necessária na construção de inteligentes e inter-estelares sondas de von Neumann.

Antes disso, não será válido o problema apresentado na idéia acima exposta na forma de iniciativa política concreta.

Antes que nós, a nossa geração e as próximas poucas gerações após nós, possamos apenas tentar manter a idéia viva.

Eu não estarei capacitado de fazer sozinho. Eu não sou um grande e talentoso escritor de ficção científica, cujos romances, contos e artigos certamente permaneceriam vivos após minha morte.

Eu preciso da ajuda de todos vocês que estão ainda escrevendo novelas de ficção científica, ou contos, ou artigos, ou livros de ficção ou ciência; ou de você que está agora lendo ficção científica e que pode algum dia começar a escrever sobre o gênero. Apenas um grande número de pessoas ativas dentro do movimento internacional de ficção científica pode criar uma tradição permanente, fazer um sonho e a idéia da preservação desse sonho como um fenômeno permanente dentro do gênero. Eu estou solicitando a vocês para que mencionem a idéia na ficção científica que vocês estão escrevendo, e que vocês desenvolvam mais e mais novas variedades da idéia, assim como discussões dos inúmeros problemas e questões relacionadas a isso.

Um amigo meu até sugeriu, zombeteiramente, que nós devíamos, junto com atividades individuais, fundado uma sociedade internacional para promover o objetivo acima exposto. O nome da sociedade deve, de acordo com meu amigo, ser por exemplo o seguinte, "The International Society for the Promotion of Interplanetary and Interstellar Information Exchange on Planet Management" (IIPEPM); que traduzindo seria algo como "A Sociedade Internacional para a Promoção de Intercâmbios de Informação Interplanetária e Interestelar so-

bre Administração do Planeta".

Eu achei que isso era uma boa piada. Entretanto, um momento depois, eu comecei a pensar se a sugestão de meu amigo pudesse realmente ser uma idéia que vale a pena realizar. Ela poderia começar como uma piada, mas o que começaria como uma piada poderia, algum dia, desenvolver-se em alguma coisa seria. O objetivo da sociedade apenas poderia, dentro de poucos séculos, tornar-se um objetivo mais significativo do que qualquer daqueles que nós já tivéssemos inventado, e dar uma nova proposta para a existência de toda a humanidade. Eu estaria interessado em ouvir seus comentários sobre esta idéia.

Este artigo, de autoria do finlandês Allan J. Wirtanen, nos foi enviado para a apresentação ao fandom brasileiro. Para quem tiver interesse em contatá-lo, seu endereço segue abaixo:

Allan J. Wirtanen  
Aaltosenkatu 49 F 87  
33500 Tampere, FINLAND

#### L. RON HUBBARD'S CONTESTS - Continuação da página 16

Após a conclusão do artigo, recebemos essas outras informações.

No Writers of the Future Contest, os vencedores do atual quarto da competição são Barry Reynolds em 1º lugar, Terri Trimble em 2º, e Allen J. M. Smith em 3º. Eles ganharam respectivamente \$1000, \$750 e \$500 como prêmios. O 1º colocado desse quarto está automaticamente selecionado para participar do Grande Prêmio extra de \$4000.

No Illustrators of the Future Contest, os três co-vencedores do atual quarto são Charles Dougherty, Michael Crossman e Harold J. Fox. Todos receberam \$500 como prêmio e também a classificação e a possibilidade de ganharem o prêmio extra de \$4000 no Evento principal a ser realizado no meio do ano que vem.



# F I C Ç Ã O

## LINHA TERMINAL

por JORGE LUIZ CALIFE

Numa iniciativa inédita na FC Brasileira, temos a satisfação de apresentar a vocês, a versão condensada do romance Linha Terminal que encerra a trilogia "Padrões de Contato", iniciada com Padrões de Contato, em 1985, seguida por Horizonte de Eventos, em 1986. Ambos os livros foram publicados pela editora Nova Fronteira, que por questões econômicas, não publicou a terceira parte. Esperamos que a publicação no MEGALON, seja mais um motivo para a edição do romance Linha Terminal, previsto para o início de 1991, na coleção FC GRD.

### PRÓLOGO

Éramos três mulheres diferentes. Angela Duncan, Caroline Dafne e eu, Luciana Villares. Nascidas no Sistema Solar, além do século 25, com um dom muito especial. Os biólogos chamavam de imunidade ao envelhecimento. Na prática significava que íamos ficar jovens para sempre, coisa que todas as mulheres do mundo já sonharam, mas só a nós fora dado experimentar.

Não acontecera por acaso. Nesses genes tinham sido manipulados por uma inteligência cósmica, a Triáde, quando ainda estávamos indefesas, no ventre materno. Levamos séculos para entender porque a Triáde nos dera esse presente e o que ela queria em troca. Não tínhamos pressa, ninguém tem com todo o tempo do mundo.

Do século 25 ao 31 acompanhamos a evolução da raça humana. Sua migração da Terra para os mundos móveis, cidades-estado flutuando à deriva pelo hiperespaço. Sua associação com outras espécies inteligentes forma uma comunidade galáctica de civilizações, com base nas nuvens de Magalhães.

Aprendemos muito sobre a Triáde e a imortalidade. Descobrimos que a Triáde fora criada há bilhões de anos por seres que queriam viver para sempre. Membros de uma antiga comunidade de raças que aprendera a preservar sua consciência coletiva, gravando-a na própria estrutura da galáxia. Seres que haviam desaparecido, deixando seu alter-ego fantasmagórico para assombrar civilizações futuras.

Porque a Triáde nos criara foi algo que levamos mais tempo para des-



ocorrer. Um enigma que não teríamos decifrado sem a ajuda de outras pessoas. Pessoas comuns, sem nenhum dom especial exceto coragem e perseverança.

Michelle Darrieux foi uma delas. Uma astronauta do século 25. Perdida no espaço, Michelle acabou descobrindo um mundo muito estranho. Um mundo que explorei na companhia das amazonas de Vega, o corpo espacial feminino de uma das colônias humanas.

No mundo de Michelle descobrimos que os djestares estavam vivos. Seres que tinham assistido a criação da Tríade, bilhões atrás, perambulavam agora pela Terra, em algum lugar do nosso passado.

Procuramos contatá-los, nós e a Tríade. Foi através dessa supermente que Angela Duncan construiu o Portal de Tempo. Um meio de alcançar os djestares no distante século 20 e recuperar seu conhecimento perdido.

Alguns erros estavam acontecendo com a Tríade, algo que a fazia precisar desesperadamente da assistência dos seres da aurora. Contatá-los era um meio dessa consciência onipresente garantir uma imortalidade que tão generosamente nos dera, e que agora lhe escapava como areia entre os dedos.

Fábio Tavares é outra personagem importante. O relato que vão ler a seguir foi escrito por ele, embora esteja na terceira pessoa. Muitas das referências citadas pelo senhor Tavares são incompreensíveis para nós. Eu realmente não sei quem eram James Bond ou o deuter Smith mas presumo que fossem personagens muito importantes no cenário do século 20. Apesar dessas lacunas o relato de Fábio Tavares nos fornece um ponto de vista independente, uma visão imparcial de que foi a expedição de Angela Duncan e das amazonas de Vega, em busca dos fabulosos caçadores da Tríade, numa época ainda viva... Além do Portal de Tempo.

Luciana Villares  
Arquivos de Eden Quatro  
Janeiro 3100 D.C.

## I - ALÉM DA IMAGINAÇÃO

A nave saiu do meio das ondas como um golfinho e subiu qual foguete Polaris, direto para o céu azul. Segundos depois tinha se tornado supersônica e a ilha da Trindade não passava de um pontinho escuro, subindo na neblina azul do Atlântico Sul.

Imprensado na poltrona, pelas forças de aceleração, Fábio Tavares só pensava numa coisa. - Meu Deus, vou ser o primeiro astronauta brasileiro! Nada o tinha preparado para uma experiência dessas. Quinze minutos atrás estava deslizando sob as ondas, a 32 metros de profundidade. Agora estava vendo a Terra ficar redonda enquanto o céu passava de azul para roxo e depois para preto.

Como é que tinha se metido numa coisa dessa? Muito simples, era editor-chefe da revista Panorama Ufrológico e sua especialidade escrever histórias sobre pessoas que viam naves espaciais. Há coisa de duas semanas estava terminando de reescrever a matéria de capa, Contatos Imediatos em São Tomé das Letras quando uma loura linda entrara em seu escritório.

Era assim que começavam aquelas histórias de detetive. Eram quatro horas e quarenta e cinco minutos de uma tarde sonolenta de Sábado quan-

de Glória Marlowe entrou em meu escritório e me pediu para encontrar o seu marido.

Só que a belidade em questão se chamava Angela Duncan e estava procurando discos voadores. Falando um português impecável ela se apresentara como repórter de Brisbane Observer, uma publicação australiana. Estava fazendo uma reportagem sobre ufologia na América Latina e queria consultar a coleção da revista. Diante daquela criatura cinematográfica Fábio não só abriu os arquivos de Panorama Ufológico, como passou a servir de guia para a moça, em suas andanças pelo Rio de Janeiro e adjacências.

Feram parar em Itacuruçá, uma pequena cidade praiana, numa enseada da baía de Angra dos Reis. Parecia o cenário de um filme de piratas da Jamaica, mas ficava a menos de duas horas de carro do centro do Rio. Angela fazia fotografia submarina e queria chegar um local, perto da Restinga de Marambaia, onde pescadores tinham visto estranhas luzes debaixo d'água. Fábio cuidou de tudo, alugaram um barco e equipamento de mergulho e depois foram jantar num restaurante para turistas, que ficava numa ilha cheia de coqueiros.

Enquanto um sol cor de cêr de cereja mergulhava num mar todo dourado, Fábio admirava os olhos cêr de violeta de Angela Duncan. Ela tinha um rosto meigo e gracioso, que lembrava Audrey Hepburn naqueles filmes dos anos 60. O corpo perfeito, tinha os quadris largos de uma típica belidade latina, em contraste com os cabelos dourados e a cara de princesa de contes de fadas. Angela tinha uma explicação para isso, e para o fato de falar português tão bem: - Só minha mãe é australiana, meu pai é brasileiro. Ele imigrou para a Austrália há 40 anos, para trabalhar num negócio de criação de ovelhas, mas o Brasil é minha segunda pátria.

Podia até não ser, mesmo que ela disesse que tinha vindo de Alfa Centauri, Fábio estaria disposto a acompanhar aquela garota pra qualquer lugar do planeta. Talvez tivesse pensado duas vezes se ela falasse a verdade e lhe contasse de onde realmente vinha e para onde tencionava ir.

Por volta da meia noite, estavam juntos numa pequena lancha ancorada perto de uma estreita faixa de areia, muito frequentada por nudistas durante o verão. Angela colocou todos os apetrechos de mergulho a que tinha direito e armada de lanterna e câmara fotográfica afundou nas águas escuras. Fábio ficou esperando a lancha. Entendia de discos voadores e humanoides extraterrestres, aventuras submarinas não eram seu departamento. É claro que Charles Berlitz jurava que os OVNIs andavam debaixo d'água, lá pelas bandas do Triângulo das Bermudas, mas isso era fora de sua jurisdição.

Depois que Angela mergulhou tudo aconteceu. Foi como se a estrutura da realidade começasse a vir abaixo. A partir daquele momento a vida de Fábio Tavares virou o roteiro de um filme maluco. Uma coisa tão absurda que não daria para publicar nem nas páginas de Panorama Ufológico.

Primeiro foram as luzes submarinas. Ufos subaquáticos que deixariam qualquer morador das Bermudas babando de inveja. Angela voltou de seu mergulho nas águas mornas, como se achasse tudo muito natural.

- O que diabo era aquela coisa?

- Um Ovni-ela respondeu. - Você devia acreditar neles, sabia.

Como em toda boa história de disco voador o motor da lancha enguiçou e não pegou mais. Pra completar começou a seprer o temido vento sudoeste-

te e a lanchar foi arrastada para o oceano, além da entrada da baía. Aí apareceu o submarino. Claro, depois dos discos subaquáticos tinha que a parecer um submarino.

Não era um submarino classe Tupi, daqueles da marinha brasileira. Não era nem daqueles moderníssimos submarinos nucleares das classes Los Angeles, americana, ou Akula soviética. Era uma hidronave futurista, que parecia ter saído de um daqueles anúncios da General Motors, desenhados pelo Sidney Mead. Pra tornar a coisa ainda mais bizarra a tripulação da hidronave era formada por um grupo de mulheres esculturais, que podiam ter sido desenhadas pelo Boris Vallejo. Todas vestidas numa espécie de u niforme negro muito sexy, que nem a M<sup>o</sup>desty Blaise das histórias em qua drinhes.

E antes que o prezado leitor diga chega, é bom acrescentar que no me i e das garotas havia um japonês, com uma faixa de kamikaze na testa. Fábio começou achar que tinha abalroado a equipe de filmagem da próxima a ventura de James Bond. É claro, o japonês devia ser o dr. No e aquelas finalistas de concurso de beleza só podiam ser suas andróides assassinas. Infelizmente o mar estava começando a ficar agitado demais e Angela a-- cheu que era hora das despedidas.

- Fábio, eu fico por aqui. Você pode pegar a lanchar e voltar pra Ita caruçá.

- Que negócio é esse?

- Meu transporte para a Austrália.

- É mesmo? A Marinha Australiana nunca teve um troço desses.

- Fábio, eu não tenho tempo para explicar. O mar está ficando muito a gitado, elas vão ter que mergulhar agora.

- E você vai me deixar aqui? Encarando ondas de dois metros de altu- rra numa barquinha sem motor. Eu chamo isso de assassinate.

- Tá bem, suba à bordo.

E foi assim que Fábio Tavares, editor-chefe da revista Panorama Ufo- lógica, foi parar dentro do barco de salto Salena, das amazonas de Vega prestes a decelar para Mimas, uma das luas de Saturno.

## II - VIAGEM AO FUNDO DO MAR

As pessoas a bordo da hidronave falavam um idioma estranho, com uma sonoridade oriental. Fábio não entendeu nada, até que Angela se aproxima- meu e lhe deu um aparelhinho parecido com um fone de ouvido, desses usa- dos por deficientes auditivos.

- É um micro-tradutor. Coloque na orelha. Se alguém falar em idioma galático perto de você a tradução em português será sussurrada em seu o uvido.

- Angela, que lugar é esse? Quem são essas moças? O que está acontece ndo?

- É uma história complicada, não sei se você vai entender.

- Faça uma tentativa. O que são essas garotas? Andróides? Alienígenas que tomaram a forma feminina para invadir a Terra? Diga alguma coisa.

- Nós somos de futuro. Somos viajantes de Tempo visitando a sua épo-

ca. Essas mulheres são de uma colônia terrestre fundada no mundo de uma outra estrela. Mil anos no futuro. Pode entender isso?

- Vocês viram de futuro...que dizer de meu futuro?

- Não exatamente. Sou de uma linha de tempo paralela a sua. A história de seu país é um pouco diferente em meu mundo. Não houve a revolução de 64 e Juscelino Kubitschek se reelegeu presidente em 82. Mas nada disso muda muito a história da humanidade. Sei que deve parecer estranho pra você.

- De modo algum, vi todos aqueles seriados de ficção científica da televisão. Vocês voltaram no tempo, como a Enterprise em "Jornada nas Estrelas" se bem que essas coisas pareçam alguma coisa saída de "Espaço 1999" ou talvez de "007 contra o foguete da Morte".

- Que bom que você aceita tudo tão naturalmente. Não imagina como fico aliviada.

Uma das garotas espaciais se aproximou e falou alguma coisa com Angela. O pequeno microfone em sua orelha sussurrou a tradução.

- Temos um contato positivo perto da ilha da Trindade. Está imóvel a 90 metros. Disparamos um drone em velocidade supersônica para investigar. Não queremos assustar nessa presa.

- Tudo bem, já vou para a sala de comando. Acho que temos boa possibilidade de fazer contato.

Fábia perguntou: - O que está acontecendo?

- Estamos tentando fazer contato com um tipo de inteligência extraterrestre que explorava os oceanos da Terra em sua época.

- Não brinca? Homenzinhos verdes e discos voadores de verdade?

- Não exatamente. Eu não acho que os djestares sejam humanoides como vocês gostam de imaginar os extraterrestres. Eles evoluíram num ambiente bem diferente e não são descendentes de primatas como os humanos. Há uma nave deles escondida no fundo do mar, perto da ilha de Trindade.

- O mar ali é fundo. Quatro quilômetros eu acho.

- É, e essa nave não pode mergulhar tão fundo. Por isso queremos surpreendê-los perto da superfície.

- E o que são essas coisas? Astronautas?

- Amazonas espaciais. É o apelido delas.

- Amazonas espaciais? Você está me gozando, não está?

- Fale com você depois.

A hidronave tomou o rumo noroeste, acelerando com uma lancha de corrida. O casco hidrodinâmico, com a forma de uma concha elíptica achatada, ergueu-se inteiramente fora d'água, equilibrando-se sobre um delgado hidrofólio. Quando a velocidade atingiu os 500 quilômetros horários o hidrofólio foi recolhido e a nave voou sobre a superfície do mar como um kevercraft.

Fábia Tavares sentia-se transportado para um mundo de sonho. A sala de comando ficava no centro da hidronave, na parte mais protegida de cada



seo. As tripulantes se recostavam em poltronas reclinadas, olhando para tabelas de dados e imagens computadorizadas projetadas no teto em cúpula. Placas sensíveis ao tato serviam de painéis de controle. Angela fez Fábio se sentar numa poltrona, perto da parede, onde não atrapalharia a atividade da tripulação.

As mulheres de traje negro falavam baixinho umas com as outras e andavam de um lado para outro em afazeres enigmáticos. Seus rostos benitos lembravam as faces que se costuma ver em capas de revistas. Anas espaciais? Absurdo! Devia estar sonhando. Mas era tudo tão real.

Adriana Peli não parecia nada com a imagem clássica de uma amazona. Era uma criaturinha graciosa, um metro e 60 de altura, uns 48 quilos de peso. Sentava-se na poltrona de timoneiro, controlando a hidronave através de um link neural ao seu pulso. Quando o dia raiou, pintando de ouro o céu, ela fez a hidronave mergulhar, deslizando silenciosa sob as ondas. Logo depois Fábio via a nave alienígena.

Era uma coisa tremenda, lembrando um cogumelo ou medusa gigantesca. Um pires de 190 metros de diâmetro tapando a luz de dia e criando um crepúsculo próprio no mundo submarino. De sua parte inferior um estalactite afilado projetava-se para baixo, como a base de uma plataforma de petróleo e sumia nas profundezas escuras.

Angela e outra moça, de nome Dafne, vestiram trajes de mergulho e deixaram a hidronave montadas numa espécie de torpedo elétrica, como aqueles usados pelos homens-rãs da II Guerra Mundial. Quando se aproximaram da nave alienígena foram sugadas por uma correnteza e sumiram dentro da imensa estrutura negra. A nave começou a se mover. Gireu lentamente e o estalactite virou terra, furando a superfície do mar. Então a estrutura inteira, a terra e sua base circular, se destacaram da superfície e subiram para o céu azul, quase sem nuvens.

As Amazonas ficaram agitadas. Adriana Peli fez a hidronave correr sobre as ondas e alçar vôo. Fábio foi espremido contra o assento e num instante tinha virado astronauta. O primeiro astronauta brasileiro.

### III - O TÚNEL DO TEMPO

Estavam em gravidade zero, e Fábio começou a enjoar. O japonês Kamikaze o ajudou a sair da poltrona e num português hesitante recomendou que ficasse agarrado às paredes.

- Feche os olhos e respire fundo.

- Ache que vou vomitar.

- Vou arranjar um saco... Tome, se precisar use isso.

- Tudo bem, ache que estou me sentindo melhor, é só meu estômago que fica querendo virar do avesso. É isso que é viajar pelo espaço? Tô enjoado.

- Teremos gravidade superficial na nave mãe. Ela está vindo para cá. Faremos contato em poucos minutos.

A cúpula de teto virou tela de alta definição e Fábio viu dois veículos em órbita. Um era a nave alienígena, pairando inclinada sobre a Terra. O outro lembrava um girassol ou cristal de neve e se aproximava cada vez mais da hidronave.

Na ausência de perspectiva de espaço Fábio pensou que fosse um saté-

lite. Então percebeu que o casulo em forma de ovóide pontudo, no centro da flor, era maior que um porta-aviões. Aproximou-se, tentando recolher a hidronave, mas não houve tempo para isso. As moças ficaram agitadas e a visão mudou para a superfície da Terra abaixo.

Uma coisa muito estranha estava acontecendo. O oceano Atlântico e a costa de Santa Catarina estavam afundando, formando uma concavidade na superfície do planeta. A concavidade virou um poço enquanto o planeta em volta se distorcia, transformava-se numa película multicolorida e en-velvia as espaçonaves num canudo de luz brilhante.

Fábio não aguentou mais e esvaziou o estômago no saco de plástico.

#### IV - QUINTA DIMENSÃO

Era como se a superfície da Terra, com o mar, as nuvens e o céu, tivessem sido esticados, transformados num papel de parede cósmico que agora revestia o interior de um túnel cilíndrico, de comprimento infinito. Faixas de dia alternavam-se com regiões de noite enquanto as três espaçonaves caíam naquele poço sem fundo. Quando pôde olhar de novo, Fábio viu uma tempestade passar nas paredes do túnel. Relâmpagos brilhando em meio a nuvens achatadas e distorcidas. Adriana Peli conseguiu escapar da desorientação dos sentidos e guiou a hidronave para dentro da nave-mãe, o barco de salte Salena.

Fábio recebeu medicamentos contra enjôo, e só então pode falar com a líder das Amazonas de Vega. Uma moça de uns 25 anos de idade, chamada Marina Jen. Ela falou pausadamente, dando tempo ao tradutor na orelha de Fábio para que repetisse em português cada frase.

- Queremos lhe agradecer por ter ajudado Angela, quando ela se estraiu viu em sua época. Gostaríamos de poder levá-lo de volta. No momento isso não é possível. Estamos viajando dentro de uma ponte de Rosen-Einstein, um buraco de verme ligando a Terra a outro continuuum de tempo-espaço. Sentimos pelo incomodo. Quando for possível nós o levaremos de volta. Enquanto isso, o senhor Watanabe ficará encarregado de ajudá-lo e instruí-lo quanto a vida a bordo. Sentimos pelo seu desconforto, mas no momento não podemos acelerar para produzir gravidade artificial. Espere que a medicação o ajude.

Amazonas espaciais. Não conseguia pensar nisso sem um sorriso nos lábios. Era um velho clichê dos filmes de ficção científica da televisão. Uma praga tinha exterminado todos os homens no planeta delas. Ou então uma revolução feminista triunfara e colocara o sexo masculino dentro de jaulas. Meros objetos sexuais como em "Buck Rogers no século 25". Não, uma coisa dessas não podia acontecer na vida real. O que elas estariam fazendo aqui? Capturando machos saudáveis para a procriação? Per mim não me imperte, aderaria ir pra cama com uma dessas moçilas apetitosas. E a comandante Marina era uma graça. Quem sabe não poderia seduzí-la e levar essa nave para a Terra?

Serriu lembrando-se de outra cena de seriado de TV. O deuter Smith tentando seduzir a nobre Nielane, líder das guerreiras espaciais em "Perdidos no Espaço". Smith queria voltar pra Terra e vendia a alma ao diabo para conseguir isso. Será que quer voltar pra Terra? - ele se perguntou. Pra encarar de novo a miséria, os assaltos e a inflação. A vida num país sem futuro?

Fei alojado numa pequena cabine, com beliche e banheiro anexo. Passa ra a noite acordado, estava exausto física e mentalmente, e não teve di ficuldade em dormir. Senhou que estava em casa, vendo televisão. Um epí sódio antigo de seriado "Jornada nas Estrelas". Amazonas espaciais ata- cavam a Enterprise e roubavam o cérebro do senhor Spock, o herói aliení gena do seriado. Speck virava um zumbi, andando mecanicamente pelos cor redores da nave. Até que o capitão Kirk derrotava a líder das amazonas e a obrigava a restituir o cérebro de seu amigo. Tudo muito absurdo, mu ito kitsch, como só as séries dos anos 60 conseguiam ser. Mas muito di- vertido.

Acordeu e olhou em volta. Estava dentro de uma nave espacial e não era a espaçonave de madeira e cartolina de um seriado de TV. Era prisio neire das amazonas espaciais e isso não tinha mais graça nenhuma.

## V - GALÁTICA

Apesar de tudo, sentia fome. Seu guardião, Akira Watanabe, o levou pa ra uma saleta que devia ser um refeitório. Pediu um suco de frutas, não queria arriscar ainda com nada muito sólido. Acabou comendo uma coisa que tinha forma e consistência de biscoito waffer mas gosto de recambe- le.

A arquitetura interna era curiosa. Dentro da nave não havia arestas nem angulos agudos. Méveis e paredes terminavam em curvas arredondadas. Tudo acelhado para evitar cantusões. A sensação de peso vinha e volta va. Às vezes havia gravidade, as vezes não.

- Estamos manobrando nos anéis de Saturno. Quando a prepulsão é liga da temos gravidade, quando desliga não temos.

- Você é o único homem da tripulação?

- Com você somos dois.

- Como veio parar aqui? Angela disse que essas noças vieram de futu- ro.

- Seu uma espécie de especialista contratado. As veganas cuidam de transporte e da segurança desta expedição. Eu cuide da parte histórica, orientando-as quante aos aspéctes da vida na Terra, nesta época especí- fica.

- Elas são todas muito jovens. Jovens demais para dirigir espaçonaves.

- Estão na idade ideal. Entram na força aos 15 anos e são obrigadas a dar baixa aos 30. O organismo feminino, nessa faixa de idade é e mais adaptado para suportar a desorientação de gravidades e acélerações vari áveis. Já viu como elas não enjoam?

Rábio lembrou-se de que era jornalista e procureu extrair o máximo de informação. Se voltasse para a Terra, teria a maior história de dis- ce voador de todos os tempos.

- O que estão fazendo aqui? No passado.

- Trabalhando para a Tríade.

- Tríade?

- Eu mostre. Quer mais suco?

- Obrigado.

Akira exibiu um objeto que parecia uma prancheta, mas tinha uma tela de vídeo plana de alta definição. Mostrava uma imagem, uma linda espiral de estrelas com uma barra luminosa no centro. Um redemoinho de luz azulada, delicado como uma obra de arte.

- Isso é o que você chama de Via Láctea. A galáxia onde vivemos. Só que ela também está viva. E consciente.

- Tá brincando?

- Dizem que a Triáde é o produto final da evolução de civilizações muito antigas. Esses seres da aurora, como os chamamos, se tornaram imortais. Imprimiram sua consciência coletiva na própria estrutura da galáxia, nos campos de energia permeando as estrelas. E a galáxia virou uma coisa viva, dotada de vontade própria. Crescendo com as mentes de cada nova espécie que brota entre suas estrelas. Nós a chamamos de Triáde de vídeo a forma de seus cristais sensores. Tolice, é claro, a forma dessa super-entidade estava diante de nós e tempo todo, atravessando o céu como uma ponte de luz aperelada.

- Uma galáxia viva...É lindo.

- Ah, ela faz coisas lindas. Você viu Angela, e a outra moça Dafne? São criações da Triáde. Células sensoras em forma de mulher. Mulheres imortais, que não envelhecem nem morrem.

- Angela? Imortal? Espere aí.

- Um dia seremos todos como ela. Se ajudarmos a galáxia. Se evitarmos que sua consciência morra.

- A galáxia está morrendo?

- A consciência da galáxia, e que chamamos de Triáde vai morrer. Esse Universo está morrendo. Perda de energia, entropia crescente, fontes de energia esgotadas. Já reparou que não há nenhum quasar perto daqui. Você só pode vê-los no passado, quando o Universo era jovem. É por isso que voltamos ao passado.

- Pra caçar quasares?

- Não, para encontrar os djestares. Os últimos seres da aurora. Os criadores da Triáde. Aqueles que podem reverter o processo e salvá-la da destruição.

- É muito pra minha cabeça.

- Eu sei. Não pense muito nisso.

- Queria ver Saturno. Você disse que estamos nos anéis.

- Estamos. Mas pode ser assustador, pra quem nunca viu.

- Não, eu quero ver. Se cheguei até aqui tenho o direito de ver.

- Você é quem sabe. Há uma bolha de observação no casco externo. Vamos até lá.

Não imaginava que fosse assim. Uma coisa era ver Saturno numa fotografia, ou numa tela de televisão e outra muito diferente era estar lá.

O planeta era imenso, inimaginável. Uma bola amarela cheia de faixas marron castanhas cobrindo metade do céu. Com relâmpagos brilhando no

lado escurecido pela noite e sistemas de nuvens redeplantas no lado iluminado e bizarramente colorido.

Estavam se aproximando pelas polas e o sistema de anéis do planeta saltava de um horizonte a outro. Um homem já viu. Eram milhares tricas luminescas, fice. Aqui



R.S. CAUSO 90

mais fantástico arco-íris que de anéis formando faixas concêntricas como os sulcos de um disco fonográfico e ali era possível notar fendas e sulcos radiais naqueles rios de cristais flutuantes. Faixas luminescas que vistas de tão longe não revelavam sua natureza granulada, pareciam fitas de material fluorescente, estendendo-se em arcos sucessivos até o infinito.

Sentiu lágrimas escorrendo em seu rosto. Era bonito demais, grandioso demais. Nunca pensara que um panorama assim poderia existir. Saturno expandia-se em todas as direções, virava um oceano de nuvens per baixo da nave. Os anéis tornavam-se uma muralha de luz subindo em direção ao zenith, tocando o Sol, que distante e encolhido parecia a estrela de Belém dos cartões de Natal.

Fábio chorou de alegria e deslumbramento. Em toda a sua vida, nunca tivera religião nem acreditara em Deus. E agora percebia que Deus existia. Não lá, no país pobre que deixara, mas aqui, na maravilha

lha luminesca que o envolvia.

Não podia mais acreditar que a natureza era produto do acaso diante de uma obra de arte como esta, uma maravilha geométrica do tamanho de um mundo. Deus estava aqui, longe da Terra, num mundo de luz, cor e galáxias vivas.

O Salena parou sobre o plano dos anéis e o Universo foi certado ao meio pelo que parecia uma parede de luz infinita. Uma planície, um oceano de grãos fluorescentes que se coagulavam e se estendiam para formar um horizonte incrivelmente plano, sob um céu estrelado. Um céu onde a Via Láctea se derramava num rio de estrelas que se misturavam e se confundiam com os anéis, lá no horizonte.

Sobrevear Saturno era a maior experiência mística-transcendental que um homem podia experimentar. Aquelas mulheres de futura deviam ser andróides para não se emocionarem com isso. Como podiam continuar pilotando a nave sem sentir a alegria suprema que ele estava sentindo? A mara-



vilha da revelação final.

Esgotado, Fábio assumiu uma postura fetal, flutuando no ar dentro da bolha de observação. Fechou os olhos incapaz de continuar fitando aquela paisagem enlouquecedora. De vez em quando não resistia e abria os olhos, só para ver se os anéis estavam lá, cobrindo o céu com sua perfeição geométrica.

Cada vez mais perto de Saturno, a Salena penetrou na sombra dos anéis, bem perto do equador do planeta. O sol foi eclipsado e virou halo avermelhado. Sombras, como espectros em fuga, escorreram pela planície de gelo e pó. Depois os anéis pareceram recuar para o infinito e sumiram virando uma linha de luz. Um arco fino trespassando o Sol. Arco que desapareceu abruptamente numa das extremidades, engolido pela sombra que o globo gigante projetava no céu.

## VI - A LUA DE AVALON

O mapa tático, projetado na parede da sala de oficiais de Salena, revelava a topografia de um mundo alienígena. Mimas, a primeira grande lua de Saturno é uma bola de rocha e gelo, crivada de crateras, com 390 quilômetros de largura. Mapeada pelas sondas Voyager, suas crateras e desfiladeiros receberam nomes de personagens da lenda do rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda. Há apenas uma exceção. A grande cratera de Herschell, com a montanha do mesmo nome, no lado voltado para Saturno, cujo nome é homenagem ao astrônomo que primeiro viu este pequeno mundo. Era para Herschell que a oficial tática, Isabela Davinci, apontava naquele momento.

- A nave djestar assumiu órbita geostacionária em torno de Mimas, está parada sobre a cratera de Herschell. Estamos assumindo uma órbita semelhante, que passa pela cratera de Morgana, à beira do grande mar de gelo ao norte. Com um pequeno ajuste podemos mudar de órbita e encontrar com eles.

Marina olhou para Akira Watanabe, o único homem presente àquela reunião.

- Você acha prudente?

- Estamos nesse jogo de gato e rato há algum tempo.

- A questão é quem é o gato e quem é o rato. Angela e Dafne sumiram dentro daquela nave há um bom tempo e não tivemos mais notícias delas. Tudo que sabemos a respeito dos djestares parece envolto no mito. Eles me parecem um bocado tímidos para entidades tão poderosas.

- Eles são tímidos. Há milênios eles criaram um mini-universo e se refugiaram nele. Deviam estar com um medo danado de alguma coisa. Suas visitas ao nosso Universo se resumem a sondagens esporádicas. Temos certeza deles se interessarem tanto pela vida marinha de planeta Terra.

- O que sugere?

- Nós fizemos a primeira tentativa de aproximação. Enviamos Angela e Dafne lá para dentro. Vamos esperar que eles façam o próximo movimento.

- Eles já fizeram. Fugiram da Terra para Saturno, nos arrastaram numa perseguição através de um dos seus buracos de Verme.

- Devem se sentir ameaçados. Minas é a base deles nesse sistema. Devem ter vindo para cá porque se sentem mais seguros aqui.

- Criaturas que criam Universos? Que criam entidades como a Triade? Ameaçados por nós?

- Angela representa a Triade por aqui. A galáxia viva. É uma oposição razoável mesmo para os djestares. Vamos esperar, alguma coisa vai acontecer.

- Falar é fácil. Olhe eu tenho uma tripulação de garotas jovens e super-excitadas, deidas para entrar em ação. Adriana Peli quer liderar um comando de abordagem até aquela nave. Ela diz que Angela pode estar correndo perigo, equipada apenas com um traje de mergulho, para os oceanos terrestres, aqui, nas luas de Saturne. Não sei se ela não tem razão.

- Mande suas ninfetas tomarem um banho frio. Nós vamos esperar. Esperar até que alguma coisa aconteça.

- E se não acontecer nada?

- Melhor para nós.

Em beleza e majestade, o monte Herschell só tem um rival no Sistema Solar, o monte Fuji no Japão. Ao contrário do Fuji, Herschell é um cone duplo, com quatro quilômetros de altura, dominando o anfiteatro natural formado pelas muralhas de uma cratera com 130 quilômetros de diâmetro. Herschell não tem uma tiara de neves como o Fujiyama, mas tem Saturne. Uma bola celerida, 62 vezes maior que a Lua cheia vista da Terra, corta da ao meio pela seta brilhante do plano dos anéis. Eternamente parada no horizonte.

A nave djestar flutuava sobre o cume da grande montanha brilhando como estrela na luz da manhã. Estivera imóvel, há 32 horas, esperando um momento propício.

E então o momento chegou.

## VII - VIAGEM FANTÁSTICA

Fábio estava dormindo na belha de observação, cansado de tantas maravilhas. Dormindo e tendo o sonho mais fantástico de sua vida.

Estava tomando banho na praia amazônica, na praia disíaca. Pelos rocosos, rasgando a laguna de coral Bera, no Pacífico, no mundo da é muito cerebelesa das meças, me convém a um de um bande de rante nas endas, meçou a mudar.

O céu azul vinha, e mar se



he de mar com as de uma ilha para- chedos vulcâni- vegetação, e a devia ser Bera ce Sul. Devia dos sonhos na- te. Admirava a todas suas ce- sonhe, parecen ninfas se ati- quando tudo ce

ficou cor de transfermeu nu

oceano de sangue. A vegetação sobre os morros virou uma coisa alienígena, que lembrava algas ou líquens vermelhos hipertrefiados. Os picos vulcânicos mudaram, pareciam agora feitos de quartzo derretido pelo calor de uma explosão nuclear.

O sol também estava mudado. Tinha virado um anel de luz brilhante, cuja imagem refletia-se no mar agora muito calmo. Um sol em forma de anel como era possível? Lembrou-se dos efeitos de distorção da luz por lentes gravitacionais. É claro, devia existir um buraco negro em órbita desse mundo infernal, sua gravidade transformando a imagem do sol num anel.

Adriana Peli estava deitada de bruços sobre uma toalha, se bronzeando em cima de uma rocha vulcânica, não muito distante de Fábio. Ele olhou para ela e assistiu a metamorfose.

As pernas da moça se uniram e se transformaram numa cauda flexível e translúcida. Assustada, Adriana tentou se levantar, mas seu ventre inchou subitamente, fazendo ela parecer grávida de oito meses. Os braços encolheram e foram absorvidos enquanto o corpo se reestruturava, virando um fuselagem hidrodinâmica como o corpo de uma foca, e diâmetro maior centrado na altura do ventre.

O peixeço de Adriana se alongou, ficou tão comprido como o corpo e flexível como uma cobra. A cabeça se achatou, ficou triangular enquanto o crânio triplicava sua capacidade cerebral. Um trio de olhos luminosos substituíram as antigas feições femininas. O que há minutos atrás fora uma mocinha era agora um bicho bonito, que lembrava o cruzamento de uma foca com um plessiossauro. Todas as outras moças lá na praia tinham virado criaturas idênticas e quando Fábio olhou para si mesmo percebeu que não era mais homem. Era um djestar.

Seu trio de olhos produzia uma visão incrível. Três imagens superpostas, uma mostrando o Universo na faixa da luz visível, até o ultravioleta, outra revelando o mundo dos infravermelhos e a terceira mostrando o universo dos raios X, gama e outras radiações muito curtas. Fábio sentia-se feliz por estar aqui, neste refúgio, podendo se mover livre do casulo simbiótico que lhe permitia viver em todo tipo de ambiente, até no vácuo do espaço. O chamado do mar nunca deixara de influenciar sua raça e mesmo agora, bilhões de anos depois, todo djestar retornava ocasionalmente para as ondas, de onde sua espécie tinha emergido há tanto tempo.

Fera aqui, neste mundo, mas não neste mesmo Universo. Aqui era o refúgio, um mini-universo fechado e inatingível, onde as forças do caos jamais penetrariam. Tinha sido criado há muito tempo, quando a experiência estava começando.

Os djestares tinham votado contra. Criar uma inteligência artificial baseada na própria estrutura de uma galáxia lhes parecera um projeto perigoso, de consequências imprevisíveis. Isso fora há bilhões de anos, quando outra comunidade de raças governava a Via Láctea. Derrotados no conselho, os djestares tinham arrumado as malas e partido, refugiando-se num universo feito sob encomenda, onde uma inteligência maligna e super-poderosa jamais poderia encontrá-los.

Seus temores todavia jamais se concretizaram. A Triade tinha evoluído conforme seus criadores planejavam. Era uma força positiva agora.

que se aproximava dos últimos representantes do velho conselho para pedir ajuda.

E viera sob a forma humana. Era bem singular. Os humanos eram as criaturas mais vis e desprezíveis que a galáxia já vira. Tomar a forma humana era um sinal de extrema humildade. Um meio da Triade se curvar diante dos velhos senhores da aurora.

Velhos sim, mas nunca senis. Fábio curvou a cauda para diante e examinou seus órgãos manipuladores. A extremidade da cauda flexível de um djestar se dividia em dois tentáculos. E cada tentáculo se ramificava num cache de dedos delicados e sensíveis. Bons para segurar, arremessar e construir ferramentas. É claro que agora os djestares raramente usavam suas mãos. Transmisseres em seus cérebros os mantinham em constante simbiose com inteligências artificiais que os transportavam, criavam, moldavam e materializavam tudo que eles quisessem. Um djestar não usava suas mãos, exceto aqui, na comunhão com o pai oceano.

Uma pedra arremassada de perto o atingiu no dorso. Fábio elheu para a pequena fêmea sobre a rocha e aceitou seu convite. Juntos os dois mergulharam como projéteis, atravessando a grande vaga que se erguia para arrebear na praia. Depois nadaram fundo, explorando as penhascos e cavernas submersas, antes de emergirem juntos, na crista de uma nova onda. Per um breve momento seus peçoços se entrelaçaram num gesto carinhoso. Depois eles se separaram, mergulhando para atravessar outra onda.

A voz dela sussurrou em sua mente;

- Por que a Triade está morrendo? Entropia excessiva em seu Universo?

- Não, é muito cedo para isso.

- Mas ela está morrendo.

- Um velho dispositivo de segurança. Ninguém criaria uma coisa tão pederosa quanto a Triade, sem um meio de anulá-la, case a experiência escapasse ao controle. No caso, esse fator de segurança se auto-ativou, e vai destruí-la a menos que façamos os ajustes necessários.

- Devemos?

- Devemos. Ela se tornou tudo aquilo que seus criadores sonharam, será necessária no futuro.

- Ela se alieou aos humanos. Humanos são perigosos.

- Eles também tem um fator de segurança embutido. Pedemos anulá-los mais facilmente que a Triade, se eles se tornarem um incômodo no futuro. A experiência deve prosseguir. Dê a Triade toda a informação necessária. Ela já está fora de nossa jurisdição.

- O mar os trouxe, que o mar carregue seus desejos e os torne permanentes como as ondas.

- Flutue em paz.

O sonho terminou subitamente, e Fábio era homem novamente. Sentiu uma sensação de perda. Nunca mais esqueceria o sentimento de dignidade, paz e majestade que o envolvera quando se vira na pele de um djestar. Onde estaria Adriana Poli? Nalgum lugar desta nave certamente. Será que ela

sentia a mesma coisa? O mesmo sentimento de perda por se ver novamente na pele de um bípede mamífero, de uma raça tesa e primitiva. Era um choque e tanto, tornar-se um semi-deus por alguns minutos, e depois se ver novamente humano.

### VIII- LINHA TERMINAL

Angela Duncan estava de volta. De volta da nave alienígena e não parecia nem um pouco modificada pela experiência porque passara. Isso não surpreendia nem mesmo a Fábio. A experiência fora subjetiva, ocorrera e tempo todo nas mentes das pessoas, não no Universo exterior. Pelo menos não neste Universo.

- Então vocês também tiveram o mesmo sonho? - Ele perguntou.

- Cada pessoa dentro dessas naves teve. Fomos todos transportados para o mundo e o corpo dos destinos, para compartilhar de seus pensamentos e suas decisões.

- Como é possível?

- Eles são navegadores oníricos. Estruturam a realidade a partir de seus sonhos e se comunicam através deles.

- Telepatia?

- Não me pergunte. E não espere compreender uma tecnologia um bilhão de anos adiante de seu mundo.

- O que vai acontecer agora?

- O que chamamos de Linha Terminal. É um conceito lógico dos Arturianos, uma das raças de nossa comunidade. Cada hipótese formulada na solução de um problema leva a uma linha de causas e efeitos, cria um modelo de Universo. E quando todas as hipóteses inadequadas são eliminadas resta apenas a linha terminal, aquela que conduz à solução de problema. É o que atingimos aqui. A linha terminal.

- Você parece tão feliz.

- Ah, não imagina como. Por toda a minha vida eu me senti um peão, uma peça num jogo de xadrez cósmico. Eu não era dona de meu destino, vivia à mercê dos desejos de uma super-mente cósmica. E agora descubro que essa entidade que manipulou minha vida, a quem todos temiam como a um deus, não passa de um experimento. Um computador cósmico criado por seres muito simpáticos.

- Eles são incríveis não são? Sabe o que ainda me surpreende mais em tudo isso? Eu li todas aquelas histórias de ficção científica que as pessoas imaginavam em minha época. Quando queríamos visualizar uma criatura super evoluída sempre caíamos em dois clichês. Ou imaginávamos um homemzinho luminoso, todo atrevido, ou então apelávamos pra religião e visualizávamos uma mente pura, uma coisa como um espírito, toda feita de energia, sem matéria. E os destinos não são nada disso. Os criadores de universos não passam de uma turma de focas incrementadas.

- E com todo o seu poder e sabedoria eles ainda preservam sua antiga forma corporal. Ainda voltam para o mar de onde nasceram, para sentir o embalo das ondas que carregaram seus antepassados. Acho que sei como eles se sentem. Eu também queria poder deixar tudo isso de vez em quando



e fugir para algum lugar. Onde ninguém me olhasse como uma deusa. Onde eu fosse pura e simplesmente um ser humano.

Fábio sorriu.

+ Que o mar carregue os seus desejos, e os torne permanentes como as ondas.

- Você também aprendeu?

- Claro. Há uma sutileza nessa saudação, porque as ondas estão sempre lá, mas nunca na mesma forma, estão sempre mudando. Para os djestares a realidade, como os desejos, precisa ser maleável como as ondas do seu pai oceano.

- Eu espero que seja. Estou farta de um destino imutável. Mas agora temos que cuidar de você. Podemos desembarcá-lo em Itacuruçá amanhã à noite. É conveniente para você?

- Angela, eu não vou mais voltar para a Terra. Nunca mais. Essa é uma viagem sem volta para mim.

- Fábio por favor. Eu o meti nessa situação. É minha obrigação tirá-lo daqui. Se for para o meu mundo e que você vai fazer?

- O que eu vou fazer se voltar para de 1984 de onde você me tirou? Eu ver em meio a miséria e a crueldade paraíso aqui no céu. Sabe o que você faria comigo? Quer que eu acabe numa camisa de força? Quer que eu me torne um guru, um místico delirando com utopias irrealizáveis?

+ Você pode trabalhar para mudar a realidade do seu mundo. Para construir um futuro como aquele onde eu vivo.

- Mudar o mundo? Ah Angela, como você conhece pouco o meu mundo. Eu sou um homem, Angela, não quero me tornar um maripessa não suportam mudanças lá onde matam os senhores. E de que vai adiantar depois que eu estiver morto? Se quer jogar de volta na Terra pode me lançar no mesmo, vai me poupar uma lenta agonia.

- Fábio, você seria um peixe fora d'água no mundo onde eu vivo.

- Eu pareço um peixe fora d'água aqui? Angela, aquele Fábio Tavares que você conheceu no Rio de Janeiro, em 1984, está morto. Eu sou um novo homem. Eu encontrei Deus.

- Besteira. Nem a Tríade, nem os djestares se encaixam nessa definição.

- Claro que não. Eles são os criadores dos deuses Angela. Houve um cientista, da minha época, que disse que nós somos a consciência de



Cosmos. Esse infinito estrelado aí fora, Saturne e tudo o mais, é como um imenso organismo. Uma coisa que evoluiu ao longe de bilhões de anos até produzir a vida inteligente. É através de nós, eu, você, a Triade e os djestares que o Universo fita a si mesmo e se reconhece. Somos a mente do Cosmos, somos parte disso tudo e jamais seremos estranhos, não importa onde formos. Talvez haja uma inteligência maior por trás disso tudo, talvez não. Se Deus não existe nós vamos criá-lo. Ele vai existir quando o Universo terminar de evoluir através de nós. Você não pode me negar o acesso ao Cosmos. Eu tenho tanto direito quanto você, ele é parte de mim, como é parte de você. O Universo nos pertence.

Angela não disse mais nada. Fábio ainda não tinha certeza, mas era capaz de apostar como aquele discurso improvisado lhe concedera uma passagem. Sem escalas para o futuro.

## IX - O PAÍS DO SOL POENTE

Perto Argus ficava num disco de Alderson, um mundo com a forma de um disco chato, com 450 milhões de quilômetros de diâmetro. O sol brilhava vermelho pálido, num horizonte plano e muito distante. Era sempre o cair da tarde aqui. Um lugar onde nunca haveria noite, porque o sol jamais se ocultaria.

Fábio olhou para as penhascos, de onde uma cachoeira caía como fio de fumaça, quilômetros e mais, até desaparecer no lago distante. Era como estar num país de fadas, e as fadas estavam ali, do seu lado, ajudando a tirar as malas da cápsula transportadora. Olhou para Adriana Poli e não se conteve.

- Sabe que você é uma fêmea muito atraente? Como humana ou como djesttar.

- Ela pareceu não entender e voltou para dentro da nave buscando alguma coisa que esquecera. Angela sorriu e colocou a mão sobre seu ombro.

- Bem vindo ao lar.

- Você mora aqui?

- Aqui, em toda a parte. Já esqueceu o seu discurso? Todo o Universo é nesse lar.

- Você está mesmo feliz Angela Duncan. E uma mulher feliz fica ainda mais bonita.

- Me lembre que estava muito deprimida quando saí daqui. Quando viajei para o passado. Me sentia solitária e perdida num universo frio e eterno. Estava sozinha e ninguém podia me ajudar.

Ele a abraçou e beijou delicadamente, sob a luz do eterno poente.

- Você não está mais sozinha. Nunca mais vai estar.

E o passado se uniu ao futuro.



# CHAMADO METÁLICO

Por Marcos A. Melo

Meu nome é Cinthia Bruner, e o que narro a partir de agora é, sem sombra de dúvida, o mais surpreendente e fantástico acontecimento de minha vida.

Eu tinha vinte e cinco anos de idade, morava em uma grande metrópole, onde as pessoas se esbarravam pelas ruas todo o tempo, sem olhar para o lado, sem se preocupar ou sequer notar aquele que vinha na direção contrária; os veículos ruidosos voavam baixo pelas avenidas largas, e prédios e mais prédios projetavam-se em direção a grande abóbada celeste, enquanto chaminés inexpressivas enegreciam o céu antes azul.

Em meio a essa mescla de seres, objetos e variados objetivos, vivia eu uma vida tranquila, regada pelo grande amor que eu sentia por Gary Hudson. Gary era um jovem

otimista, uma pessoa maravilhosa que ostentava um grande sonho: tornar-se um famoso cantor, mergulhar em uma brilhante carreira como vocalista e compositor do difundido gênero heavy metal. Esse estilo era para

ele um portal, uma passagem para outro mundo, onde a realidade e a ficção se mesclavam sem preconceitos, onde a emoção do mundo e as aspirações juvenis eram tão reais e tão ou mais necessárias que a presença do sol iluminando as estradas da vida. Eram frequentes as vezes em que Gary sentava-se na sala sombria e, calado, punha-se a compor letras vigorosas, que falavam do rock, da juventude, e da violência e terrores que povoam as entranhas da alma humana. Cômegava então a arranhar sua guitarra, produzindo sons alucinantes e frenéticos. Eu, sempre a seu lado, acompanhei toda a sua dedicação a esse sonho.

Determinação, porém, não era tudo. Gary nunca conseguia levar adiante seus planos. Faltava-lhe sorte, e chances. Nas poucas ve-

zes em que realizava pequenos shows em festas ou teatros, era abatido pela completa inexpressividade do público. Mas ele jamais desistiu, ou reprimiu-se... Gary dizia para si mesmo que o heavy metal era para as grandes plateias, que aquelas pessoas que o abatiam não sabiam apreciar o carisma de seus shows. Outras apresentações vinham... novos fracassos. E nosso amor era a força que sustentava aquele jovem, que servia-lhe de inspiração e de grande incentivo.

Numa noite de excessiva neblina, o firmamento cintilava qual incrustada jóia rara. As estradas da região montanhosa ao sul de minha terra estavam desertas e mudas como nunca antes vistas. Eu e Gary voltávamos de um município vizinho, e não se viam na imensidão no



turna outros faróis além dos nossos. Em dado momento, o céu acometeu-se de intenso e rubro clarão, como se fosse a explosão de uma grande estrela, transformando-se, por instantes num vasto mar de sangue. Das alturas, então, projetou-se

uma bola de incandescente brilho que precipitou-se em espantosa velocidade indo cair próximo a estrada velha, preenchendo a noite com um estrondo estarrecedor. Gary desviou o carro para fora da estrada. Parou. Descemos os dois do veículo e, enquanto fiquei ali estática, ele caminhou em direção a fociforecência que emanava de um grupo de rochedos. Lá, insinuava-se enorme e fumegante cratera, aberta pela queda do objeto em chamas. No centro, repousava um invólucro pastoso, semelhante a um grande casulo. Que seria isto? De onde, diabo, veio? Antes, porém, que qualquer pergunta pudesse ser respondida, um ruído sibilante escapou do casulo e, com notável espanto, vi o objeto ao lado de Gary explodir violentamente. Um grito desesperado rasgou o ar, não sei se era meu ou

dele. A cratera foi tomada por densa nuvem de fumaça, e um odor nauseante impregnou o ar. Eu estava perplexa, sem nada fazer ou falar, uma sensação de perda tomou conta de meu ser. Lentamente, a fumaça foi se dissipando, e meus olhos se arregalaram por completo quando vi no centro daquela cratera, uma figura ainda cambaleante que se erguia com conhecido porte. Gary Hudson, inacreditavelmente, sobrevivera à explosão. Sim, ele estava lá, de pé, ainda mais vivo que antes. Corri em sua direção, mas fui repelida qual bíbora venenosa. Ele encarou-me com feição diferente da normal, e apenas me disse: "Venha vamos embora daqui". Entramos então no carro e partimos em direção à cidade, Gary com os olhos dilatados, quieto como nunca. E a última coisa que vi ao olhar para trás foi o estranho casulo totalmente rompido, partido, dilacerado.

Nas semanas que se seguiram, desencadeou-se completa e súbita mudança em nossas vidas. Gary iniciou uma promissora escalada ao pedestal da fama. Seus shows, outrora meros fracassos, agora eram envoltos de sucesso, e imensas plateias o acompanhavam, e deliravam com sua figura e sua voz. Eu achava estranha aquela instantânea mudança, mas preferia ficar calada, não queria magoa-lo, ou me magoar. Isto porque, após o episódio do casulo, Gary não mais me dava atenção, tratando-me com total indiferença, como se fosse eu agora uma simples desconhecida, e não a mulher de sua vida. Assim, ficava apenas a observar os acontecimentos e seus concertos maravilhosos... via a plateia a estremecer a cada frase, cada som. O público era invadido por uma intensa volúpia que se concentrava naquele novo Gary, nas músicas que falavam de outros excitantes mundos, de demônios irados que lá reinavam, de acontecimentos sobrenaturais eclodindo na doce esfera terrestre... e além dela também. Esse ousado e fértil Rock Horror atraía a todos, os ginásios superlotavam, como se invadidos por adeptos de alguma seita, ávidos por orar a seu deus... e Gary Hudson era esse deus, que uivava e vibrava no palco iluminado por luzes coloridas de inodora fumaça. Como aquele homem sem sorte conseguiu

evoluir tanto em tão pouco tempo? Não sei e nem me atrevo a tentar responder a esta pergunta, mas o fato é que o "Sr. Hudson" estava muito, muito diferente do homem que, um dia, amei.

Algum tempo depois, um famoso empresário foi nos visitar em nossa nova casa. Trazia ele um convite milionário, irrecusável: a oportunidade de Gary Hudson cantar para um público colossal, em um dos maiores ginásios de shows do país. O sorriso largo que se formou na face de Gary, por si só, serviu como resposta.

Algumas semanas se passaram e, com tudo preparado, seguimos para o local da apresentação.

Chega o dia tão esperado. Tudo pronto para, ao cair da noite, Gary desmorronar o ginásio com sua voz rouca e penetrante. Nesse dia, o roqueiro estava ainda mais estranho. Não falou com ninguém, passou horas trancado sozinho numa pequena sala, sombrio, aguardando o momento do show.

A lua estava alta quando o empresário Henrique Stewart cruzou correndo um estreito corredor do ginásio, indo bater à porta do local onde Gary estava concentrado. Este saiu rapidamente, com os olhos vidrados, e fixos em um ponto ignorado. Chegara a hora, afinal.

É com incomparável porte que o jovem cantor aparece por detrás das cortinas e caminha até o centro do palco cor de ébano. Alguns instantes de silêncio. As luzes se apagam, o breu envolve o cenário, sendo combatido apenas pela claridade dos holofotes no palco. Os olhos de Gary Hudson pousam sobre a multidão. Sim, milhares de pessoas em total expectativa clamavam por sua música, pela melodia que alucina e cativa suas mentes idealistas. O cantor sorri, e a massa delira ao primeiro toque da guitarra escarlata. Tem início, então, uma música quente, um som metálico, vibrante, e Gary cantava com incomparável vigor, gritando como um louco, quase arrebatando as cordas da guitarra, numa sucessão absoluta de toques fora do normal.

Eu, Cynthia Bruner, em meio à multidão, mal reconhecia aqueles olhos sombrios que açoitavam a plateia como se quisessem saltar de sua face transfigurada. Súbito, as

# ASSOMBRAÇÃO DO PASSADO

Por MARK LUCKE

Novamente nosso companheiro Mark Lucke, de Ventura (CA), aparece nas páginas de MEGALON, agora com esta história sobrenatural originalmente intitulada "When the Past Comes A Haunting".

Traduzido por Renato Rosatti.

Angela Garrison se afastou de seu marido, Joseph, que havia começado a se sacudir e virar como em muitas noites anteriores; isso tem se tornado uma ocorrência frequente e uma vez que Angela mudava-se para longe do movimento de seu marido, ela podia voltar a dormir, mas sempre havia o clímax para o seu ritual noturno que sempre mantinha ela em guarda.

Num movimento rápido, Joseph gritou:

— Não! - abriu seus olhos e sentou-se na cama.

Angela estremeceu, seu coração pulsando rapidamente.

— Jesus, Joseph, o que aconteceu? - ela perguntou sentando-se próxima a seu marido.

Joseph permaneceu sentado em silêncio até que sua respiração voltasse ao normal, então ele respondeu:

— Foi só um sonho ruim, querida - ele repousou seu rosto nas palmas das mãos.

Angela recuou-se para seu travesseiro irritada.

— Desde aquela viagem a New Orleans, é a mesma coisa toda noite - ela repousou sua mão nas costas do marido - Por favor, Joseph, me diga o que aconteceu lá que deixa você tão preocupado.

Joseph virou-se e olhou para o rosto de sua esposa.

— Somente negócios.

Angie tirou seu braço enquanto ele deitava-se novamente ao lado dela. Ela deitou-se também e levantou os olhos para o teto.

— Você disse que os negócios iam bem, portanto eu não entendo porque você está tão preocupado com isso. - ela começou, totalmente acordada, como se fosse qualquer outra hora. Ela virou-se e olhou para os números vermelhos mostrados no relógio - "11:11, sempre em torno de onze e quinze" - ela pensou.

A voz de Joseph estava baixa quando ele falou:

— Vodou, muito vodou em New Orleans

Angie virou-se para ele:

— Vodou? O que você quer dizer com vodou? - ela perguntou antes de imaginar que ele já tivesse caído no sono de novo.

Ela virou-se e avistou o relógio, encarando os números iluminados. Apegou-o e virou-o para longe de si. Seus olhos se fecharam no momento em que uma batida leve veio da porta da frente. Angie virou-se para Joseph, que estava adormecido. A batida na porta tornou-se mais insistente. Ela tirou as cobertas sobre si e levantou-se da cama; apanhando seu roupão, ela deixou o quarto, fechando a porta silenciosamente para não acordar Joseph.

Um grito penetrou no sono tranquilo de Joseph, fazendo-o novamente sentar-se na cama, desta vez ele não está acordando de um pesadelo mas entrando em algo que parecia um pesadelo. Ele podia ouvir Angie chorando na sala de estar e alguém mais conversando com ela, uma voz que ele quase reconhecia. Levantou-se da cama e hesitantemente caminhou em direção da porta.

— Oh, meu Deus, você... - a voz de Angie expandiu-se e depois foi diminuindo aos poucos.

Joseph parou, seu coração batendo forte. Ele ouviu passos cada vez mais altos, alguém estava vindo para o quarto. Ele estava aterrorizado, mas não sabia ao certo porquê. Era como se a verdade tivesse finalmente vindo à tona.

A porta abriu-se, Angie permaneceu na entrada por um momento, depois veio para o quarto e fechou a porta. Ela virou-se e olhou nos olhos de seu marido, forçando palavras através de seus soluços:

— Há uma mulher grávida em nossa sala de estar. Seu nome é Lydia.

"— Este nome, oh, meu Deus!" - Joseph pensou - "É ela" - ofegou, chocado.

— Ela disse que a criança é sua, daquela noite em New Orleans. Oh, Deus, Joseph, diga-me que não é verdade. Diga-me que esta não é a razão de você estar tão preocupado - Angie suplicou, seu rosto vermelho e umido por causa do choro.



Joseph olhou para sua face, não conseguindo encarar seus olhos.

— Angie, eu lhe disse o que aconteceu em New Orleans. Negócios, nada mais.

A porta do quarto abriu-se. Lydia permaneceu na entrada, sua barriga estava grande e rechonchuda como a de uma mãe no último dos nove meses.

"— Isto não pode ser" — pensou Joseph — "Foi somente há dois meses atrás".

Lydia caminhou para dentro do quarto, começou a falar e agora Joseph reconheceu a voz.

— Joseph, você tem que dizer a verdade a ela. Você tem que fazer isso imediatamente antes que seja tarde — Lydia suplicou.

Angie continuava a encarar seu marido, esperando por uma resposta. Joseph deslocava seus olhos para longe de Lydia, sua mente raciocinando rapidamente como a de um homem de negócios. Ele achou uma explicação:

— Angie, me escute. Esta mulher está grávida de nove meses. Eu estive em New Orleans somente há dois meses atrás — ele disse com ênfase.

Angie refletiu por um momento e depois virou-se para Lydia.

— Você não sabe o que tem feito Joseph. Você me disse que se apaixonou por mim no minuto em que me viu. Você disse que nunca me deixaria. Eu implorei a você não mentir para mim, lembra-se, porque eu não posso controlar o vodu — Lydia disse antes de Joseph a interromper:

— Isto é loucura!

Angie levantou sua mão para Joseph:

— Deixe ela falar!

Lydia continuou:

— Quando eu acordei naquela manhã e você tinha ido embora, eu estava cheia de raiva e ódio de você pelo que fez a mim. Em questão de dias eu estava mostrando sinais de gravidez. O vodu irritou-se com sua mentira e fraude e o meu ódio crescente alimentou-o. O que eu concebi naquela noite é uma criança do inferno — Lydia concluiu, suas mãos esfregando sua barriga.

Joseph enfureceu-se:

— Isto é completamente demente — ele gritou para Lydia e agarrou-a pelos ombros — Eu não ouvirei mais nada sobre isso — empurrou a mulher para atrás da porta — Você é louca, agora saia! — ele bateu a

porta, tentando manter a mulher longe de sua vida.

Lydia dobrou-se em dor e se encostou contra a porta fechada.

Angela agarrou Joseph por seu ombro e virou-o. Suas palavras estavam seguras e confiantes quando ela falou:

— Aquilo pode não ser sua criança, Joseph, mas você tem estado com esta mulher, não tem?

— Não! Eu não tenho. Angie, ela somente persuadiu você falando sobre todo aquele absurdo de vodu — Joseph respondeu tranquilo.

Lydia gritava em dor, enquanto caía minhada pelo chão. Sua voz contorcia-se em dor enquanto ela falava:

— Joseph, você precisa dizer a ela a verdade. Corrija o erro, antes que seja muito tarde.

Joseph afastou-se do olhar de Angela, caminhou em direção da porta e gritou:

— Eu não sei quem você é. Não há nada para corrigir pois não tenho feito nada errado. — ele afastou-se da porta enquanto Lydia gritava em absoluta angústia; depois houve um silêncio.

Joseph virou-se para sua esposa, a qual estava pálida e com medo, enquanto Lydia começava a chorar soluçando no outro lado da porta.

— Não é correto que eu sozinho tenha que sofrer por causa da sua mentira e trapaça, Joseph, mas é muito tarde agora — Lydia disse ofegante, depois continuou — Nossa criança do inferno quer seu papai — sua última palavra conduzida por um grito.

Seus olhos arregalados em dor, ela olhou para sua barriga; um violento movimento em seu interior fez com que seu corpo inteiro agitasse para cima. Ela sentiu uma umidade espalhar-se sobre sua barriga, infiltrando-se através de suas roupas, tornando-as vermelhas de sangue. Outro impulso repentino trouxe a ela um grito de morte, enquanto a pele rompia ao longo de sua barriga inchada. Sua cabeça balançava para trás enquanto tentava aspirar o ar e alguma coisa obstruiu sua garganta. Ela se sufocou e o sangue jorrou de sua boca para seu rosto. Enquanto a escuridão se fechava em torno dela, tudo que podia pensar era que desejava que Joseph sofresse como ela agora; depois tudo tornou-se escuro. A morte salvou-a do tormento da pequena mão de três dedos com unhas

afiadas que se expulsava de sua barriga e depois começava a rasgar a carne que a envolvia. Finalmente, sua cabeça expulsou-se do ventre aberto, parte dela gritando, parte rosnando sua chegada ao mundo.

Angela tinha se agachado próxima à cama e colocado cobertas para se proteger. Joseph ainda permanecia na porta, seu ouvido pressionado contra a madeira fina, tentando escutar algo. Ao ouvir o rosnado, ele virou-se para Angela e com as palavras repletas de medo, ele disse:

— Oh, meu Deus, acho que ela está morta!

A pequena criatura inclinou sua cabeça coberta de sangue em direção da porta. Ela podia ouvir a voz de seu pai dizer "eu acho que ela está morta". Olhou para baixo no corpo dilacerado de sua mãe, depois levantou-se ereto e se esticou em seu peso total e altura de cerca de 75cm. Surgindo do monte de carne morta e começando a arranhar e empurrar a porta, a criatura levantava sua cabeça para trás e girava.

O horrível som pegou de surpresa Joseph que estava de guarda e pulou para longe da porta em reação ao barulho.

A maçaneta da porta começou a girar.

Angela e Joseph observaram horrorizados enquanto a maçaneta girava sua revolução completa e a porta abria-se. A cabeça ensanguentada de Lydia bateu violentamente contra o chão acarpetado.

Angela gritou.

Em cima do peito de Lydia se encontrava a criatura branca e pálida com seu pequeno tórax aumentando e diminuindo a cada respiração. O sangue da mulher morta escorria vagarosamente através da pele enfiada e que escassamente parecia cobrir os ossos que estavam embaixo. Seus olhos, dois globos oculares negros, observavam Angela até que um movimento de Joseph atraiu sua atenção. Ela inclinou sua cabeça e observou o homem trêmulo. O reconhecimento veio rápido, a criatura vociferou:

— Papai!

Joseph teve somente um momento antes do impacto liquidar com ele, a criatura saltou da carcaça ensanguentada e viajou pelo ar em sua direção. Ao sentir a pele quente tocar sua mão úmida, o pequeno monstro cravou seus três dedos no ombro de Joseph, segurando-o, depois gol-

peou seus pés em seu estômago. As unhas afiadas dilaceraram a carne macia com facilidade e o líquido que sustenta a vida jorrava das feridas. Joseph jogou sua cabeça para trás e gritou. A criatura ergueu sua mão direita e malvadamente penetrou suas unhas cortantes na garganta do homem. O líquido quente molhou o rosto da criatura, atingindo sua boca. Ela apreciou muito assim como o líquido que havia bebido de sua mãe.

Angela estava histérica e assustada. O infantil monstro saltou da cama e rastejou-se em direção a ela. Começou a chorar muito, como um bebê normal. Angela a alcançou e a apanhou. Ela começou a balançar a criança que chorava em seus braços.

Joseph virou-se violentamente na cama, então sentou ereto gritando:

— Não, Angela!

A explosão de desespero assustou sua esposa, acordando-a; ela permaneceu na cama um momento esperando por seu coração retornar lentamente à pulsação normal, depois ela alcançou e acariciou as costas despidas de seu marido.

— Outro sonho? — ela perguntou, já sabendo a resposta.

Ele esfregou seus olhos e rosto com ambas as mãos tentando recuperar seu comportamento normal.

— Sim, somente um sonho ruim. Desculpe acordá-la — ele disse.

— Não é tão ruim, exceto que numa dessas vezes eu terei um ataque do coração — Angela disse com um sorriso malicioso, tentando aliviar a tensão.

Joseph deitou-se próximo de sua esposa, que repousou sua mão em seu tórax.

— Isto tem acontecido desde que você foi numa viagem a New Orleans — ela disse olhando para Joseph — O que aconteceu lá, que o deixa tão preocupado?

Ele virou-se para ela e sorriu:

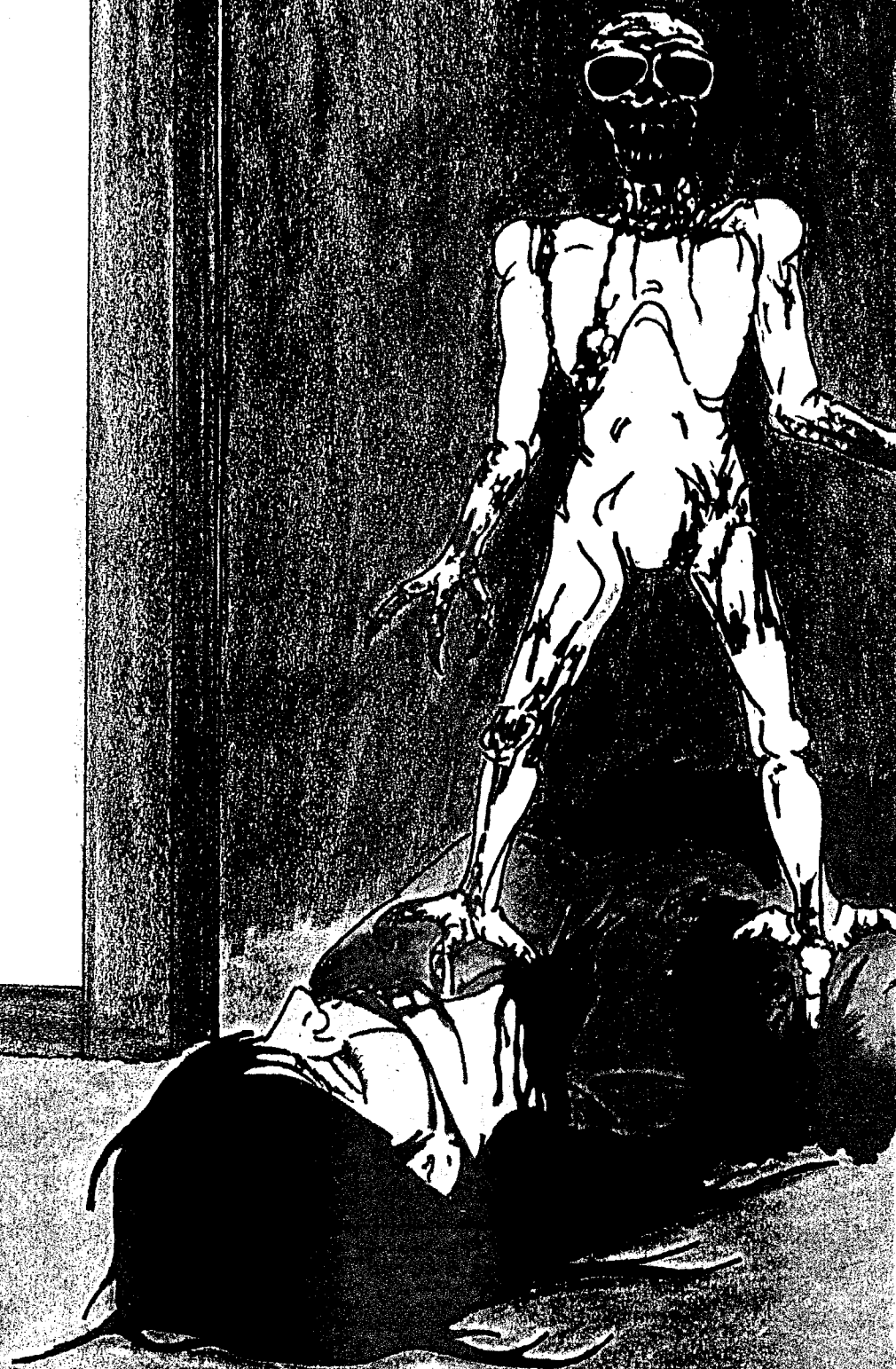
— Nada, querida, apenas negócios.

Uma batida alta e insistente começou na porta da frente, parecendo alguém tentando literalmente derrubar a porta abaixo. Angela saltou da cama e apanhou seu roupão.

— Quem pode ser às onze e quinze da noite?

Joseph agarrou-a enquanto ela deixava o quarto.

— Angela, não! — ele gritou.



Mark Fisher © 90

" Em cima do peito de Lydia se encontrava a criatura branca e pálida, com seu pequeno tórax aumentando e diminuindo a cada respiração. "

# UM DIA NA VIDA DE RAMOS DA NÓBREGA

## DÉCIO ONE

Agente financeiro da TIME IS MONEY, uma corretora de títulos, ligada à Bolsa de Valores de São Paulo, Ramos da Nóbrega saiu hoje, 10 de agosto de 1989, mais cedo do apartamento, e mais ciente do que ontem, de seu inquestionável valor. A crise, o desemprego em massa, provocado pelas manipulações do mercado de títulos, pelo mega-investidor Maji Nahas, parecia tê-lo poupado: julgava-se fora da possibilidade de desemprego. Dezenas de amigos e conhecidos seus, tinham sido mandado embora, ficaram, de um dia para o outro, sem trabalho. Com que se danem, que poderia ele fazer?, talvez fosse mais competente do que seus ex-colegas de serviço, agora desempregados. Se permaneceu no emprego, é que reconheceram seu valor. Almoçou, passou a tarde na rotina dos contatos, atento para alguma notícia que pudesse usar como ponto de venda de um lote de ações preferenciais. Pensou, auto-comfortando-se: "O mercado não tem memória, a crise será passageira." Depois do expediente, evitou reunir-se com outros profissionais da corretagem, buscou seu Fiat Uno na garagem, e partiu em meio ao trânsito ritimado, que fardo, até seu apartamento. Preparou um uísque "on the rocks", com bastante gelo, e apesar de tê-lo engolido quase todo de um gole, cochilou vendo o Jornal Nacional. Despertou quando os locutores estavam já a se despedir dos telespectadores, com um "boa noite", sugou avidamente o gelo do copo, levantou-se, dirigiu-se ao quarto do filho, entreabriu a porta, ele digitava um micro PC/IBM/DV 38680T: observou o garoto algo angustiado, mas com grandes olhos de pai condescendente. Caminhou até o banheiro para um banho quente, após permanecer olhando por momentos, a mulher que fazia Hata Yoga, mudar lentamente de uma para outra ásana. Ele bem que estava necessitado de um sono. Refestou-se na cama, pela força do hábito, ficou paginando algumas revistas técnicas e de atualidades, reagindo ao sono, as pálpebras pesadas, em poucos minutos dormiu. Seus sonhos foram no mínimo estranhos. O relógio despertou às sete

horas, nas imagens de sua atividade onírica, a paisagem interior dos sonhos se ordenava numa única e tenebrosa sequência. Havia a presença de pessoas, a princípio poucas, depois dezenas, centenas: pareciam fantasmas, sombras movimentando-se num mundo sombrio. Dirigia seu automóvel muito devagar, olhando atento em sua volta, sem nada compreender. Era dia, saíra do apartamento às oito horas, estava curiosamente observando o estranho mundo: suas ruas, os prédios e os espaços todos, pareciam banhados por uma luz opaca, numa atmosfera soturna. Sentiu outra vez, uma grande angústia e um grande medo renovados. As pessoas caminhavam pelas ruas sem motivação desprovidas de entusiasmo, motivação pertinente e de vontade: guiadas meramente pela rotina. Duas crianças com olhos esgarzeados corriam rua abaixo, passando bem ao lado de seu carro, como se não o visse. Uma menina com rosto deformado, estava sendo conduzida, por uma mulher de gestos e olhar absolutamente apagados, como se nunca na vida houvesse tido um irrisório sentimento, ou uma mínima emoção. Nos logradouros públicos, a multidão parecia receiosa, mutuamente. As pessoas desconfiadas de tudo e de todos todo tempo. Se alguém se dirigisse a outrem para falar alguma coisa, não teria nada a dizer. A realidade parecia esmagadoramente sombria. A desolação era como que vizinha de todos, vinha de longe, muito longe, como se fosse dos céus, nas asas de uma grande força que nivelava tudo, e fazia as pessoas sentirem-se igualmente oprimidas, lânguidas, desleixadas como cães vadios, num canil humano de indizível desolação. O inferno de Dante seria leitura infantil, se comparado a essa creche de humanoides sem rumo, possuídos por pesadelos paranóides, por uma demência dir-se-ia contagiosa. Ramos da Nóbrega despertou, via ruído do despertador. Dera graças a Deus estar desperto, sentia-se atordoado. Após a higiene matinal, beijou a mulher e o filho. Sequer olhou para o "Bom Dia Brasil", programa noticioso matinal até então imperdível. Pegou o controle remoto da tv e zerou o som que estava baixo: não ouviu o que

(Continua na pg. 49)



# Invasão dos Egípcios de Marte

Por MIGUEL CARQUEIJA

Sabem? Ser jornalista é qualquer coisa de fascinante e apavorante: abrimos caixas de Pandora e bancamos os aprendizes de feiticeiro.

Pensei nisso quando o disco voador apareceu a poucos metros de minha janela e espichou uma espécie de mão metálica até a vidraça, começando a dar pancadinhas no vidro. Com uma certa cara de pau, coisa necessária na minha profissão — afinal era um pouco tarde para receber visitas inesperadas —, abri a vidraça e segurei o envelope que "a mão" me estendia.

— Obrigado, mas por que não enviou pelo correio?

Não houve resposta. O disco, que tinha um sete metros de diâmetro e brilhava com todas as cores do arco-íris, recolheu o apêndice e pôe-se a girar sobre si mesmo, ali, junto ao décimo-quinto e último andar.

Sentei-me e abri o envelope que me era de fato endereçado: MARTIN JENQUÉIRA, JORNALISTA.

Numa pequena folha estava escrito apenas isso: "Compareça sábado às dez e nove horas no reservado nº 2 do Restaurante Valéria, na rua To-

neleros. Um de nós estará lá para fazer-lhe importante revelação. Vá sozinho e não fale a ninguém. A sua reserva já terá sido feita."

Coloquei a carta anônima na escrivaninha e tentei colocar o timbre a funcionar com ritmo acelerado. Não era fácil, depois de ter assistido três capítulos de novela para escrever um comentário.

O "não fale a ninguém" tinha certas implicações. Parecia ser só até o dia da entrevista, mas não podia registrar o fato. Como eu dispusesse de fitas virgens, tratei de fazer três relatórios para três pessoas diferentes; se algo me acontecesse...

O Restaurante Valéria, há pouco inaugurado, usa um sistema copiado da Europa ou Estados Unidos, difi-

cil de encontrar por aqui: há mesas reservadas apenas para duas pessoas e com cortinados para ocultar de outros olhos. Bem, eu cheguei lá na hora aprazada e falei com um dos garçons.

— Sim senhor, a mesa nº 2 está reservada para o sr. mesmo. O seu par já está esperando.

Olhei firme para o homenzinho e ele baixou um pouco o olhar, atrevido. A que fadas a gente se expõe para cumprir o dever, no jornalismo!

Teria eu feito bem ao escrever sobre UFOS tempos atrás?

Entrei e sentei-me e só então olhei mais atentamente o alienígena à minha frente.

Estávamos na semi-obscuridade. O cidadão à minha frente usava um esbretudo tipo Sherlock Holmes ou Agente Zero Zero Zero (vide revistas

Disney), com gola alta levantada e chapéu de aba larga, que lhe obscureciam ainda mais o rosto. Se eu ele tinha rosto, pois eu só conseguia distinguir duas luminiscências (os olhos?).

— Só dispomos de alguns minutos — disse ele. — Trarei logo no es-

sunto.

A voz nada tinha de estranha, fora um sotaque indefinido. Permaneci calado.

— Nós somos de Marte, e viemos avisá-los dos perigos que vocês correm.

— Bem. — Foi tudo que consegui falar.

— Convém esclarecer porém a nossa verdadeira origem. Nós somos descendentes dos antigos egípcios.

— O que? Possível?

— Nunca escutei dizer que os faraós eram chamados os "senhores do canal", isto é, o Rio Nilo?

— Não, eu não sabia disso...

Visualizei subitamente a rede de canais marcianos.

— Meu Deus! Vocês fizeram um bom trabalho por lá, não foi?

— Tivemos que fazer. A natureza





era muito hostil.

— Mas como é que vocês foram parar lá?

— Quando o Dilúvio se aproximava nós preparamos a fuga para aquele planeta - então mais habitável - visto que detínhamos já os meios da navegação espacial. Naturalmente o segredo se perdeu entre vocês, salvo em documentos secretos.

— E por que vocês não se mostram mais claramente entre nós?

— Faremos isso provavelmente. Afinal vocês deverão precisar de ajuda brevemente.

— Quase me arrependo de perguntar por quê.

— Porque a guerra atômica provavelmente deslocará a Terra do seu eixo.

— Bem... provavelmente você me dirá agora o que vocês farão nesse caso, não é?

— Lógico. Nós descenderemos em massa para intervir nos acontecimentos. Não costumamos fazer isso, mas dessa vez seremos obrigados.

— Sempre tive curiosidade em saber, por exemplo, qual a religião de vocês...

— Somos cristãos.

— Deveras?

— Sempre acompanhamos os acontecimentos em nosso planeta natal e reconhecemos a Jesus Cristo, a quem esperávamos com base nas profecias. Só que a nossa situação é anômala em relação a Cristandade: estamos por assim dizer, como naufragos, se parados portanto.

— E você cre que chegou a hora da reunião?

— É quase certo. Teremos que retornar agora, apesar de termos construído uma civilização mais estável e científica que a sua. Corremos graves riscos, pois somos pouco numerosos e as potências terrestres - notadamente a Rússia Soviética - nos hostilizarão. Mas temos meios poderosos a nosso favor e estaremos voltando ao mundo que também é nosso. Viremos - note bem - para o que der e vier, aconteça o que acontecer.

Um repórter tem que ser um tanto temerário.

— Me diga uma coisa... se vocês são bem intencionados, como se explicam os casos de agressões feitas por discos voadores?

"Ele" pareceu ficar sério, dentro de sua penumbra.

— Nem todos os discos são nossos.

— Ah, é?

— Existem objetos que andam por aqui, cuja origem nem nós sabemos. Desconfio que há qualquer coisa maligna neles. E isso é mais uma razão para que nós entremos em ação.

— E vocês nunca contataram com eles?

— São muito ariecos e recusam entrar em contato conosco. Já tentamos antes.

— Fora isso, vocês constatarão alguma vida fora da Terra?

— É claro. Marte é um planeta povoado por vegetações nativas, em algumas regiões bastante ricas em variedades. Nós a cultivamos juntamente com plantas que levamos da Terra. Só que habitamos abaixo da superfície, salvo uns poucos postos.

Eu estava pensando numa outra pergunta quando o egípcio marciano se levantou e disse:

— O tempo está esgotado. Sairei agora e você sai em alguns minutos. Não se preocupe com a conta, mesmo porque nós não consumimos nada.

— Espere aí! Você quer que eu diga o quê afinal?

— O que eu disse. Só isso. Adeus.

E saiu, com a impressão de que o atendente do restaurante devia ter sido hipnotizado. Pior porém foi verificar que o relógio de parede continuava marcando a mesma hora da minha entrada, e as pessoas pareciam nas mesmas posições em que eu as vislumbrava antes de penetrar no reservado.

Teria o tempo sido paralisado durante os minutos de conversação com o estranho ser? Ou tudo não passara de alucinação?

#### FICÇÃO - UM DIA NA VIDA DE RAMOS DA NOBREGA - DECIO ONE - Cont. pg 47

dizia o repórter a seu entrevistado. Perplexo e ruminante, ligou o motor do carro, e dirigiu-se a corretora TIME IS MONEY. Redou nada mais do que três quadras rua abaixo. Pensando-se melhor, esticou as pernas e o tronco, espreguicando-se no banco. Olhou para os lados e... NÃO... Não mesmo... Não podia estar acontecendo, sim, fora, apenas um pesadelo, pensou, sim, é isso, talvez ainda não estivesse desperto.

- x -

Este conto recebeu um prêmio da União Brasileira de Escritores, na categoria "ficção curta".

HÁ MUITO QUE A AUTOMAÇÃO TOMOU CONTA DO PLANETA...

NO BRASIL, SOLDADOS MECÂNICOS FORAM CRIADOS PARA ELIMINAR MARGINAIS CONSIDERADOS IRRECUPERÁVEIS PELAS AUTORIDADES...



# HOMENS e MÁQUINAS

TEXTO E DESENHOS: ANTONIO SENA

RÁPIDO, BÔ!...  
AJUDE-ME  
AQUI!...

'XA'COMIGO,  
CARA!



NOS GRANDES CENTROS COMERCIAIS,  
ELES PATRULHAM INCANSAVELMENTE  
DIA E NOITE, PROTEGENDO O PATRI-  
MÔNIO DOS PODEROSOS.

"BIIPBIIP! ARROMBAMENTO.  
JOALHERIA A CEM ME-  
TROS DAQUI!"



OLHA SÓ!... AQUI  
TEM UMA  
BOLADA!

DEPRESSA!... NÃO TEMOS  
A NOITE TODA!... 'CÊ SABE  
COMO SÃO AS MÁQUINAS!...

EU SEI. VAM!...  
ESPERE!!

"SÃO DOIS. JÁ OS TENHO  
NO VISOR INTERNO."

SEJA  
RÁPIDO!...

DIABOS! VAMOS DAR  
NO PÉ, BÔ!...  
VEM UMA MÁ-  
QUINA AÍ!

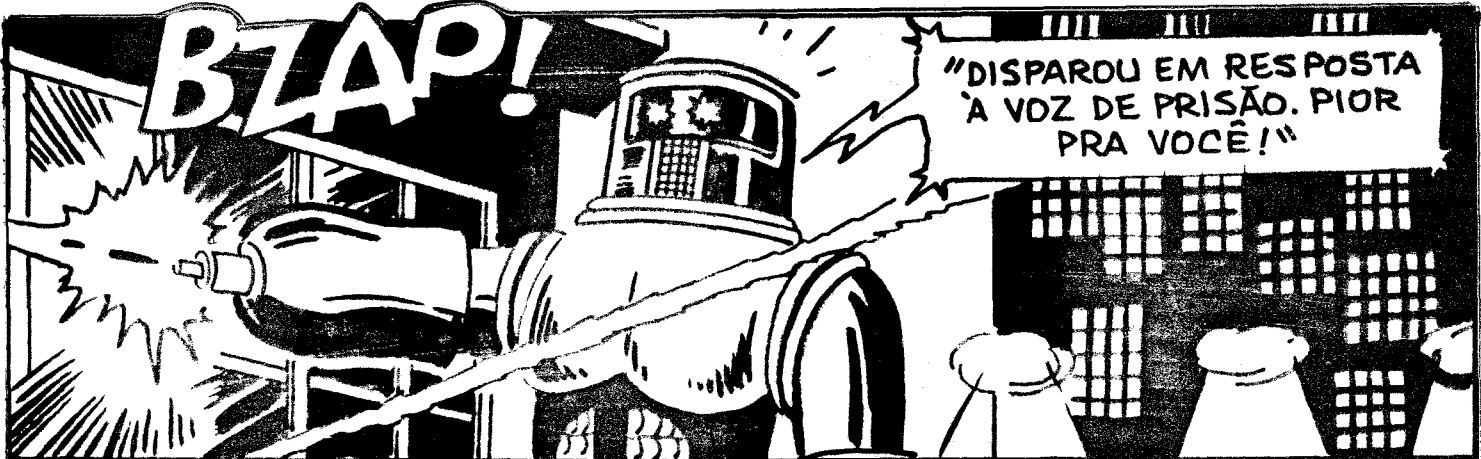
"ESTÃO PRESOS!  
UM SÓ MOVI..."

PRO  
INFERNO!

ZAP!

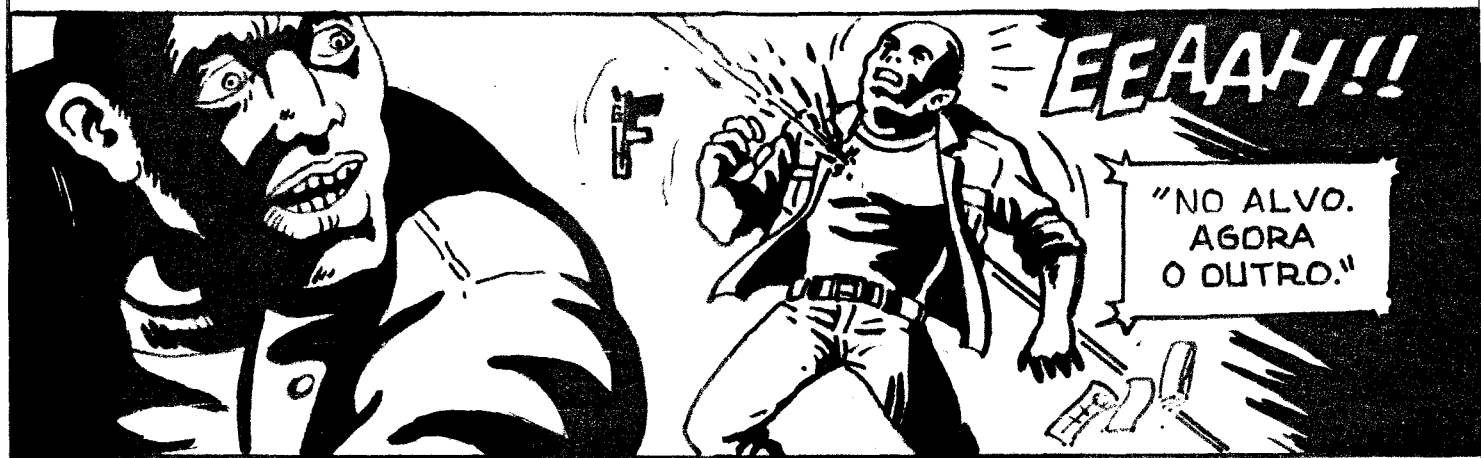
**BZAP!**

"DISPAROU EM RESPOSTA  
A VOZ DE PRISÃO. PIOR  
PRA VOCÊ!"

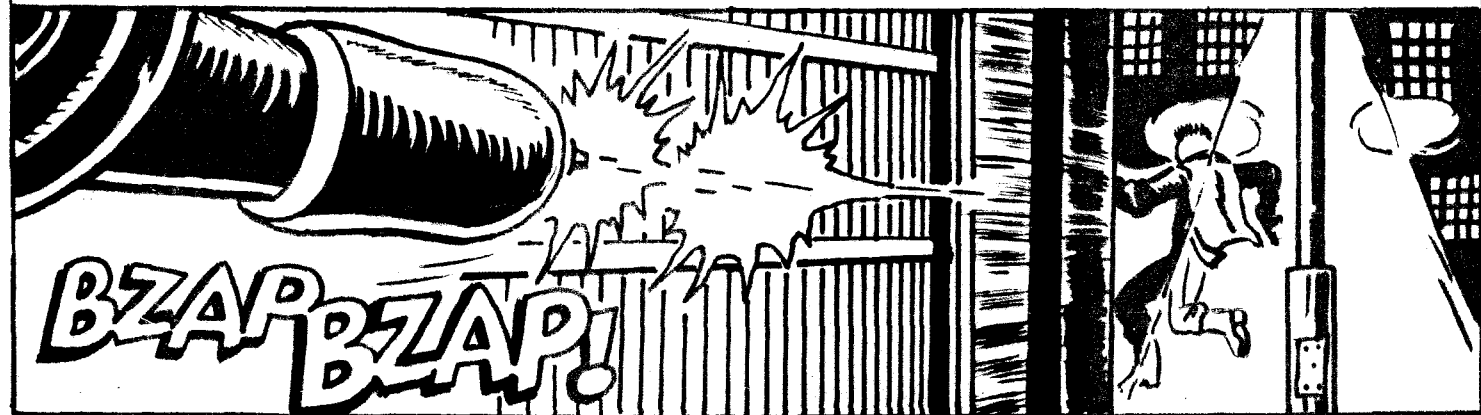


**EEAAH!!**

"NO ALVO.  
AGORA  
O OUTRO."



**BZAP BZAP!**



**AAHH!**



"PARA O SEU BEM, MANTENHA  
A MÃO BEM LONGE DA ARMA,  
ENQUANTO ANALIZO SUA  
FISIONOMIA."

**CRIG!**



É INÚTIL!... ESTA  
MALDITA É RÁPI-  
DA DEMAIS!...

"RESULTADO: DANILO  
BAKER FILHO. AUTOR  
DE QUATRO ESTUPROS,  
DOZE ASSALTOS E  
INÚMEROS ARROMBA-  
MENTOS E HOMICÍDIOS."

"CLASSIFICADO NA LISTA NEGRA DOS IR-  
RECUPERÁVEIS. NÚMERO: 02525-1010.  
SENTENÇA:  
ELIMINAÇÃO  
IMEDIATA."

E-ESPERE...

"PEDIDO  
NEGADO."

**B  
A  
K  
E  
R!**

"ELEMENTO DE NÚMERO  
02525-1010. ELIMINADO."

"MISSÃO  
CUMPRIDA."

OUT. 89

**FIM**

4



## BURACOS NO CÉU

Se o Homem viajar para as estrelas distantes, algum dia, terá que agradecer a literatura de ficção científica. Ajudando na criação de um romance de ficção científica, três físicos americanos começaram a pesquisar aspectos pouco conhecidos da teoria da relatividade de Einstein. Acabaram descobrindo que é perfeitamente possível existirem buracos na estrutura do Universo que, teoricamente, permitiriam não só a viagem até as estrelas como as viagens no tempo, sonhadas por alguns escritores. Por enquanto o trabalho dos físicos mostra que essas coisas podem mesmo existir no nosso Universo. E tudo aquilo que não viola as leis da física pode ser realizado por uma tecnologia suficientemente avançada.

Tudo começou em 1985, quando o astrônomo Carl Sagan, famoso pelos seus livros de divulgação científica, resolveu escrever um romance de ficção chamado "Contato". Sagan queria um meio, fisicamente possível, de levar seus personagens até o centro de nossa galáxia, a milhares de anos-luz da Terra, sem que eles morressem de velhice durante a viagem. Pediu ajuda ao físico Kip Thorne, do Instituto de Tecnologia da Califórnia; Thorne lembrou-se de uma solução das equações de Einstein, que descrevem em termos matemáticos a geometria do espaço e do tempo, no universo onde vivemos. Essas equações sugerem a possibilidade de existirem buracos no espaço, ligando regiões remotas do Universo, e até abrindo passagens entre o futuro e o passado.

Os físicos conheciam essas equações desde 1916, e chamavam de buracos de verme (wormholes) a esses túneis através do espaço e do tempo. Como se tratava de um aspecto teórico, e muito complexo das equações de Einstein, sem nenhum equivalente observável no universo real, ninguém se preocupou muito, exceto os escritores de ficção científica. As propriedades físicas e matemáticas dos buracos de verme permaneciam pouco conhecidas.

Em 1964 o escritor Arthur Clarke foi contratado pelo diretor de cinema Stanley Kubrick, para escrever o roteiro de uma aventura futurista intitulada 2001: Uma Odisseia no Espaço. Clarke procurou Carl Sagan buscando conselhos sobre como representar os seres extraterrenos que deveriam aparecer no filme. Na conversa entre o escritor e o cientista, Clarke contou que pretendia usar um buraco de verme, daqueles previstos por Einstein, para enviar seus astronautas até as estrelas. No filme, então em fase de pré-produção, astronautas do futuro encontravam o buraco numa lua de Júpiter, e o usavam como um atalho, para chegar a uma estrela distante sem percorrer os milhares de anos-luz que separam a estrela de nós.

Quando Sagan resolveu escrever sua própria história de ficção, vinte anos depois, procurou aperfeiçoar a idéia de Clarke e pediu ajuda ao físico Kip Thorne. Thorne estava orientando a tese de doutorado de dois estudantes, Michael Morris e Ulvi Yurtsever, e conseguiu interessá-los na pesquisa dos buracos de verme. Um trabalho desenvolvido por um físico contemporâneo de Einstein, Karl Schwarzschild, previa que os buracos de verme poderiam existir perto de estrelas implodidas, os chamados buracos negros.

Os buracos negros ainda não serviam para viagens interestelares porque sua gravidade intensa esmagaria qualquer objeto material dele se aproximando. Um astronauta entrando num buraco negro giratório poderia realmente ir parar em outra época, ou outra região do espaço, mas chegaria lá transformado em pasta liquefeita pelas marés gravitacionais que encontraria no caminho.

Morris e Yurtsever descobriram ainda que é perfeitamente possível criar um buraco através do tempo e do espaço, usando campos de energia

Brida, Paulo Coelho, Rocco, Rio de Janeiro, 1990, 286 páginas. Capa de Cristina Oiticica.

Alguém me perguntou se os best-sellers de Paulo Coelho seriam exemplos de fantasia brasileira.

Neste que é o seu último romance, escritor carioca narra a história "verídica" da jovem Brida O'Fern em sua iniciação nos terrenos da Magia, primeiro buscando a "Tradição do Sol" e depois a "Tradição da Lua", os dois caminhos para se atingir a verdade das relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Brida oscila entre as duas Tradições, vivendo o dilema de entregar-se ao aprendizado ou deixar que impere a sua índole fútil e desistir em meio ao percurso. Mas a principal questão é a necessidade de encontrar sua "Outra Parte", uma visão panteística da alma gêmea — a alma que a cada encarnação se fraciona e que deve procurar a missão divina de reencontrar através do amor essa, ou essas frações, suas Outras Partes.

Analisando o texto em si, pode-se dizer que é uma eficiente narrativa juvenil, distribuída editorialmente de modo a preencher o porte de um romance. Uma presa fácil e óbvia, sem nenhum atributo maior. Tecnicamente o romance também é muito fraco, sem transições, passagens ou abordagens interessantes. É claro que, argumentando-se que se trata de narrativa de terceira mão de acontecimentos verídicos, podemos eximir de culpa o autor. Mas a verdade é que faltam ao romance ou relate biográfico os atributos literários da caracterização dos personagens, descrição do ambiente, envolvimento, etc., transformando a experiência literária num arremedo panfletário de ocultismo, psicologia de adolescentes e chavões fantásticos.

Meu conhecimento de ocultismo não vai muito longe, mas o background nessa área, no romance, pode ser resumido a uma palavra: amálgama. Temos de tudo aqui, e convivendo harmoniosamente: bruxaria e catolicismo, bíblia e manuais de feitiço, etc. Dentro do espírito de nossa época, onde são tantas as disciplinas, os cultos e os comportamentos, duas são as tendências: negação pragmática total e materialista; fusão. Numa época tão complexa, aceita-se tudo e joga-se com tudo, o que é infinitamente mais confortável.

Bem ao gosto da New Age, uma espécie de reencarnação yupie do movimento hippie, sem contestação e sem agressão, buscando as contraculturas sem abandonar os confortos — e os vícios — modernos.

Se podemos apontar uma característica positiva neste trabalho de Coelho (não conheço outras de suas obras, como O Diário de Um Mago e O Alquimista), são certas reflexões sobre a natureza humana, não as místicas, mas aquelas enfocando as relações sociais e pessoais. Infelizmente não há nada a nível de texto e linguagem que as transporte com maior eficiência, ou magia.

A questão de ser ou não uma fantasia brasileira permanece em aberto. De brasileiro aqui não há nada, exceto talvez o misticismo, mas o trabalho pode ser definido como fantasia, embora, como os romances de J. J. Benitez, sejam uma amálgama de filões literários de grande apelo, disfarçados (ou talvez não, quem sabe?) de realidade.

# Books to Look For

BY ORSON SCOTT CARD

Orson Scott Card é um dos mais importantes autores norte-americanos de ficção científica e fantasia surgidos na década de setenta, com um trabalho consagrado no decênio seguinte. O seu multi-premiado romance *O Jogo do Exterminador* constitui o número 1 da coleção Zenith, Ed. Aleph, e foi lançado no Brasil durante o primeiro semestre de 1990. Outros dois de seus romances estão listados para lançamento ainda neste ano e, espera-se que muito de sua ficção curta apareça nas páginas da *Isaac Asimov Magazine*. Card permitiu a tradução desta coluna permanente da revista *The Magazine of Fantasy and Science Fiction* para um fanzine brasileiro, e publicando a *Megalon* espera informar os fãs quanto ao estado do gênero nos EUA e transmitir as opiniões deste que é um dos mais populares autores do gênero em todos os tempos.

## RESENHAS ESCRITAS EM MARÇO DE 1988

Paul Preuss, *Starfire* (TOR, encadernação em pano, fevereiro de 1988, 310 pags)

A história parece um desses contos de hardware em crise que costumam sair na *Analog*: um bando de astronautas finalmente é lançado, apesar dos obstáculos da burocracia, na primeira viagem operacional de um shuttle interplanetário reaproveitável, o *Starfire*. Seu primeiro objetivo é visitar um asteroide anômalo. Eles estão acabando de partir quando uma erupção solar, combinada com algumas falhas nos programas dos computadores, os condena à destruição — a não ser que eles consigam, com as ferramentas disponíveis, encontrar um jeito de dar a volta ao sol e se lançarem de volta à Terra sem se queimarem ou sem que o combustível acabe.

Eu costumava resumir uma história dessas da seguinte maneira: uma tripulação mista com uma máquina realmente novinha em folha arruma uma situação realmente perigosa e, tentando realmente e sendo realmente corajosos e dizendo "eu acho que posso, eu acho que posso", eles conseguem em cima da hora.

A diferença aqui é que quem está escrevendo a história é Paul Preuss. O resultado é que a narrativa é clara e cheia de energia, a ciência é verossímil e nunca aborrece, e, acima de tudo, os personagens são reais.

Eles não são apenas reais individualmente — esses personagens são reais em conjunto. Preuss entende que seres humanos não são integrais, existindo em isolamento; ao contrário, somos as somas, quocientes, produtos e dividendos de equações em constante mutação. Quando você pensa que tem um personagem formado, é nesse momento que Preuss o surpreenderá, mostrará que o personagem era mais — ou menos, ou diferente — do que você supunha.

Há alguns anos atrás, seu livro *Human Error* foi uma fantástica extrapolação sobre bioengenharia. Com *Starfire*, ele se apossou de um clichê moribundo da FC e lhe deu uma roupagem nova. Sim, há momentos em que o romance soa defasado e de leitura difícil, momentos em que o departamento de efeitos especiais tentou assombrar o leitor de forma um pouco forçada, mas o fato é que Preuss fez o possível: escreveu um romance espetacular sobre o futuro próximo do programa espacial norte-americano.

E ele também fez uma coisa mais importante que isso. Preuss se atreveu a contar uma história de verdadeiro heroísmo, de seres humanos no auge de sua nobreza de espírito. Há um breve instante no clímax do livro onde um personagem tomou uma decisão de morrer para salvar os demais — e mente, para que ninguém discuta a decisão. Todos sabem que é uma mentira, mas todos aceitam o sacrifício, sabendo que sem isso nenhum deles chegaria em casa.

Ao invés de mergulhar na culpa ou no ódio ou no sentimentalismo, Preuss nos apresenta com amor sem disfarces e nos pede que o admiremos, o honremos, acreditemos nisso — mas também assume que esse sentimento é simplesmente mais um resultado natural, porém irracional, da equação humana.

Não é um clássico inesquecível; há muita coisa familiar aqui para isso. Mas *Starfire* é uma história real, real no sentido em que só a melhor ficção pode ser, e recomendo este livro de coração.

Mary Stanton, *The Heavenly Horse from the Outermost West* (Baen Books)  
Normalmente pensamos em histórias de animais que falam como literatura "infantil". Beatrix Potter. Thornton W. Burgess. Os *Salgueiros Choram*. O *Ursinho Puff*. Bichos com roupas de humanos. Bonitinhos. Mas não sérios. Não adultos.

Pense novamente. Por exemplo, em *Bambi*. Não o *Bambi* de Disney, com o coelhinho Tambor e o gambá Flor. Estou falando do romance sério e nobre de Felix Salten, com morte e terror e amor e amadurecimento. Os animais falam, sim, mas sabemos que o diálogo é o que diriam, se pudessem conceitualizar suas vidas e criar linguagem.

O novo romance de fantasia de Mary Stanton é sobre cavalos que falam.

OK? Eles ficam em seus estábulos e conversam entre si. O cachorro da fazenda faz rondas por ali e traz notícias; o gato que vive no celeiro é egoísta e engraçado. Há um cavalo burro e um cavalo fingido e uma égua nova que se tornou hostil devido a maus tratos, mas agora está prestes a um destino maravilhoso.

Este livro não é nenhuma extravagância ordinária. Stanton trabalha dentro da tradição de Felix Santen. Seus cavalos não vestem roupas humanas — vivem como cavalos, em estábulos, com medo dos seres humanos, mas também desejosos de confiarem em nós e até mesmo nos amarem. Eles adoram seus deuses, têm profetas e visionários, possuem aspirações que podem entrar ou não em conflito com a necessidade de viver sob o domínio dos seres humanos.

O resultado é uma fantasia surpreendentemente poderosa, que é coerente com a natureza e as vidas de cavalos e ainda revela muito sobre a natureza humana. Stanton escreve com segurança, e por isso eu posso prometer que você terá um bom entretenimento. Há visões e prodígios, deuses feitos mortais e terrores encarnados, a matéria de sonhos e pesadelos.

Mas não recomendo o romance apenas como uma diversão. Como os garanhões e as éguas deste romance agem e reagem a eventos grandes e pequenos, não se pode evitar de aprender uma mensagem subliminar: que nós concebemos como nosso próprio comportamento "racional" também é comportamento animal, e provavelmente tão impulsionado por necessidades animais quanto qualquer ato das chamadas feras selvagens. Nós também somos animais que falam. — Trad. Fábio Fernandes.

William Sleator, *The Boy who Reversed Himself* (Dutton, encadernação em pano, 1986, 167 pags); *Singularity* (Dutton, encadernação em pano, 1985, 170 pags); *Into the Dream* (Scholastic/Apple, brochura, 1979, 154 pags); *Interstellar Pig* (Bantam/Starfire, brochura, 1984, 196 pags); *Blackbriar* (Scholastic/Point, brochura, 1972, 217 pags)

Dizer que ficção científica é literatura para adolescentes não desmerece o campo — é um alto elogio. Leitores adolescentes estão passando por um período em que sua concepção de realidade e seu papel dentro dela estão em constante fluxo. Tudo se modifica, tudo é possível, e a grandiosidade está ao seu alcance. Quem escreve literatura para adolescentes está criando o universo causal e moral de uma geração. Não é pouca coisa.

Por isso, não é por acaso que muitos romances antigos de ficção científica foram inicialmente publicados no mercado como "ficção juvenil" — a categoria que agora chamamos de "jovem adultos". Os livros tinham um apelo especial para os adolescentes. Foi na minha escola ginásial que li clássicos da ficção científica como *Tunnel in the Sky* e *Citizen of the Galaxy*, de Heinlein, e *The Time Traders*, *Galactic Derelict*, *Catseye*, *The Stars are Ours*, e *Starborn*, de André Norton.

E mesmo assim, todos esses romances merecem ser relidos, até mesmo pelos adultos. Muitos anos antes de Louise Fitzhugh, E.L. Konigsburg e Judy Blume começarem a escrever ficção jovem 'séria', escritores de ficção científica exigiam que seus jovens leitores lidassem com histórias sérias e dilemas relacionados com a vida real. Os leitores de *Tunnel in the Sky* não tiveram que lidar com tanto simbolismo pesado quanto os leitores de *The Lord of the Flies* — mas li ambos na sétima série, e reli ambos desde então, e enquanto o romance de William Golding se presta mais diretamente à decodificação acadêmico-literária, o que eu me importava na época — e ainda me importo em grande parte hoje — é a história. O que acontece e porquê. E quanto a isso, ambos os romances foram verdadeiros, poderosos e importantes para mim medida em que eu ia fazendo sentido do mundo ao meu redor, quando descobri o que significava ser um bom ser humano.

O escritor que pode falar a crianças inteligentes e apaixonadas tem a melhor e mais importante platéia do mundo.

O que me leva, finalmente, a William Sleator. Muito provavelmente você não conhece este nome. Você nunca leu uma história dele nas revis-

tas do gênero. Você nunca viu um livro dele na seção de brochuras de FC. Mas mesmo assim, daqui a cinco, dez ou quinze anos teremos um número espantoso de novos jovens escritores no campo para os quais o nome "William Sleator" será pronunciado com o mesmo afeto que a maioria de nós reserva para "Robert Heinlein" ou "André Norton".

Sua escrita é clara e precisa. Seu estilo narrativo é bem talhado, de forma que não há quase nada incluído aqui que não faça parte da história — o que os personagens fazem e porque fazem. Explica princípios científicos com clareza e simplicidade, e faz com suas maravilhas pareçam estar a um passo das vidas dos adolescentes atuais.

Acima de tudo, seus insights nos personagens é sábio, verdadeiro e sem pieguices. Seus bons personagens às vezes fazem coisas por motivos de que se envergonham; seus antagonistas nunca são irremediavelmente maus. No fim de um romance de Sleator, você sabe mais sobre você mesmo e o mundo ao seu redor. E você também leu uma história prá lá de divertida.

Rapidamente, agora, três livros de Sleator: **Singularity** é a história de irmãos gêmeos que, durante um verão explorando a casa de seu falecido tio, descobrem que o velho havia construído um abrigo para uma singularidade, um lugar onde o tempo passa muito mais rápido que o normal. O gêmeo "mais novo", sentindo-se dominado pelo gêmeo mais forte, foge uma noite para o abrigo e vive um ano inteiro em completo isolamento — da noite para o dia. Na manhã seguinte, ele sai vários centímetros mais alto, e, o mais importante, mais sábio. O que faz deste romance uma obra-prima é o fato de que Sleator não enrola sobre o ano de isolamento — nós o vivenciamos com o narrador, e sofremos sua transformação com ele. Não posso recomendar este romance o bastante: ele pertence à minha lista das melhores obras de FC de todos os tempos.

**Into the Dream**, um trabalho anterior, e a história de um menino e uma menina que, embora se detestem na escola, são compelidos um para o outro pelo fato de que ambos têm o mesmo sonho. Para seu espanto, descobrem que o sonho é uma memória, e que o senso de perigo eminente que o acompanhava vem de ainda outro personagem que estava presente na cena — um cujas memórias são todas em preto e branco. **Into the Dream** se torna como um thriller; revela também os "heróis" servindo, finalmente, um papel subordinado ao ajudar um personagem ainda mais novo a descobrir seu próprio potencial.

Em **The Boy Who Reversed Himself**, o narrador é um rapaz explorador e egoísta que estuda no 2-Grau, e que aos poucos vai aprendendo a verdadeira amizade e compromisso com o estranho garoto que se mudou para a casa ao lado: Omar, que passa para a quarta dimensão à vontade. Só existe um efeito colateral: ele retorna completamente invertido. O narrador rapidamente descobre como isso pode ser desconcertante. A maioria das comidas tem um gosto horrível para ela. Catchup, contudo, passa a ser intoxicante. Ela não percebe como é sério viajar de uma dimensão a outra até que seja quase tarde demais — mas no fim ela acaba achando uma saída. Além de criar uma ótima história de personagens, Sleator consegue lidar com viagens interdimensionais de forma tão clara que é realmente possível compreender a experiência de ter de lidar com ele e ela, além de cima e baixo, para frente e para trás, esquerda e direita.

**Interstellar Pig** não é um volume da série Commander Toad (Comandante Sapo) de aventuras espaciais para crianças de Jane Yolen. É a história de um adolescente apanhado por um verão na praia por seus pais — inconseqüentes, apenas para se meter em sérios apuros quando começa a jogar o jogo de tabuleiro chamado Porco Interstelar com o estranho trio de ricanos que se move para o chalé ao lado. O jogo que se torna real é uma antiga tradição ficcional que se pode facilmente tornar-se um clichê, mas Sleator espera que você descubra rapidamente que o jogo é real. Na verdade a história é sobre o esforço desesperado de Barney para descobrir as regras do jogo para poder vencê-lo... ou pelo menos evitar perder. Há quem o considere a melhor obra de Sleator até agora — é certamente sua mais popular.

**Blackbriar** foi o primeiro romance, uma história de fantasmas numa estranha casa antiga da Inglaterra. Com passagens secretas, rituais antigos e cadáveres há muito esquecidos, ele é aterrorizante o bastante para satisfazer os que gostam de acordar no meio da noite sem fôlego e olhando para o teto. Também revela que, desde o começo de sua carreira, Sleator estava preocupado com relações dolorosas entre membros da família, e a luta para curar o amor que se transformou em doença.

Todos estes livros passaram pelo teste de acidez. Meu filho de nove anos, Geoffrey, ficou envolvido tão intensamente nos romances que não conseguiu dormir — e eu, leitor de ficção científica tão empedernido quanto vocês podem imaginar, também achei os romances vibrantes e verdadeiros.

Então, de vez em quando, deem uma passada na seção de livros juvenis da livraria ou biblioteca e olhem a ficção científica que ajudará a criar a próxima geração, não apenas de leitores e escritores de ficção científica, mas também a próxima geração de americanos. — Trad. Fábio Fernandes.

Stephen King, **The Tommyknockers** (Putnam, encadernação em pano, novembro

1987, 558 pags).

Com frequência me torno antipático em reuniões de professores de literatura quando ressalto que, daqui a cem anos, quando as pessoas desejarem ler a quintessência da literatura de nossos tempos, a ficção que definiu e registrou o falecido século XX, os nomes de Bellow, Updike, Barthelme, Didion e Beattie terão todos que lutar pela luz do sol sob a sombra avassaladora de Stephen King. Alguns literatos, ouvindo isto, sentiram náuseas, com esse pensamento, mas nenhum que estava sóbrio tentou discordar seriamente. O que Dickens foi em seu tempo, e Twain no seu, King é para o nosso tempo — e eu aplaudo isso. Ele tem testemunhado com fidelidade, e escrito com voz clara e honesta, e com tanta força que a América — ou pelo menos aquela porção da América que lê — senta e presta atenção. Tem se importado de uma forma que nem Harold Robbins nem Saul Bellow jamais os fez se importar.

Além disso, creio que o melhor trabalho de King não tem sido suas histórias de horror, mas as de ficção científica. Enquanto **The Stand** é em última análise ficção religiosa, seu cenário de futuro próximo e a fonte de bio-engenharia da praga que destrói o mundo no começo do livro, o coloca bem dentro de nosso gênero. **Zona Morta**, até o momento seu melhor romance, pertence àquela grande corrente da ficção científica de histórias sobre precognição e tentativas de mudar o futuro.

E também, nem mesmo Dickens ou Twain produziam grandes obras sempre. Grandes e prolíficos escritores, todos eles tiveram experimentos que fracassaram — Faulkner certamente teve, embora seus fracassos sejam geralmente leitura obrigatória em aulas de Inglês nas faculdades, enquanto que o infeliz **Tom Sawyer, Detective**, de Mark Twain, é afortunadamente deixado num bem merecido ostracismo.

Este, eu espero, será o destino de **The Tommyknockers**. A história é fraca: um disco voador enterrado é descoberto na aldeia de Haven, Maine, e acaba possuindo as almas de seus habitantes, manipulando-os para cumprir seus objetivos. Um punhado de pessoas permanece independente e finalmente consegue por um fim à escravidão de que a cidade é vítima.

É uma medida do talento de King o fato de que o argumento fraco ainda dê um livro capaz de ser lido, e os personagens são interessantes e bem delineados. Mas não pude me livrar da impressão de que este era um King escrevendo enquanto dormia. Este era um King fazendo o que sempre faz tão bem que nem precisa se importar muito com a história.

Bem, pelo menos para este leitor aqui, ele está errado. Tem alguma coisa faltando neste livro. Paixão. Crença. Talvez King tenha realmente sentido as duas coisas quando escreveu o livro, mas desta vez isso nunca passou do teclado para as quase seiscentas páginas que compõem este livro grosso mas de peso leve. — Trad. Fábio Fernandes.

Ben Bova, **Welcome to Moonbase** (Ballantine, Trade Paper, Novembro 1987, 255 pags).

Aqui está o livro que deveria ter canho o Hugo de melhor livro de não-ficção de 1987. Estou surpreso que ninguém tenha pensado em fazer isto antes; mas estou feliz que não tenha acontecido, porque não consigo imaginar ninguém melhor que Ben Bova para escrever isto.

**Welcome to Moonbase** é um documento do futuro — o verdadeiro manual que será entregue a recém-chegados, para prepará-los a viver na colônia lunar.

Bova é o mais famoso defensor americano da exploração espacial, e neste livro ele defende a construção de uma base espacial mostrando como seria se nós já a tivéssemos pronta. Melhor de tudo, não parece propaganda. Parece real. Faz você contemplar a vida na Lua como a estivesse vendo agora. Também não é um amontoado de expressões técnicas. Você recebe as regras de esportes como futebol americano linear e basquete 3-D — assim como o voo movido a força humana e as atividades excêntricas do Clube das Primeira Pegadas.

Agora que ele existe, não consigo imaginar qualquer escritor sério de ficção científica tentando descrever a vida lunar sem este livro na mão. Nem posso imaginar um leitor veterano de FC que não ficasse intrigado e entretido folheando suas páginas. Só queria que pudéssemos exigir que nenhum congressista votasse sobre legislação espacial sem antes ter lido **Welcome to Moonbase**. — Trad. Fábio Fernandes.



# CLASSICS

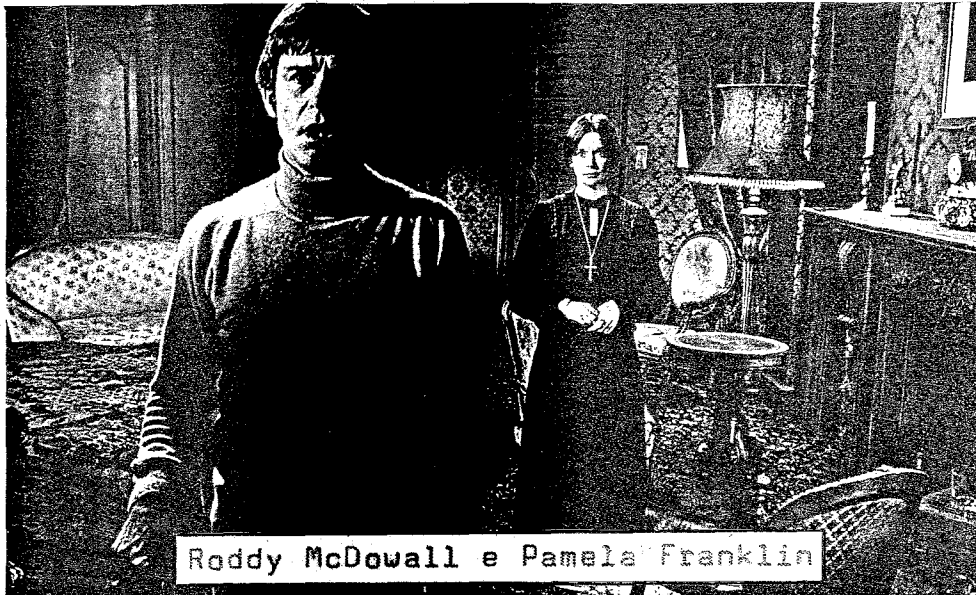
## A Casa Da Noite Eterna

Por GILBERTO SCHOEREDER

As casas mal-assombradas parecem exercer um estranho fascínio sobre as pessoas. Antigas, abandonadas, repletas de cantos escuros ou mesmo passagens secretas que levam a quartos esquecidos pelo tempo, elas são uma constante na literatura de horror. Desde o "Castelo de Otranto" - que deu início à chamada literatura gótica - e o famoso castelo de Drácula, até as casas mais modestas e modernas de "Amityville" e "Poltergeist", elas têm sido um centro de concentração de energias negativas, fantasmas e todo tipo de coisas ruins, aterrorizando as noites e, muitas vezes, os dias dos despreparados moradores.

No cinema, um dos grandes filmes abordando o tema foi "A Casa da Noite Eterna", dirigido por John Hough em 73, a partir de uma história e roteiro de um mestre do terror e ficção científica, Richard Matheson. Tem paralelos com outro clássico, "Desafio ao Além" (resemblado em MEGALON nº8) mas, ao contrário desse, mostra os "fantasmas" de forma mais explícita. As sinuções de "Desafio ao Além" se transformam em materializações. Aqui, porém, a utilização de efeitos especiais e a visualização do terror não impedem o bom andamento do filme, graças à habilidade do diretor, ao roteiro muito bem elaborado, às atuações excelentes de todo o elenco, e à agilidade da câmera, a cargo de Alan Hume.

Clive Revill interpreta um investigador de fenômenos psíquicos. O proprietário de uma mansão abandonada contrata-o para desvendar o mistério que cerca o lugar. E ele reúne o seu grupo de estudos. Sua esposa (Gayle Hunnicutt), a jovem médium Pamela Franklin, e o médium Roddy McDowall, que é o único sobrevivente do último grupo de estudos psíquicos que visitou a mes-



Roddy McDowall e Pamela Franklin

ma casa anos antes. Desde o início, ele é o único a manter uma atitude de respeito com relação aos acontecimentos que começam a se verificar no local. O seu sagredo é manter sua mente fechada ao poder que ali existe.

O investigador leva consigo uma série de teorias que pretende por à prova, e uma atitude talvez exageradamente científica. Na verdade, o enredo faz um bom balanço entre dois pontos de vista opostos ao extremo. Revill explicando tudo de forma racional, fria. Pamela Franklin, excessivamente presa a idéias religiosas, místicas, sucumbindo à "personalidade" que se encontra contra presente. O "ser" faz gato e sapato dela, e aproveita a insatisfação sexual da esposa do cientista para utilizá-la para seus propósitos.

O filme apresenta algumas cenas excelentes, muito bem trabalhadas, como a materialização ectoplásmica proporcionada por Franklin, já na primeira "sessão" promovida pelo pesquisador para testar o ambiente e a própria médium. Ou a interessante cena na qual a sombra de uma estátua projetada na parede começa a se mover sensualmente, despertando em Hunnicutt um desejo reprimido. Além de tomadas de câmera por vezes bastante ousadas e uma excelente fotografia que sustenta per-



feitamente o clima de tensão crescente.

Para o final, o cientista arruma uma máquina gigantesca, que tem como função desenergizar a mansão, a sua forma mais racional para acabar com o problema. Só que não acaba.

Existe uma explicação para tudo o que acontece, que pretende se aproximar de uma explicação científica, mas que não convence, e nem parece que seja esta a intenção, mas sim a de manter o resultado final num impasse, uma indecisão quanto ao que realmente existiu, ou existe, na casa.

A CASA DA NOITE ETERNA - THE LEGEND OF HELL HOUSE, INGLATERRA, 1973, ACADEMY PICTURES/20th CENTURY-FOX.

Direção: John Hough

Roteiro: Richard Matheson, a partir de sua história "Hell House".

Fotografia: Alan Hume

Efeitos Especiais: Roy Whybrow

Elenco: Pamela Franklin, Roddy McDowall, Clive Revill, Gayle Hunnicutt, Roland Culver, Peter Bowles, Michael Gough.

Duração: 93 minutos Colorido.

CIÊNCIA - BURACOS NO CÉU - Jorge Luiz Calife - Continuação de página 54

para mantê-lo aberto. A geometria do buraco poderia ser calculada de tal maneira que uma pessoa, ou uma nave espacial poderia passar por dentro dele sem ser destruída. Tudo que seria preciso é um campo de energia negativa do tipo que foi descoberto em 1948 pelo físico holandês Hendrik Casimir. Com esses dados em mãos Carl Sagan escreveu seu livro, "Contato", e mandou seus personagens para as estrelas sem violar as leis da física.

Os físicos entretanto ficaram impressionados com algumas das possibilidades abertas por sua pesquisa. Os buracos de verme tornam possível a viagem no tempo do futuro para o passado. O que acontecerá com o princípio de causa e efeito, se uma pessoa do futuro voltar ao passado e interferir com coisas que já aconteceram? Ninguém ainda sabe, mas esta possibilidade está sendo estudada atualmente pelo físico soviético Igor Novikov, do Instituto de Pesquisa Espacial de Moscou.

FICÇÃO - CHAMADO METÁLICO - Marcos

A. MELO - Continuação de página 42

pessoas começaram a se erguer, numa ação sincronizada. Gary e todos cantavam juntos aquela ardorosa canção que exaltava as batalhas milenares entre o bem e o mal. A multidão, então, completamente hipnotizada, começou a galgar o enorme palco, como um bando de zumbis, enquanto que o roqueiro se metamorfoseava, transformando-se num ente horrendo, bizarro, todo coberto de pelos e desestruturado.

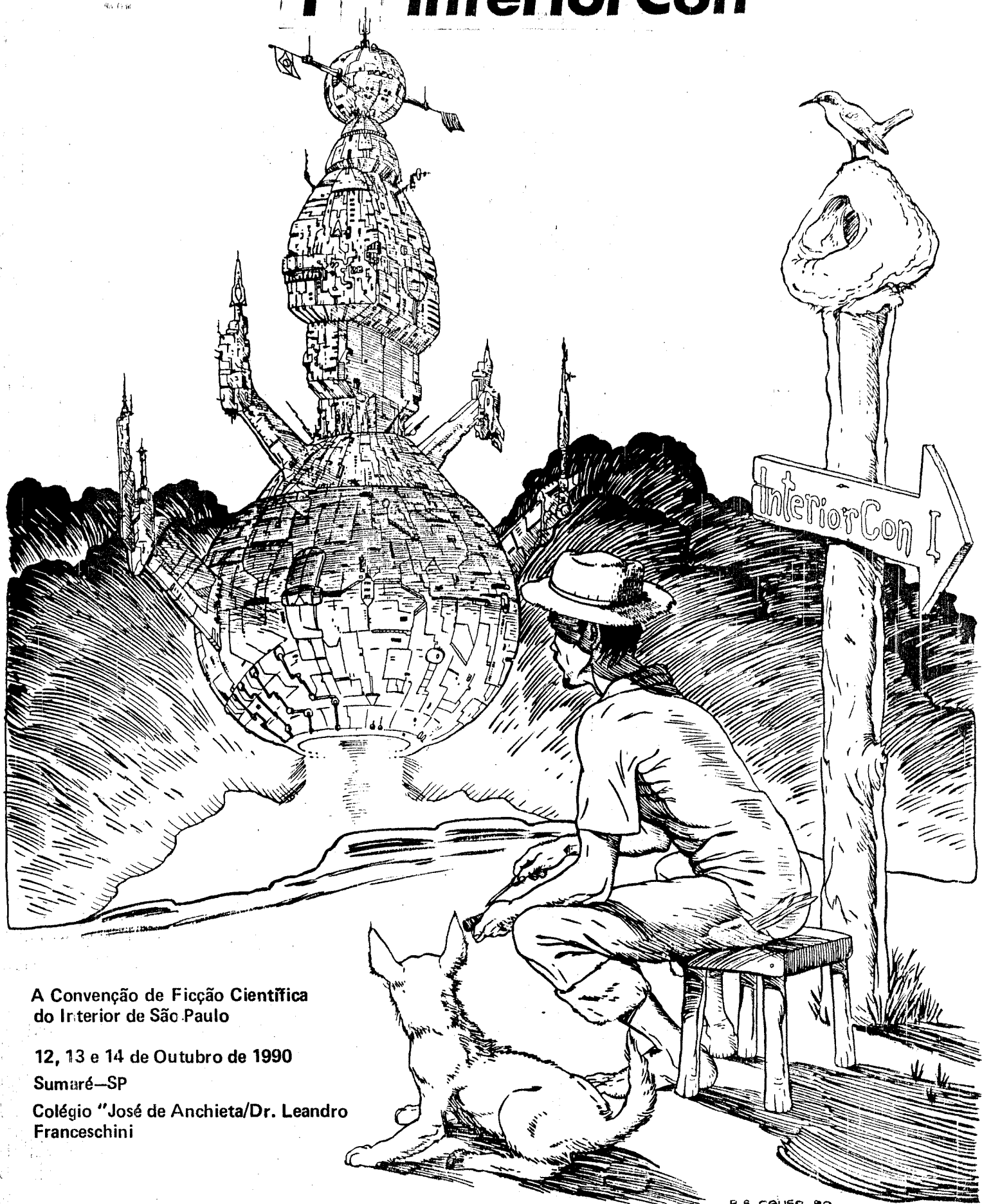
Não, aquele não era Gary Hudson. Naquele momento, eu entendi tudo. Ele morrera realmente na explosão, meses atrás. Este que se encontrava no palco era um ser que deveria estar dentro do casulo, uma criatura que se apossou da carcaça sem vida de Gary.

Deuses, para mim nada mais importava naquele instante. Se Gary estava morto, eu em parte também estava. Não havia mais motivo para minha existência... assim, o que me restou foi ir com os outros pa-

ra junto da criatura inumana. Se ia nos matar, levar-nos para outro mundo, para o desconhecido, isso não mais importava. "Entregar-me-ei ao destino... talvez ele me leve para onde Gary está..."



# I InteriorCon



A Convenção de Ficção Científica  
do Interior de São Paulo

12, 13 e 14 de Outubro de 1990

Sumaré-SP

Colégio "José de Anchieta/Dr. Leandro  
Franceschini

Convidado de Honra: Orson Scott Card. Fã Convidado de Honra: José Carlos Neves. Convidados:  
Ivan Carlos Regina, Henrique Villibor Flory, Rogélio Bonil. Palestras, debates, exposição de arte e modelismo, venda de livros e fanzines,  
sessões de autógrafos e lançamentos de livros. Tema: "Movimento Antropofágico da Ficção Científica Brasileira".

Informações: Caixa Postal 220 - Sumaré-SP - CEP 13170 - F.: (0192) 73 2534.

Apoio: DECET